



Jerusalem

GONÇALO M. TAVARES



Contracapa

“Jerusalém é um grande livro, que pertence à grande literatura ocidental. Gonçalo M. Tavares não tem o direito de escrever tão bem apenas aos 35 anos. Dá vontade de lhe bater!”

José Saramago

(no discursos de atribuição de prémio ao romance *Jerusalém*)

“Os seus "livros negros" já me tinham proporcionado uma felicidade de leitura que, porque rara, me anda a ser preciosa. Este Jerusalém eleva as suas qualidades à perfeição: uma invejável competência literária traz a ferocidade do enredo para uma escrita de beleza sóbria.” — Hélia Correia

“Com a nova literatura estamos por assim dizer num mundo da morte entre parênteses. Talvez nenhum autor comunique melhor esse sentimento que o autor de *Jerusalém*, Gonçalo M. Tavares. Chegou para ficar, num espaço só seu.” — Eduardo Lourenço

Gonçalo M. Tavares

Jerusalém

Livros pretos

Romance

5^a edição

Pr mio Literário José Saramago 2005

Pr mio Ler/Millennium bcp

Este livro foi digitalizado para uso exclusivo de deficientes visuais por Sandra Ferreira em Janeiro de 2008.

GONÇALO M. TAVARES nasceu em Agosto de 1970. Em Dezembro de 2001 publicou a sua primeira obra. Em pouco mais de três anos publicou romances, poesia, teatro e pequenas ficções, recebendo vários prémios — o último dos quais o Prémio José Saramago 2005 com o romance *Jerusalém*. Estão já em curso edições e traduções de doze dos seus livros, em diferentes países.

Livros do autor

LIVROS PRETOS (O Reino)

Um Homem: K1aus K1ump (romance), Caminho, 2003

A Máquina de Joseph Walser (romance), Caminho, 2004

Jerusalém (romance), Círculo de Leitores, 2004; Caminho, 2005

Prémio José Saramago 2005

Prémio Ler/Millennium-Bcp

O BAIRRO

O Senhor Valéry, Caminho, 2002 — Prémio Branquinho da Fonseca da Fundação Calouste Gulbenkian e do jornal *Expresso*

O Senhor Henri, Caminho, 2003

O Senhor Brecht, Caminho, 2004

O Senhor Juarroz, Caminho, 2004

O Senhor Kraus, Caminho, 2005

O Senhor Calvino, Caminho, 2005

ESTÓRIAS

Histórias Falsas, Campo das Letras, 2005

TEATRO

A Colher de Samuel Beckett e outros textos, Campo das Letras, 2003

ARQUIVOS

Biblioteca (Ficção), Campo das Letras, 2004

BLOOM BooKs

A Perna Esquerda de Paris seguido de Roland Barthes e Robert Musil (ficção), Relógio d'Água, 2004

POESIA

1, Relógio d'Água, 2004

INVESTIGAÇÕES

Livro da Dança, Assírio e Alvim, 2001

Investigações. Novalis, Difel, 2002

Prémio Revelação de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores *Investigações Geométricas*, Edições Teatro do Campo Alegre, 2005

Água, Cão, Cavalo, Cabeça (ficção), colecção O Campo da Palavra, Caminho, 2006

JERUSALÉM

(5.^a edição) Autor: Gonçalo M. Tavares

©) Editorial Caminho, SA, Lisboa — 2005

Tiragem: 2000 exemplares

Impressão e acabamento: SIG — Soe. Ind. Gráfica, Lda.

Data de impressão: Junho de 2006

Depósito legal n.O 224 374/05 ISBN 972-21-1704-1

www.editorial-caminho.pt

Livro impresso em papel *offset standard* da Soporcel, amigo do ambiente

Capítulo I

Ernst e Mylia

Ernst Spengler estava sozinho no seu sótão, já com a janela aberta, preparado para se atirar quando, subitamente, o telefone tocou. Uma vez, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, catorze, Ernst atendeu.

Mylia morava no primeiro andar do número 77 da Rua Moltke. Sentada numa cadeira desconfortável pensava nas palavras fundamentais da sua vida. Dor, pensou, dor era uma palavra essencial.

Havia sido operada uma vez, depois outra, quatro vezes operada. E agora aquilo. Aquele ruído no centro do corpo, no miolo. Estar doente era uma forma de exercitar a resistência à dor ou a apetência para se aproximar de um deus qualquer. Mylia murmurou: a igreja está fechada de noite.

Quatro da manhã do dia 29 de Maio, e Mylia não consegue dormir. A dor constante vinda do estômago, ou talvez mais de baixo, de onde vem exactamente a dor larga, que não pertence a um ponto? Talvez da parte de baixo do estômago, do ventre. O certo é que eram quatro da manhã e ainda não descansara um minuto. Fechar os olhos quando se tem medo de morrer?

Levantou-se. Mylia era uma mulher magra, mas forte. Não utilizava os dedos para ninharias. (Muitas vezes repetia a frase: não utilizar os dedos para ninharias.) Concentrava-se; sabia que tinha poucos anos de vida; a doença veio: ficamos juntas uns anos, depois ela permanece e eu parto. Pois bem, havia que concentrar a energia que existe nos dias ou que existe num corpo e se dirige aos dias, concentrá-la — à energia — como a um rolo de carne, estar pronta para agir. Dispensando ninharias. Os dedos devem tocar só no que é espesso, no que é fundamental; o urgente tem de coincidir com o essencial, com o que altera de alto a baixo. Como uma pancada forte no momento em que a recebemos: todas as coisas do dia mais insignificante se devem aproximar desse momento em que se recebe uma pancada forte. Mylia olhava-se ao espelho: estou viva e já dei um passo mau. Estar doente é ter dado um passo mau, um passo diabólico, murmurou Mylia. Uma doença que altera de alto a baixo.

Mas nesse dia, às quatro da manhã, decidira sair de casa. De noite a dor desce sobre o corpo de modo distinto. Como um concentrado químico, uma substância que lentamente desliza por um declive mínimo que os olhos mal conseguem perceber. Entre o dia e a noite a superfície não é plana. Um ligeiro declive.

Concentrada a dor nesse sítio largo que não era um ponto — entre o baixo estômago e o ventre — Mylia estava na rua à procura de uma igreja.

Surpreendido, um vagabundo diz que não sabe. Uma igreja?, pergunta.

É de noite, diz o homem, podem roubá-la. Não deve procurar uma igreja, mas sim a polícia para a proteger. Onde quer ir a estas horas? Eu podia roubá-la, senhora.

Mylia sorriu, afastou-se. A dor não a deixava concentrar-se num diálogo.

Não quero a polícia, quero uma igreja. Sabe se estão fechadas a esta hora?

Os pés distantes dos sapatos. Era evidente que os sapatos rasos, à homem, que Mylia usava, obedeciam ao movimento dos pés. Ossos e músculos têm vontade, o material de que são feitos os sapatos não. O material de que são feitos os sapatos é treinado para obedecer, sobre isso não tinha dúvidas. Obedeçam sapatos, murmurou Mylia, com uma perversão ingênua. Como as substâncias se separavam logo à partida entre as que avançavam com a vontade própria e as que esperavam com obediência estática (e nisso dividiam-se como alguns homens)! Os sapatos eram a obediência pura, a escravidão mesquinha, enojavam-lhe naquele momento; a sabujice destes materiais em relação ao homem. Nenhum cão é tão sabujo como estas substâncias.

Não há possibilidade de diálogo entre substâncias que nascem logo em campos opostos, em campos, não inimigos, que isso seria pensar na possibilidade de combate, de chamamento de energias, possibilidade de elevação do homem que agarra na arma para combater; ali, pelo contrário, o afastamento não era entre substâncias inimigas ou entre dois predadores que se preparam para combater por um pequeno território; tratava-se simplesmente de passividade absoluta de um lado, e do outro energia forte, que constrói ou destrói, mas que modifica

sempre. Não somos uma coisa que espera, murmura Mylia, enquanto avança a passos fortes para a igreja.

— A igreja está fechada. Sabe que horas são? Quase cinco da manhã. E não deveria estar aqui. De noite esta zona é má, é uma zona perigosa.

Mylia sentiu vontade de rir em frente ao bom homem. Zona má porque perigosa! Ela que vem com a doença, uma doença que já está dentro e a vai matar num ano, dois, não mais. Ela que está com a morte fechada num sítio de onde já não sai; ela quer precisamente o perigo, aquilo que ainda a excite, que ainda revele nela energia suplementar. Esteve à beira de dizer ao homem, certamente trabalhador na igreja em ofícios menores, esteve tentada a dizer: se esta zona é perigosa, não é uma zona má. Aqui se poderá construir.

Porque o perigo era uma pergunta para a qual se teria de encontrar resposta rapidamente. E o que necessito é de uma boa pergunta, de uma pergunta exacta, pergunta que me obrigue a encontrar uma grande resposta, aquilo que dê sentido. A doença já não é um lobo que eu possa assustar com algo mais forte. Não é o lobo assustável, já não se separa de mim.

Mylia disse:

— Não tenho medo do perigo, só queria entrar na Igreja, agora.

— São cinco da manhã. Está tudo a dormir. Esta zona é perigosa. Deve voltar a casa. De manhã já todos descansámos; nessa altura encontrará o que quer. A esta hora não se recebem bons conselhos. As pessoas estão cansadas.

Mylia permaneceu por instantes em silêncio; contorceu-se com a dor estranha que sobressaía, lateralmente, da grande dor constante vinda do estômago. Esta outra dor vinha de um sítio mais acima.

— Desculpe, senti uma dor.

— Deve regressar a casa; é muito tarde.

Mylia recompôs-se. Perguntou:

— Há alguma igreja que ainda esteja aberta?

O homem despediu-se ou foi Mylia que se afastou. A pequena porta lateral fechou-se; tudo encerrado, até a pequena porta lateral. Um edifício-prisão, Mylia começou a rodeá-lo.

Havia um trabalho em altura, os homens tinham subido a escadotes para fazerem a igreja. Em pontas dos pés para pegar em tijolos, pensou Mylia, divertida. Elevar-se para colocar um tijolo uns centímetros mais acima, que bela tarefa para um homem.

Mylia teve um pensamento que ainda a fez sorrir mais e logo a seguir corar. Sentia uma pressão na bexiga.

Passava das cinco da manhã. As portas estavam fechadas, o homem mais simpático (ou o mais atento aos ruídos à volta da igreja) falara com ela, um homem insignificante que pedira desculpas por a igreja estar fechada.

Mylia conhecia o mundo: um homem que às cinco da manhã pede desculpa a um desconhecido é um ser mesquinho.

Deve limpar as imundícies, pensou, mas logo se arrependeu dessa imagem.

Porém não era esse pensamento que a fizera corar. Mylia estava com a bexiga cheia, e ali, em redor da igreja, não se via ninguém. O que ela pensou foi isto: um homem orgulhoso e com pouco respeito pelo mundo que existe à volta, se estivesse com a bexiga cheia, encostar-se-ia à parede, pegaria no seu pénis e começaria a urinar. E a vontade de Mylia naquele momento era fazer isso mesmo: urinar para a parede exterior da igreja.

Não era tanto o desejo de deixar a sua marca como os cães, num sítio onde não a tinham deixado entrar; não se tratava ainda de qualquer instinto de provocação ou de repulsa face aos horários de atendimento que, naquele dia, por azar, não haviam coincidido com os seus desejos e necessidades, nada disso: Mylia ia fazer quarenta anos, já não investia em acções somente para provocar. E estava doente: decidira concentrar a energia que lhe restava: qualquer acção dirigia-se única e

exclusivamente para si própria. Ajo para mim, actuo como se vivesse em frente ao espelho. Egoísmo ou, afinal, boa economia dos impulsos.

A vontade de urinar junto à parede da igreja não passava pois por qualquer exibicionismo. Era a imagem vertical, humana no seu sentido mais biológico, de um homem em pé, segurando no pénis e urinando contra a parede da igreja às cinco da manhã, era essa imagem que Mylia perseguia e de certa maneira, naquele momento, invejava. Nunca até ali se arrependera de ser mulher (ou tentara fazer algo 'masculino'), mas naquele momento, de uma maneira estranha e desnecessária — pouco racional mesmo — sentia nojo em não ser homem. Como se tivesse falhado desde o início.

Para ela era evidente que se decidisse urinar, àquela hora da noite, contra a parede da igreja, não conseguiria escapar ao ridículo. Em que posição cumpriria esse acto? De frente ou virando as nádegas, encostando-as à parede, dobrando-se e urinando? Qualquer das opções a obrigaria a curvar-se ligeiramente, e era o 'ligeiramente' que a irritava. Um ser vivo ou se curvava por completo, atirando-se para o chão, se necessário, assumindo a cobardia, ou mantinha-se direito, sem uma única hesitação. E ela não poderia fazer isso. Em qualquer das alternativas fortes do corpo ela sujaria as calças. Assim, o passo que deu a seguir, afastando-se ligeiramente da parede da igreja, foi sentido como humilhação, como a manifestação de um: *não sou capaz*.

Surgiu-lhe depois uma outra imagem. Se alguém a visse urinar junto à parede pensaria estar perante uma louca. Mylia tinha pequenos medos, medos domésticos; assustava-se, como tantas pessoas que conhecia, com ratos, era atravessada por um histerismo inútil no momento em que um desses pequenos animais cinzentos se atravessava no seu caminho; temia também a violência física. Um medo grande, este: o do contacto físico violento com outros humanos. E desde cedo se protegera. *Podem partir-me*, lembrava-se de pensar. E assim se afastara. Aproximava-se das pessoas apenas quando tinha a certeza de ser bem tratada. *Tocada pela mão boa*. Era, pois, com muita estranheza que Mylia observava alguns homens e mulheres que adoravam o confronto corpo a corpo, a agressividade entre matérias, o conflito. O outro grande medo de Mylia era o de alguém voltar a olhar para si e murmurar: eis uma louca!

Não queria voltar a parecer louca. Era evidente que logo a seguir à constatação errada (eis uma louca!) as pessoas veriam que ela não o era, e que fazia afinal o que as pessoas normais faziam, porém bastava um olhar que a considerasse fora da razão, bastava pensar nessa hipótese para ficar aterrorizada. Ninguém mais dirá que estou louca, murmurava Mylia.

Mylia afastara-se por momentos. Não cairia no ridículo de se posicionar como alguém que não domina o próprio corpo só para urinar contra a parede de uma igreja. Afastou-se algumas dezenas de metros em direcção ao pequeno jardim e depois de se encostar a uma árvore colocou as nádegas em posição; e urinou.

Não havia ninguém à volta e a dor no estômago prosseguia. Não trouxera qualquer papel, dobrou-se, arrancou com a mão algumas ervas e limpou-se com elas. Largou-as, puxou as cuecas e as calças e recuperou a sua posição. A igreja continuava à sua frente, silenciosa. Em me nos de três horas o dia começaria e a claridade era para Mylia uma ameaça evidente, uma ameaça material. Não encontrara a igreja aberta, porque era de noite, mas agora não cometeria o erro de ser vista por ali, de manhã; todos perceberiam que ela estivera à procura de algo e nada encontrara. Detestava exhibir-se no momento em que estava fraca e depois da breve humilhação frente ao homem mesquinho que lhe abrira a porta lateral da igreja, depois dessa fraqueza: *procurar algo que estava fechado*, Mylia começava a recuperar o instinto animalesco de só aparecer quando se está forte. E ela bem conhecia esse instinto, conhecia-o ao milímetro, bem se poderia dizer, pois a sua doença obrigava-a constantemente a adiar a possibilidade de cruzamentos: nunca se encontraria com alguém num dia em que estivesse com demasiadas dores. Tal seria desistir de ser humana, já o percebera. E Mylia, mesmo sabendo que não duraria mais do que alguns meses, e que poderia mesmo morrer em poucas semanas, não desistira de ser humana. Orgulho, repetia por diversas vezes. Nunca percas o orgulho.

No entanto, Mylia começou a sentir algo no estômago. A princípio esse aviso deixou-a perplexa: não era *a sua* dor, era outra coisa, mas igualmente forte, mais forte ainda.

Que ridículo, apeteceu-lhe dar uma gargalhada. Estou com fome, murmurou, há horas que não como. Estou aqui de noite, sozinha, mas o meu estômago veio; estou acompanhada.

O motivo de troca foi, logo de imediato, motivo de reflexão e de um certo temor, pouco explicável. Aquela dor no estômago, que manifestava a vontade de comer, essa dor era agora mais forte que a outra: a dor constante da doença, a dor que lhe traria rapidamente aquilo de que todos os grandes e pequenos medos fogem. Como é possível, perguntou-se Mylia, que a dor provocada pela vontade de comer pão seja mais forte? Porque os médicos já o garantiram: vou morrer da dor que agora não consigo ouvir.

Ela percebeu, claramente, que ali, junto à igreja, estavam em competição duas dores grandes: a dor que a ia matar, a dor má, assim ela a designou, e, do outro lado, a dor boa, a dor do apetite, dor da vontade de comer, dor que significava estar viva, a dor da existência, diria ela, como se o estômago fosse, naquele momento, ainda em plena noite, a evidente manifestação da humanidade, mas também das suas relações ambíguas com os mistérios de que nada se sabe. Estava viva, e essa circunstância doía mais, naquele momento, de um modo objectivo e material, do que a dor de que ia morrer, agora secundária. Como se naquele momento fosse mais importante comer um pão do que ser imortal.

Mylia olhou para todo o lado: onde posso comer algo a esta hora? Nenhuma luz, ninguém.

Mylia contornou de novo a igreja. Nenhuma luz nas proximidades, revelando que o mundo estava morto, ou ainda não tinha nascido.

A bexiga esvaziada trazia-lhe um conforto inesperado. Resolvera já uma dor, dir-se-ia, como se naquela noite Mylia estivesse afinal dentro de um jogo, sem se ter apercebido; jogo que lhe ia colocando à frente — ou mais propriamente: dentro dela — problemas para resolver, que não eram mais do que dores físicas, materiais, coisas concretas do próprio corpo. Já havia resolvido uma charada: esvaziara a bexiga junto a uma árvore e a bexiga acalmara-se: uma dor a menos. A urina saiu; a urina a mais no corpo dói.

Mas ainda tinha outras dores no corpo para resolver, e sabia que uma, pelo menos, era irresolúvel. Uma palavra, aliás, era importante; os médicos, vários, à frente dela haviam-na utilizado: isto não tem solução. Só um *milagre*.

O primeiro choque: apresentava um problema aos médicos: uma dor, estava doente; eis um problema, uma charada orgânica. E os médicos respondiam-lhe encolhendo os ombros, com certa tristeza mais ou menos profissional, mas sem acções, sem propostas: *isto é irresolúvel. A sua doença não se pode tratar*. Apresentara um problema aos médicos e estes devolviam-no, no mesmo estado, sem interferir: *a questão intacta*. Por que tenho de morrer?

Mylia está agora nas traseiras da igreja, põe a mão no bolso e tira de lá o pequeno objecto que deixa escapar pó. Um giz branco. Giz para escrever na ardósia. Esquecera-se dele no bolso. De manhã desenhara uma casa na ardósia que guardava na sala. Desenhara a casa onde iria morar se entretanto não morresse. Não morrer nos próximos meses seria para Mylia o mesmo que entrar na *sua* imortalidade. Se não morrer, dizia, transformo-me num ser imortal. Dois anos.

Mas, entretanto, o giz na mão: ela gostava de desenhar com aquilo. Um desenho grosso, como lhe chamava.

Segurando o giz na sua mão direita, aproximou-se das traseiras da igreja. De noite parecia que a parede era de cor amarela, mas Mylia não poderia ter a certeza. A noite deturpava as cores, quando não as eliminava. Mas o giz dela, por sorte, era branco, obscenamente branco, sentiu ela, e sorriu.

Subitamente, sem pensar no que fazia, escreveu com o giz na parede, utilizando umas letras de tamanho muito pequeno, quase imperceptível; ela escreveu: *fome*.

Mylia olhou para a restante parede e pensou: o que devo escrever mais, aqui, nas costas de uma igreja, às cinco da manhã?

Tentou lembrar-se dos livros que lera e de frases para aquele momento e para aquela parede.

Sentiu, entretanto, novamente, uma intromissão forte do estômago, da sua segunda dor. Baixou a mão, deixou cair o giz, e pouco a pouco começou a caminhar em direcção a outra rua. Estava com fome, a dor começava a tornar-se insuportável.

Cada vez a acelerar mais o passo, Mylia ia pensando, quase divertida, Estou cheia de fome, já não vou morrer! É impossível morrer com tanta fome!

Mylia, de facto, sentia-se segura, estranhamente: aquela dor de fome era uma garantia, uma garantia de imortalidade, pelo menos momentânea. Não posso morrer, assim, de repente, da outra dor, se esta dor agora está tão forte! E sentindo-se segura tentava distrair-se da vontade de comer. Se comer esta dor passa, e depois vem a outra e, dessa sim, posso morrer.

Lá ao fundo uma luz, talvez um café já aberto, e ao lado direito uma cabine telefónica. Ela parou, dirigiu-se à cabine. A dor no estômago não cessava; preciso de comer alguma coisa rapidamente senão morro, murmurou Mylia; e riu-se. Pegou em moedas, pôs uma na ranhura, marcou um número, o sinal de linha começou. Ninguém atendia. Quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, catorze: atenderam. Ernst, disse Mylia, estou junto à igreja. És tu?

E Mylia desmaiou.

Capítulo II

Theodor

Theodor acabara de abrir a revista nas páginas centrais onde uma mulher deitando sangue do nariz, nua, numa cama, com as pernas abertas, exibia ostensivamente a vagina. Numa outra fotografia a cara da mesma mulher e o sangue no nariz a escorrer com força. Numa terceira fotografia a mulher, agora vestida, abria muito a boca encostada à câmara. Eram visíveis, ao fundo, alguns dentes pretos.

Theodor voltou atrás duas páginas. Olhou de novo a fotografia onde a mulher, deitada na cama, exibia a vagina. Os pêlos púbicos desordenados formavam uma mancha quase assustadora, *mancha perigosa*, murmurou Theodor no meio de um pequeno risinho.

Theodor levantou-se e dirigiu-se à janela. A noite era apenas perturbada por candeeiros que deixavam cair, a medidas certas, uma luz sobre a natureza, uma luz de quantidades já experimentadas, eficazes contra crimes de um lado e medos do outro, uma luz de certo modo científica, reconhecia Theodor.

Nessa noite ele estava simultaneamente excitado e nostálgico. Uma estranha mistura de estilos sentimentais, pensava Theodor, com um certo gozo.

A janela tornava-se, naquele momento, a intermediária da contradição. Uma forte energia puxava, por um lado, Theodor para fora da janela, e dava-lhe ordem para descer as escadas e para rapidamente procurar companhia. *Procura pêlos públicos*, Theodor, *uma compensação pública*, murmurava ele com um sorriso perverso. *O mundo tem obrigação de me compensar pelos dias maus.*

Por outro lado, depois de ter olhado para as imagens daquela mulher a exhibir o sexo, e de modo imprevisto, Theodor não escapava a uma estranha nostalgia. Em certos instantes a janela deixava de mostrar a noite que prosseguia na cidade, e reflectia apenas o rosto de Theodor Busbeck, médico, investigador cuja reputação decrescia, ex-marido de Mylia Busbeck.

Os coveiros praticavam ofícios laterais ao seu destino, e os gestos ao longe não eram perceptíveis: poderiam estar a cometer um crime ou simplesmente a fazer horas extraordinárias. Às três da manhã teriam de ser mesmo extraordinárias essas horas — pensou Theodor — e, espantado ao ver tanta agitação profissional no cemitério, aproximou-se:

— Que fazem? Comem mortos?!

Eram dois homens vestidos com o mesmo uniforme, o que revelava de imediato ordem e não crime. Pás nas mãos, e luvas. Os homens levantaram a cabeça em direcção a Theodor.

— Sou médico — apresentou-se. — Theodor Busbeck, médico.

Um dos homens cumprimentou, levantando a mão, disse o seu nome, mas as sílabas não se perceberam distintamente. O outro também se apresentou:

— Kruch, trabalhamos aqui — disse.

— Vejo que sim — respondeu Thomas. — Dois homens com pás na mão têm de estar a fazer coisas.

— Tratamos dos mortos nocturnos, doutor — disse, sorrindo, o homem que se apresentara como Kruch.

— Uma invenção recente, essa.

— Caro doutor — disse Kruch, mudando de tom —, peço desculpa, mas não pode estar aqui.

Theodor Busbeck calou-se. Olhou para o homem que se apresentara como Kruch e depois para o outro, que o fixava com um ar indiferente. Não tinham largado as pás por um minuto, mas era impossível perceber o que faziam.

— Se alguma vez precisarem de mim... — disse Theodor, despedindo-se — sou médico.

— Se um dia estivermos a morrer — respondeu, seco, o homem que se apresentara como Kruch.

Theodor Busbeck afastou-se.

As articulações dos joelhos doíam-lhe. *A temperatura da noite alarga os ossos*, pensou Theodor, misturando, num único pensamento,

tendências médicas e místicas. Duzentos metros mais à frente, já bem afastado da porta do cemitério, parou, dobrou a perna direita e depois a esquerda. Uma dor constante permanecia nas articulações dos joelhos.

De novo repetiu a operação: dobrou uma perna, depois outra. Prosseguiu, por fim, em direcção ao centro.

Depois de uma breve conversa com dois coveiros macabros, pensava Theodor, dirigimo-nos agora em direcção a um bordel. A terapêutica da nostalgia foi realizada no cemitério, tratemos agora do pénis, pensou Theodor, murmurando a última palavra de modo explícito, como se a dissesse a alguém, ou como se necessitasse de a dizer exteriormente para perder o breve pudor que ainda lhe restava.

Capítulo III

Hanna, Theodor, Mylia

Desde há minutos que Hanna observava atentamente as suas pálpebras. Encontrando-se elevado de mais, o espelho obrigava-a a colocar-se em bicos de pés. Só com muito esforço conseguia ver os próprios lábios. Nesse momento, porém, retocava a cor das pálpebras com um tom roxo.

Os dedos de Hanna dominavam aquele minúsculo aparelho científico, se assim se pode designar; aparelho científico para a beleza, uma utilidade que se mantém de século para século. Com o lápis de cor roxa nos dedos havia em Hanna a concentração do cirurgião no momento-chave de uma operação delicada; na mão direita a tensão tinha no seu centro uma lucidez que nunca perdia de vista o objectivo. A cor introduzida quase microscopicamente na beleza não visava porém o estado de beleza inerte; a cor não queria homenagens, mas sim entusiasmos. Uma beleza que tenha efeitos, não uma beleza para espectadores. E por beleza portadora de efeitos entendia-se o estado que na mulher provoca acções.

Acções criadoras, viris. Hanna não pintava as pálpebras de cor roxa para ser amada, mas sim para que a solidão de um homem visse ali uma interrupção exuberante. Mais do que na sua saia minúscula e na camisa amplamente decotada, Hanna confiava na cor roxa das pálpebras que, associadas a um olhar fundamental, perturbariam, mais uma noite, estava ela certa, os homens de que precisava. E em Hanna esta expressão — *olhar fundamental* — fazia sentido. Hanna era uma prostituta insólita, cujo maior excitante surgia no modo de olhar, em que coincidiam a perversão ilimitada e a inteligência racional. Tinha um olhar de quem está a experimentar, de quem está de fora a ver o que sucede às coisas; olhar de cientista. E esse olhar era exterior até em relação ao próprio corpo; Hanna via de fora o que lhe acontecia depois de o homem lhe passar o dinheiro e o dono da pensão a chave do quarto; quarto onde uma cama de formas quase românticas calava profissionalmente as inumeráveis fôrnicacões ali ocorridas. Mas por todo o quarto cheirava mal.

Hanna desceu finalmente dos seus bicos de pés e deixou de se ver ao espelho. Guardou o bisturi estético e pegou na sua pequena mala preta. Estava, juntamente com seis outras mulheres, num rés-do-chão da Rua Georg-Lenz.

— Vou sair — disse. — São três da manhã, se não chegar até às seis é porque alguém me matou. — E dando uma risada, bateu com a porta.

Enquanto caminhava sob a luz dos candeeiros Theodor Busbeck não pôde deixar de se lembrar de Mylia, a sua ex-mulher. Conhecera-a tinha ela dezoito anos, e um episódio os juntara de imediato. Theodor, bem mais velho, era já médico nessa altura, e os pais de Mylia levaram-na ao seu consultório.

— A nossa filha não tem saúde — esta foi a primeira frase que ouviu sobre Mylia, aquela que viria a ser a sua única mulher.

3

- Não é saudável? Quem diz isso?
- Nunca foi. Desde criança que tem aparições, como ela gosta de dizer.
- Aparições.
- Ela vê. Diz que vê.
- Ninguém vê o que o outro vê — murmurou o médico Theodor.
- Temos de acreditar no que nos dizem.
- ... diz ver a alma.
- Excelente! — exclamou de imediato o jovem médico Theodor.
- É um luxo, pode dizer-se. Por enquanto, nós, os médicos, só temos aparelhos para ver os rins e materiais semelhantes; tudo mesquinho. Se a sua filha vê a alma, óptimo. É o que se chama ver bem ao longe!
- Theodor foi o único a rir.
- Mande-a entrar — disse, finalmente. — Vamos ver o que ela tem.
- Mylia entrou. Tinha dezoito anos, uma beleza incómoda, quase violenta. Theodor começou de imediato a mexer nuns papéis da sua secretária, os dedos inquietos.
- Sente-se — disse Theodor. — Chamo-me Theodor Busbeck e este é o meu consultório. Os seus pais vão já sair. O médico deve estar a sós com os seus pacientes.

Capítulo IV

Theodor, Hanna, Mylia

Suspendendo a respiração por instantes Theodor logo de seguida enviava o ar quente em grande quantidade para as mãos. As ruas estavam desertas, ele ainda se encontrava a alguns quarteirões do centro, mas havia, jáali, naquela rua, um pressentimento, um cheiro a *espírito* humano, a movimento que transforma; certos sons longínquos surgiam agora cortando a redundância de nada acontecer. Algures, os seres humanos já se começavam a divertir.

O próximo século será o da seriedade ou então perderemos tudo o que conquistámos, pensava Theodor. Se continuarmos a gastar a nossa energia criativa em divertimentos inúteis, em prostitutas e anedotas fáceis, em breve surgirá uma outra espécie animal, mais circunspecta e inapta para o bom humor, que tomará conta, em pouco tempo, das nossas instituições principais. A tendência para contar anedotas pode fazer cair uma cidade, pensava Theodor com alguma ironia — uma espécie animal que se afaste do divertimento e do prazer terá grandes vantagens biológicas em relação aos seres humanos; e Theodor não deixava de olhar para o seu caso: médico importante, investigador muito admirado há três ou quatro anos atrás, que, naquele preciso momento, três e pouco da manhã, numa rua da cidade, caminha para o centro, absolutamente excitado, sem conseguir desligar-se da fotografia que há pouco vira, da mulher deitada na cama, com sangue no nariz e as pernas ostensivamente abertas, exibindo a vagina rodeada de pêlos púbicos; avançando, pois, estava Theodor Busbeck, a passo firme, dirigindo-se para a absoluta inutilidade, para o absoluto tempo perdido, um tempo de excitação, sim, de pura excitação, de divertimento, e portanto de eficácia negativa, em suma: tempo de não-humanidade, tempo onde não se constrói. Se fôssemos só isto, o que eu sou neste momento, a caminhar apressado com o pénis duro, desejando encontrar rapidamente uma mulher, se fôssemos só isto seríamos agora os cães dos nossos cães.

Os cães dos nossos cães, repetiu Theodor, instantes antes de começar a ver, ao longe, uma prostituta a aproximar-se, a passo

também firme — o que não deixava de ser estranho —, passo simétrico ao seu; com uma saia curta e um decote ostensivo. Era Hanna.

Com dezoito anos Mylia sabia já como humilhar os homens. Conhecía o intervalo existente entre a sedução e a repulsa e sabia manipular esse espaço: reduzindo-o, ampliando-o, fingindo que ele não existe para logo a seguir o exibir de modo ostensivo. Só se humilha quem se aproxima, sabia já por instinto Mylia, e preparava-se assim para exercer essa habilidade perversa — de puxar primeiro para depois empurrar — sobre aquele médico que avançava, logo nos primeiros segundos após a saída dos seus pais, para algo que Mylia receava e desejava: um interrogatório.

— Sou esquizofrénica — disse ela, sem deixar que o médico Theodor Busbeck abrisse a boca. — Li nos livros. Sei bem o que sou. Sou esquizofrénica, louca. Vejo coisas que não existem e sou perigosa. Quer-me curar?

3

— Olá — disse Theodor.

A prostituta abrandou o passo.

— Agora não dá — disse ela. — Daqui a uma hora encontra-me no centro da cidade. Chamo-me Hanna. Verá que vale a pena. Estou na Rua Klirk Purch. Vá lá ter. Espero por si.

Hanna afastou-se e retomou o seu passo acelerado. Theodor ficou parado a olhar.

Tudo lhe agradara: os olhos, a forma orgulhosa como ela falava, o nome, o dizer que estava à sua espera, a rua onde se encontraria daqui a uma hora, tudo; principalmente a rapidez com que o encontro se desenrolara, a eficácia do corpo e das informações. Em poucos segundos Theodor ficara conquistado e com toda a informação necessária para a reencontrar. Uma autêntica cirurgiã, murmurou. Daqui a uma hora na Rua Klirk Purch.

— Sou esquizofrênica — repetia Mylia no primeiro dia em que se cruzou com aquele que viria a ser seu marido: Theodor Busbeck. — Esquizofrênica.

— Você não é médica — disse-lhe Theodor.

— A minha mãe chama-me louca; você sabe mais do que quem vive comigo?

— Devíamos fazer exames.

— Pode perguntar — disse ela.

— Não são apenas perguntas/exames médicos.

— Perguntas, apenas.

— Perguntas não são exames médicos, toda a gente pode fazer perguntas — disse Theodor.

— Faça você as perguntas boas.

— E quais são essas perguntas?

— Por exemplo: se alguma vez eu estive com um homem.

— E alguma vez esteve com um homem?

— Não.

— Muito bem. Já lhe fiz uma pergunta boa, uma pergunta que me pediu para fazer. Posso agora fazer as minhas perguntas?

— Não.

— O seu nome completo é?

— Mylia. Não quero mais nome nenhum. Este basta.

— Mylia, é bonito.

— Todos os médicos depois de me perguntarem o nome dizem que o nome é bonito.

— É sinal de que é verdade.

— É sinal de que é mentira.

— Mylia é um nome bonito e você é uma rapariga bonita.

— Vá à merda.

— Posso fazer-lhe outra pergunta.

— Faça.

— Os seus pais?

— Sim?

— Os seus pais... agradam-lhe?

— A minha mãe chama-me louca e tem razão. Uma vez atirei-lhe o copo à cara. Ainda tem marcas. Viu?

— Não reparei.

— Mas tem. Não estou a mentir. Quer que a chame?

— Não. Responda à pergunta que lhe fiz — disse Theodor.

— Vá à merda!

— Os seus pais disseram-me que a Mylia consegue ver a alma.

— É verdade.

— E como é que ela é?

— Tem pêlos púbicos.

— Está a brincar comigo.

— Estou.

— Acredita em Deus?

— Acredito em tudo o que aprendi antes dos seis anos. Com seis anos sabia mais histórias da Bíblia que histórias infantis.

— Então acredita em Deus.

— Acredito em tudo o que aprendi antes dos seis anos. Tudo o que me disseram a seguir é mentira.

— Simpatizo consigo, Mylia. Espero que possamos voltar a falar.

— Vá à merda!

Theodor Busbeck procurava na biblioteca documentos acerca dos campos de concentração, o seu modo de funcionamento, localização em diversos países e épocas — quando a rapariga Mylia se sentou ao seu lado e de imediato reparou nas fotografias de horror que as páginas em aberto deixavam ver. Mylia nada disse, quase que se diria ter assobiado ligeiramente. O seu dedo indicador da mão direita inspeccionava uma pequena falha na madeira da mesa. *Uma falha triunfal*, pensou Mylia.

A matéria das coisas era a grande ocupação dos seus dias. A matéria convencia-a. A madeira, os vários tipos de pedra e tecido, a esponja.

O que havia percebido da matéria, até agora, era isto — ela só tinha dezoito anos, chamavam-lhe louca —, tinha a certeza de não ser capaz de grandes descobertas, mas sabia isto: cada matéria tem uma velocidade de mudança própria, rapidíssima ou lenta, e é esse índice de velocidade de mudança que diferencia os vários materiais.

O ovo, qualquer ovo, era para Mylia um material perturbante. O que mais rapidamente muda, o que é composto de maior desassossego, o que existe já para ser outra coisa. Havia em qualquer ovo uma espécie de altruísmo material, concreto, que ela não via em mais nenhuma coisa do mundo. Aparecer porque se quer desaparecer. Aparecer porque se quer fazer aparecer outra coisa. O altruísmo material era o altruísmo moral e não havia outro. O espírito não é generoso, o imaterial não é generoso: que pode perder o que não existe?

Theodor Busbeck gostava de ter a rapariga Mylia ao seu lado. Quando Mylia amuava ficava como uma planta, encostada a um sítio calculado por instinto, mas que parecia, ao mesmo tempo, exacto, e consequência de longos estudos: ela afastava-se de Theodor, mas não para o canto oposto do compartimento; afastar-se de Theodor era para Mylia não estar em contacto físico directo, não lhe sentir o calor. Uma cadeira ao lado bastava.

Mylia tinha associações destas: uma vez recolhera batatas do solo e havia nelas um calor invulgar, um calor que a surpreendeu; *um calor*

de mamífero, dissera ela na altura. Pois bem, era esse calor de mamífero, de animal capaz de defender os seus filhos e a sua casa com uma arma, era esse calor que sentia também em Theodor.

Mylia simulou assim um ligeiro amuo, mas a curiosidade obrigou-a a olhar de novo para as fotografias brutais.

— É um campo de concentração — disse Theodor. — Sabes o que é?

Mylia sorriu.

Dois tipos de educação recebera Mylia: a educação para ver e a educação para ouvir. Por ela, ou talvez pela sua doença, havia aprendido a tocar. *Não se toca assim nas pessoas* — escutava uma e outra vez. E assustava-se. Não se toca assim nas pessoas? Ela não o repetiria.

Mylia encostava-se ao calor de Theodor como apenas o fazia com a mãe. O que Mylia desenvolvera por si, na sua solidão, era o toque nas coisas materiais, nas coisas que não falam. Tocava nelas obscenamente, se assim se pode designar o cruzamento da mão de um ser humano com uma mesa, por exemplo, ou mesmo com a falha na madeira de uma mesa.

— Não é correcto tocares assim nas coisas — dizia-lhe a mãe.

— Então, como se toca?

— Com menos força, agarrando menos. Não te envolvas tanto.

O que a mãe não lhe dizia, mas outros sim, era que ela agarrava nas coisas como se estivesse excitada, como se agarrasse um homem. Havia pois um pudor familiar evidente naquela frase quase técnica:

— Não é correcto tocares assim nas coisas.

Theodor Busbeck prosseguia a folhear o documento onde várias fotografias exibiam cadáveres esqueléticos, deitados, uns sobre os outros, em cima de escadas: corpos pequenos, grandes, nus, de mulheres, de homens, juntos numa amálgama onde a pornografia e a obscenidade eram outras, como se existisse uma segunda obscenidade instalada entre corpos humanos mortos, caídos uns sobre os outros; obscenidade inversa da outra, da primeira, da existente entre coisas vivas e de energia viril, obscenidade secundária, esta, onde não existia o mínimo de excitação, a mínima possibilidade de o olhar fixado sobre esses corpos ser de desejo, havendo porém um espanto constante, um espanto material, um espanto neutro, como alguém que olha não para homens, mulheres e crianças reduzidos a ossos, mas sim para uma outra coisa, coisa mesmo, um outro material, uma outra substância: não são sequer mortos: humanos que foram um dia vivos com a energia fraternal ou inimiga que bem se conhece — eram simplesmente mortos que nunca poderiam ter estado vivos; não eram da nossa espécie, eram de uma outra: da espécie que sofrera de tal forma o horror que se distanciara definitivamente da marca humana representada ali por um dos seus exemplares, numa biblioteca: um médico. Isso mesmo, que estranha era a situação: um homem cuja profissão era salvar corpos, impedir que as doenças menores alastrassem e que as doenças maiores marcassem o seu ponto final em cheio nos miolos de um corpo, esse homem, esse médico, Theodor Busbeck, sentado na posição que a ergonomia e a higiene aconselhavam, continuava a observar espantado — com as pupilas castanhas espantadas — fotografias de corpos que já não podia salvar, que já não tinha técnica nem instrumentos para salvar; e mais importante que isso: ele estava sem a moral que salva. Não tinha a técnica, os instrumentos, o ânimo, nem a ética viril, a ética que quer fazer, nem essa subsistia naquele momento em que Theodor permanecia pasmado a folhear páginas umas atrás das outras onde as fotografias do horror se multiplicavam e, por isso, iam perdendo força, intensidade, escândalo.

— Nesta fotografia estão mais de mil corpos — murmurou Theodor, baixinho, talvez para si próprio.

Estava na legenda: uma fotografia ampla, um grande plano, uma fotografia que acertava — trata-se de acertar em fotografia —, que acertava num espaço extenso; qual seria a sua medida exacta, em metros quadrados, mais de quarenta, menos, quanto? O certo é que a legenda explicitava o número que os olhos podiam calcular de uma outra maneira que não a numérica, de uma maneira não científica, não medível, mas mais eficaz na expressão dos sentimentos e mais consequente: o espanto tenso. Mil corpos cabem nesta fotografia. Mil corpos que não chegaram a entrar no campo de concentração porque morreram antes, de fome. E enquanto Theodor permanecia com os olhos fixos na fotografia onde cabiam mais de mil cadáveres, Mylia, a rapariga Mylia, a rapariga que logo na primeira consulta, na primeira frase, havia dito: eu sou esquizofrénica, quer curar-me?, essa rapariga, ali, mesmo ao seu lado, não muito encostada nem muito afastada, nem amuada nem excitada de mais, essa rapariga, Mylia, não prestara a mínima atenção à fotografia horrenda que Theodor não conseguia largar; Mylia olhava para o tecto.

Menos de dois anos depois do primeiro encontro — digamos, profissional — entre os dois, onde Theodor exercera a função de médico que pergunta, e Mylia a de doente que responde e insulta, menos de dois anos depois realizou-se, então, a boda que surpreendeu os pais de Mylia e os amigos e família de Theodor Busbeck.

Era evidente que Mylia iria trazer problemas.

— Vais casar com uma esquizofrénica?, que bom! — era a própria que falava assim para Theodor.

Theodor não parava de lhe tentar mostrar que ela não tinha razão.

— O médico sou eu, não te esqueças. Eu é que determino quando é que as pessoas estão saudáveis ou doentes. No limite sou eu — como médico — que determino quem está morto. Fui eu que aprendi durante anos com professores e manuais — sou eu que conheço a cabeça de um doente e a cabeça de alguém com saúde. Sou eu que devo dizer se és ou não uma mulher saudável.

— Quer dizer — respondia Mylia — que durante vários anos, muito antes de me conhecer, sem sequer saber da minha existência, já estudava a minha cabeça, a cabeça de Mylia? Em que página dos seus livros estava eu? Em que página estava escrito, como título: 'a doença de Mylia', ou, segundo diz, 'a saúde de Mylia'? Que bom alguém saber tanto sobre a nossa cabeça! Dela desconheço o funcionamento médio, quanto mais saber o que ela pode fazer em situações extremas. Caríssimo marido, respeito o seu estudo, os manuais, os professores, os aparelhos, as técnicas, todos os anos em que leu páginas e páginas sobre diagnóstico e tratamentos, respeito tudo isso, mas para se perceber a cabeça de uma pessoa não basta ser médico, tem de se ser santo ou profeta. Conseguir-se ver aquilo que está escondido e aquilo que aívem. E o meu marido é médico, não é profeta nem santo. É médico.

— Estou a fazer um estudo, a recolher dados, a compilar informações, a tentar comparar números de várias fontes.

Mylia mais uma vez perguntara para quê aquilo, para quê de novo à volta dos livros com fotografias do horror.

— Se passas o dia a olhar para cadáveres habituas-te a desistir. És médico.

— Disparate! — respondia Theodor.

— Mas para que fazes isso? — insistiu, naquele momento, Mylia.

— Para entender — respondeu Theodor. — Ainda não percebi.

Queria que do meu estudo resultasse um gráfico um único gráfico que resumisse, que permitisse estabelecer uma relação entre o horror e o tempo. Perceber se o horror está a diminuir ao longo dos séculos ou a aumentar. Se é estável. Repara que se descobrir que o horror tem uma certa estabilidade histórica, que mantém certos valores, digamos, de cinco em cinco séculos, se conseguir encontrar uma regularidade, estarei perante uma descoberta fundamental. Quero chegar a um gráfico do que se passou até aqui — desde que temos relatos históricos mais ou menos fidedignos — nos vários campos de concentração ou de extermínio — não nas batalhas, isso afasta-se do que pretendo — nada sobre conflitos entre exércitos que, podendo ser mais fortes ou mais fracos, são forças a ter em conta, isto é: forças que podem infligir baixas significativas no outro lado. O que quero estudar não é isso, aí estamos a falar de luta e não de horror. Quero apenas estudar as situações :em que uma parte não tinha qualquer possibilidade — ou mesmo vontade — de infligir baixas na outra parte, e em que a parte forte, sem qualquer justificação — ou pelo menos sem a grande justificação que é o medo — dizimou a parte fraca.

Chegando ao gráfico do horror distribuído pelo tempo poderia então começar a pensar em algo ainda mais importante: a fórmula. Uma fórmula numérica, objectiva, humana poderia mesmo dizer, não animalesca, não sujeita a flutuações de sentimentos ou de ânimo, uma

fórmula puramente matemática, puramente quantitativa, serena, diria, uma fórmula serena. Consequência directa do estudo da documentação que venha recolhendo. Mas não procuro apenas a fórmula que resuma os efeitos do horror, que resuma aquilo que o horror fez no passado; pretendo ainda alcançar uma outra fórmula; uma fórmula que permita prever, que permita agir e não apenas contemplar ou lamentar. Pretendo chegar à fórmula que resuma as causas da maldade que existe sem o medo, essa maldade terrível; quase não humana porque não justificada. E acredito que é possível chegar a essa fórmula.

Sou médico, sou um homem formado na ciência, no chão duro e compacto; não sou adepto de voos ou de saltos, sou adepto da consulta, do estudo, da comparação, dos pequenos cálculos sucessivos, da progressão, do respeito pela lentidão, pelo processo, pelos métodos, pelo progresso. Não se trata de descobrir um tesouro que está guardado à nossa espera, não se trata de algo que hoje não tenho e já amanhã posso ter. Não é uma invenção nem uma descoberta, é um estudo, um raciocínio, algo que me vai levar anos e anos, talvez a vida toda, talvez mesmo a vida inteira não baste e alguém terá de continuar os meus cálculos, no ponto exacto onde eu os deixar, como uma investigação correcta deve fazer. Sem saltos, acima de tudo, sem saltos. Uma linha contínua, consistente; não se trata de um verso, Mylia, não se trata de pintar um quadro, trata-se de algo bem mais importante, mais profundo, trata-se de um esforço que pode durar séculos; trata-se de um quadro, sim, mas de um quadro a que se acrescenta algo todos os dias, um quadro que começará a ser pintado por uma geração e que a geração seguinte continuará, tentando aperfeiçoar a cor, a luminosidade, a sombra; é um quadro, se quiser, é uma pintura, mas uma pintura histórica, uma pintura que não esquece que os homens não pertencem à sua casa, aos pais, à mulher, mas, sim, antes do mais, à História, à História do seu país, à História do mundo. E nessa História há um subcapítulo: a história do horror.

Mylia, é preciso entender isto. Como é que sem medo se fizeram certas coisas?

Chegarei a uma conclusão sem precipitações, sem gritos, sem sentimentalismos inúteis. Chegarei lá racionalmente, com ponderação, lógica, sequência. Nada será criativo, espontâneo ou improvisado. Eu sou médico, tenho instrumentos, aprendi a pensar de uma forma, tenho

um plano, já to disse: primeiro recolher toda a documentação possível de modo a chegar ao gráfico da distribuição do horror ao longo dos séculos; não sei que resultados encontrarei, mas há algo que me faz prever uma regularidade distribuída por curvas que se repetem como num electrocardiograma humano, isso mesmo, como no percurso do coração de uma pessoa normal, é essa distribuição de curvas que espero encontrar, a regularidade do coração da História, como se fosse o outro lado da regularidade do coração de um homem, ambos os gráficos, com os seus picos, com as suas quedas, mas acima de tudo com as suas repetições, com as suas previsibilidades, com a sua normalidade. A história do horror é a substância determinante da História; e qualquer História tem uma normalidade, nada existe sem normalidade. E tal como se vê nas folhas quadriculadas de um electrocardiograma a saúde ou a doença de um homem, eu verei no gráfico, resultado dos meus estudos, a saúde e a doença, não de um único homem, não de um único indivíduo, mas dos homens no seu conjunto; do colectivo, da totalidade do mais relevante e abjecto comportamento humano. Com esse gráfico perceberei por fim o que tantos quiseram perceber, isto, simplesmente: se a História está doente ou saudável, se a História caminha no bom sentido ou no mau, se há um progresso no estado clínico, deixa-me falar assim, se há ou não melhorias no estado clínico da História, ou se, pelo contrário, o estado do mundo piora, se degrada, desenvolve infecções, fraquezas; se a História, enfim, está ou não moribunda, se nos encontramos à beira de um novo começo, de uma segunda História, do início de um segundo electrocardiograma na História humana.

Como o pai que morre e deixa uma pequena herança — a parte ainda não desbaratada — também a primeira História não deixará muito à segunda, estou certo. No entanto, tenho um medo, um medo ainda maior do que o de perceber que o estado clínico da História piora de dia para dia ou de século para século, medo ainda maior do que chegar a resultados que mostrem que a intensidade da relação horror/tempo tem vindo a aumentar; se a grande esperança é a de que o horror, afinal, tenha diminuído numa progressão gradual e objectiva, de tal forma que se possa, por exemplo, prever que no ano 6000 o horror terminará por completo, desaparecerá da História, se essa é a grande esperança, o grande medo é, então, não o do fim desta História -c:— como a linha subitamente horizontal do electrocardiograma no homem que acabou de

morrer — mas sim que o gráfico revele uma estabilidade, uma estabilidade assustadora, uma constância do horror no tempo, uma manutenção da normalidade do horror que termine por completo com qualquer esperança. A curva visível nos três primeiros séculos depois de Cristo a repetir-se em cada três séculos: é desta repetição das curvas, é deste tédio que mais receio tenho. Se o horror estiver a diminuir é sinal de que seremos mais felizes daqui a cem gerações, se o horror estiver a aumentar esta História acabará, pois o horror final nada vai deixar; e depois, sim, poderá aparecer outra História melhor, mais ética. Estas duas hipóteses deixam-nos optimistas. Mas se o horror for constante, aí, então, não haverá esperança. Nenhuma. Tudo continuará igual.

Capítulo V

Ernst, Mylia

Ernst fechou a janela do seu sótão; rapidamente abriu a porta e começou a descer as escadas. Era a voz de Mylia ao telefone. E de repente ela deixara de falar. Aconteceu algo.

Estava já na rua. Seriam talvez quatro, cinco da manhã, a escuridão ainda forte. Ernst começou a correr.

À medida que corria gritava alto por Mylia.

Os seus movimentos eram descoordenados, o modo de correr absolutamente estranho, como que ineficaz. Se Ernst não fosse um homem adulto, alguém que merece respeito — teria talvez já quarenta anos, perto disso —, dir-se-ia que *não sabia correr*. A perna direita, quando avançava, fazia um movimento mais lateralizado que a perna esquerda, o que provocava um desequilíbrio em todo o corpo, que Ernst compensava instintivamente avançando o tronco para a frente, num excesso que, em certos momentos, parecia à beira de terminar numa queda aparatosa. Mas o corpo de Ernst, como que automatizado e habituado a estas modificações constantes de peso e equilíbrio, reagia, aparentemente no último instante, com um novo avançar da perna direita, avanço igualmente acompanhado de um movimento lateral desnecessário. De qualquer maneira, Ernst corria. E de noite poucas pessoas se aperceberiam dos movimentos descontrolados do seu corpo.

Estava ainda em ruas praticamente vazias e os candeeiros eram uma paisagem indispensável ao som dos seus sapatos em corrida sobre o passeio.

A corrida de Ernst conduziu-o à rua que terminava na igreja mais próxima da sua casa, rua afastada ainda alguns quarteirões do centro da cidade.

A vançou mais alguns metros e ao longe viu um vulto caído junto à cabine telefónica. Correu na sua direcção e, com a excitação, quase tropeçava; aquele movimento estranho da perna direita fora executado com ímpeto excessivo; chegou, porém, ao pé do corpo deitado. Agarrou-se a ele. Era o corpo de Mylia.

Capítulo VI

Theodor, Mylia

Os primeiros anos de vida em comum de Theodor e Mylia Busbeck foram logo difíceis. Não era a diferença de idades — cerca de dez anos —, o problema era aquilo a que se poderá chamar *diferença de saúdes*. Theodor, sendo médico, mais do que saudável (homem robusto e repleto de energia) era ainda alguém que exigia a saúde ao seu lado, quer profissionalmente — era essa, aliás, a sua missão: o médico exige saúde aos seus pacientes, impõe-na mesmo, através de medicamentos, operações, etc. — quer *existencialmente*, se assim se pode dizer. Ele queria — desejava — a saúde ao seu lado, à volta, encostada a ele.

O seu dinamismo era evidente: trabalhava parte do dia numa clínica do Estado e à tarde dirigia-se à biblioteca central para recolher documentação para o seu estudo que visava entender o horror e a História, e com isso os homens. Ele queria captar o conceito de saúde de uma forma mais vasta: a saúde mental da humanidade, do conjunto dos homens, a saúde mental da cidade enquanto agrupamento organizado e eficaz na restrição da violência.

Conhecer a saúde mental da História, era esse o objectivo final do seu projecto de investigação.

Canalizava assim a energia para estas duas tarefas: uma, prática, imediata, na clínica: tentar salvar a pessoa que estava à sua frente, ou, quando muito, melhorar a sua sobrevivência, os parâmetros de vida do indivíduo concreto que com ele se cruzara. E o outro projecto, não imediato, de efeitos não visíveis na sua existência ou na dos outros e que, de certa maneira, o tirava não apenas do dia, mas do século, satisfazendo assim uma das necessidades da sua existência: a de sentir que podia ser útil às gerações seguintes. Como médico poderia salvar indivíduos da sua geração, indivíduos com quem materialmente a sua existência se cruzava; mas com o seu projecto, utópico, de perceber o funcionamento da máquina da História, Theodor ansiava poder salvar, e de salvar se tratava — tratava-se de evitar a morte e os grandes sofrimentos e não apenas de aumentar o conforto como os inventores de determinadas máquinas conseguiam —, ansiava, pois, poder salvar indivíduos que nunca chegaria a conhecer. Como se de facto não

quisesse ser médico, mas sim santo, como uma vez provocara Mylia; um santo capaz de perceber a cabeça da sua mulher, Mylia, e ainda a cabeça de todos os Homens, como conjunto, um santo inteligente capaz de perceber os miolos da História, capaz de captar o raciocínio ou, pelo menos, a forma — gráfica — de a História raciocinar. Se percebesse como a História pensava, se a encarasse como um organismo com cérebro, e se chegasse por via da documentação e da investigação a gráficos e fórmulas que explicassem os acontecimentos dos séculos, Theodor chegaria ao que milhares de homens — pequenos e grandes, violentos ou pacíficos — haviam tentado: dominar a História. Passava então do pequeno para o grande, utilizando a experiência de médico habituado a tratar de loucos: sabia que perceber os hábitos de pensamento do louco é normalizá-lo, é prever o seu comportamento, é, enfim, controlá-lo enquanto indivíduo. Sempre fora essa a sua tarefa, aprendida ao longo de anos de estudo da medicina mental. No percurso dos séculos ele procurava exactamente o mesmo: perceber como pensa a História para formular uma *normalidade*, e assim a poder controlar.

Mas, de certo modo, Theodor receava aquilo que mais o excitava: como se veria a si próprio se chegasse ao ponto de perceber o raciocínio — e assim o considerar normal — que está na base de um campo de concentração, do extermínio de milhares de pessoas: crianças, velhos, homens, mulheres? Receava a sua invulgar capacidade — tantas vezes elogiada — de perceber os loucos. Essa capacidade para *entrar nas cabeças estranhas*, como alguns colegas diziam. Era dessa empatia com o não normal que poderia nascer algo de inaceitável. Se chegar a perceber a parte louca da História, se conseguir entrar na cabeça do Horror e com esta conseguir dialogar, o que farei a seguir?

Apesar do medo da própria cabeça e do que ela poderia empurrar para dentro dos seus actos, Theodor era absolutamente saudável em qualquer parâmetro que fosse considerado. Fisicamente, mentalmente e espiritualmente. Estas três categorias eram, aliás, para Theodor uma espécie de pontos cardiais indispensáveis à sua existência, e, em particular, existência com saúde. Era, a este nível, bem mais flexível do que os seus colegas de clínica mental que reduziam a saúde ao estado do que *os músculos fazem o que nós queremos e nós queremos algo de sensato*. Para Theodor, a este indivíduo de vontade e músculos normais, faltaria ainda a *normalidade espiritual*. E o que era esta? Eis a fórmula: falta algo ao homem normal, ao homem saudável, e ele — como qualquer criança — procura encontrar o que lhe falta, principalmente porque esta sensação confunde-se com a sensação de roubo: alguém ou algo me levou uma parte — parte, continuemos a chamar-lhe assim, espiritual — então o homem normal, o homem saudável, vai à procura do ladrão e do objecto roubado, mas neste caso ele não percebe aquilo que lhe foi roubado, não conhece a forma e o conteúdo da substância que agora faz falta. Descobrir o que fora roubado a nível espiritual, era, para Theodor, um objectivo indispensável. O homem saudável quer encontrar Deus, diz TheodorBusbeck de modo mais directo. E dizia-o não apenas em conversas particulares com colegas, dizia-o até em conferências, facto que deixava muitos cientistas da área perplexos, quase escandalizados, sentindo que falar de Deus no meio médico era uma heresia. No entanto, Theodor mantinha a sua opinião, ou o seu instinto, assim ele designava, apesar de o associar de imediato ao campo onde trabalhava, dizendo, provocatoriamente: é um instinto científico. E o *instinto científico* de que se orgulhava era resumido numa frase: um homem que não procure Deus é louco. E um louco deve ser tratado.

Mas dizíamos: os primeiros anos de vida em comum de Theodor e Mylia Busbeck não foram fáceis.

Nas três categorias indispensáveis à pessoa normal, segundo Theodor, Mylia era saudável a nível físico e a nível espiritual: tinha um corpo eficaz que obedecia por completo às suas vontades — dentro dos limites anatómicos humanos — e esse corpo saudável procurava Deus, sentia falta de algo que sabia não poder encontrar no mundo material. Onde Mylia não era saudável — e desde a primeira conversa Theodor o percebera, desde o primeiro momento em que ele se apaixonara por aquela rapariga que se dizia esquizofrénica e o insultava —, onde ela não era normal era na cabeça, nas vontades. Ela era *doente da cabeça*, como os miúdos das redondezas diziam, por vezes alto, cruelmente, para ela ouvir.

As dificuldades em lidar com Mylia não foram, claro, uma surpresa para Theodor Busbeck. Ele percebia aquela cabeça, de certo modo já a normalizara; era capaz de prever com pouco erro as suas reacções, os arrebatamentos violentos, a escalada de insultos, os comportamentos ilógicos, opostos muitas vezes à utilidade imediata. As dificuldades eram, pois, as de um homem e de uma mulher que viviam juntos, cada um com aquilo a que vulgarmente se chama de *personalidade*. Mylia tinha uma personalidade, uma única, tal como ele e todas as pessoas, e Theodor já a percebera, sabia como se adaptar a ela. Adaptava-se exactamente como Mylia a si, pois sendo um homem saudável, em todas as categorias que exigia aos outros, Theodor não deixava de ser um indivíduo, um único, sozinho, afastado dos outros seres vivos, portanto com *uma* personalidade para ser entendida. As técnicas médicas e o quase instinto de Theodor haviam colocado a relação do casal de igual para igual, de personalidade para personalidade. Não foi, pois, por acção do sistema de defesa ou por qualquer aproximação a um *não suportar mais a estranheza do outro*, estranheza que é universal — mas sim porque Mylia começava a ser perigosa para si própria que, depois de vários episódios violentos,

Theodor decidiu, precisamente no dia 31 de Dezembro, no oitavo ano em que viviam juntos, internar a sua esposa, Mylia, no piso dois do Hospício Georg Rosenberg, o mais conceituado da cidade.

Capítulo VII

Hinnerk, Hanna

Da guerra Hinnerk guardara dois objectos, se assim os podemos designar: uma pistola, que levava sempre debaixo da camisa na parte da frente das calças, e uma sensação constante de medo, que precisamente por nunca desaparecer, por 'nunca descansar', adquirira com os anos um estatuto bem diferente das circunstâncias, quase teatrais, que interferem habitualmente na excitação de um corpo. Esse medo, sendo algo que não saía, era já como um dado físico concreto: como um nariz mais ou menos torto, como um olho cego, como alguém que coxeia. Hinnerk não saía à rua sem medo, não ficava em casa sem medo, não adormecia sem o medo, e mesmo nos momentos em que a consciência se tornava menos construída, quando a individualidade apresentava a estrutura mais frágil — como nos sonhos —, mesmo aí uma espécie de azedume fixo permanecia constante no meio da aparente loucura de imagens que se sucediam sem controlo, misturando espaços, tempos, possibilidades e impossibilidades. No meio deste Estado Individual que o Homem é, e que oscila durante o sonho, Hinnerk mantinha-se tenso, única maneira de permanecer seguro, e esse tal azedume, fixo como uma estaca na cabeça de Hinnerk, era não menos que uma precaução, diremos, militar, precaução que nunca abrandava, e que por vezes parecia exhibir um conjunto de procedimentos físicos restritos que deveriam ser seguidos obrigatoriamente. Como se este espaço individual e privado — o sonho não pudesse escapar às interdições e regras de conduta a seguir no perigoso tempo de guerra. Como resultado desta estaca permanente de defesa, Hinnerk descansava terrivelmente, levantando-se de manhã como se acabasse de combater corpo a corpo.

Olheiras quase de animal nocturno eram a marca essencial daquele rosto. Nenhuma imperfeição poderia impor aos outros maior respeito do que aqueles olhos, em baixo dos quais estava uma pele dobrada várias vezes sobre si própria. Tratava-se de facto de uma concentração em redor dos olhos, não apenas de pele, enrugada, mas ainda de intensidade: todo o restante corpo de Hinnerk era amorfo e não despertava curiosidade: ele 'era' os seus olhos e aquela pele. E para essa 'terra', para essa pátria minúscula, que a sua expressão do olhar

fundava, haviam deslizado — como se fossem resíduos de uma substância — vários acontecimentos: os mais fortes, aqueles que o haviam mudado. Certas marcas explícitas, como uma cicatriz, mostram ao ar e a todos os cidadãos um facto: de determinada marca pode dizer-se que teve origem no vidro da garrafa que um homem partiu na cara de outro, no meio de uma luta. E este é o exemplo de um facto, e da cicatriz que o memoriza e exhibe. A cicatriz até pode ser datada. Mas na pele concentrada debaixo dos olhos de Hinnerk ocorrera algo de mais complexo, próximo de uma fusão entre diversos nutrientes, uma fusão entre diversos factos da sua biografia, transformados, ao longo dos anos, numa matéria comum, matéria assustada, que manifestava medo do homem, daquele que se aproxima, mas que também, ela própria, assustava. Quantas vezes de Hinnerk, o homem que tremia com medo dos outros, quantas vezes não haviam dito dele, como quem regista simplesmente o número de um edifício ou o nome de uma rua: *cara de assassino*, tem *cara de assassino*.

Hinnerk baixava a cabeça para não ouvir.

Com os hábitos certos e monótonos Hinnerk procurara diminuir as possibilidades daquilo a que se poderáchamar *o novo*. Rapidamente, em tempo de paz, percebera a ligação entre o medo e o imprevisto, e assim tentara colocar em cada um dos seus dias um rigor de patrulha, dividindo-se numa espécie de existência observada e em observador de si próprio.

Em casa treinava-se com alvos, simulando seres vivos, humanos sempre, nas mais variadas posições. Numa cave bem isolada a nível de ruído colocava os seus alvos deitados, escondidos atrás de sofás velhos ou armários, deles deixando visível apenas um ligeiro vestígio de existência material; vestígio esse, um pequeno resto – o modelo do pé ou de uma das mãos — que se tornava o centro humano, dada a importância adquirida, como se esse resto fosse afinal a cabeça ou o coração do inimigo. E Hinnerk disparava.

Ao fundo dessa rua havia uma escola de crianças, entre os seis e os dez anos, e cada uma delas já se cruzara com esse homem com *cara de assassino*, transformado num mito de monstro escolar que por vezes interferia até nas ameaças infantis. *Eu chamo o homem*, era uma expressão escutada no intervalo das aulas quando alguém exagerava nos insultos ou numa luta desigual. Mesmo certos professores menos sensatos utilizavam por vezes a ameaça de *chamar o homem* se uma ou outra criança não moderasse o comportamento.

No entanto, um dos poucos prazeres de Hinnerk era o de olhar pela janela e ver como as crianças se divertiam, despreocupadas; sem medo. Da janela, com uns pequenos binóculos, observava o pátio da escola e adquirira o hábito de ver as crianças no período de brincadeiras que se seguia ao almoço.

Por vezes, sem qualquer intenção de disparar, tendo até a arma sem balas, Hinnerk pegava na sua pistola, dirigia-se à janela, e segurando no pequeno binóculo com a mão esquerda apontava o cano a uma das crianças, seguindo os seus movimentos, durante uns segundos, até que por fim, subitamente, abandonava o percurso do miúdo

escolhido ao acaso, baixava a arma e os binóculos, corria a cortina branca, e preparava as suas coisas para sair.

A única mulher que frequentava a casa de Hinnerk era Hanna. Ela, dadas as circunstâncias, era como que a sua noiva.

Parte do dinheiro que Hanna ganhava deixava-o na casa *do seu noivo*, mas não havia aquilo a que se pudesse chamar de contrato, nem sequer invisível; não se estabelecera qualquer proporção exacta entre o que Hanna ganhava na prostituição e o que deixava em cima da mesa, quase sempre sem qualquer comentário, como se fizesse afinal parte de um hábito, de um movimento de mulher. Tirava o dinheiro da sua carteira e pousava-o na mesa da sala de Hinnerk com a mesma tranquilidade com que deitava as cinzas do cigarro no cinzeiro. Como se de facto o dinheiro deixado não fosse algo de significativo, de importante para a existência, mas sim, como as cinzas do cigarro, um resto, o desperdício reles da noite anterior. A expressão *isto é o que sobrou da noite anterior* tomava assim um duplo sentido: aquele dinheiro era uma sobra, não era o importante, o importante fora o sucedido de noite, com ela. O dinheiro era assumido como algo secundário, parecendo ser o prazer de Hanna com os homens a parte principal. Eu divirto-me de noite e no fim sobra isto: o dinheiro; era este o sentido subtil daquele gesto despreocupado, o de deixar as notas sobre o tampo da mesa.

Porém, aquele era o único dinheiro de Hinnerk. Não o agradecera uma única vez a Hanna, nem sequer se tornara consciente deste facto: *aquilo* — o dinheiro deixado sobre a mesa — era já um facto, um dado adquirido, de certa maneira uma circunstância exterior que, com a repetição ao longo dos anos, adquirira características orgânicas, tornara-se anatomia, pertencia-lhe, tal como o seu medo. Agarrava com a mão direita o dinheiro, antes de sair para a rua, amachucando-o como se fosse papel, e colocava-o no bolso das calças, mas era como se nada sucedesse. Não tinha consciência deste pequeno gesto, aquele dinheiro não era apenas dele, era ele.

Duas vezes pegara já Hanna na arma de Hinnerk e com o pequeno binóculo e com a sua mão pouco firme apontara em direcção a uma

criança. Numa das vezes havia mesmo perguntado: se *a bala chegaria lá*.

Estamos longe, respondera Hinnerk.

Capítulo VIII

Hanna, Hinnerk

A pressa de Hanna na noite em que se cruzou com o médico Theodor Busbeck tinha um sentido: dirigia-se à casa de Hinnerk, estava preocupada.

Nos últimos dias Hinnerk andara mais violento, o que significava que o seu medo se extremava. Nessas alturas Hinnerk não saía de casa, passando os dias a treinar a pontaria, como se realmente existisse uma ameaça qualquer. Preparava-se.

De facto algo o perturbava cada vez mais. À medida que o tempo passava o pudor das crianças diminuía drasticamente, o que significava também que o receavam menos — a ele — Hinnerk. Algumas vezes — quando se aproximavam em sentido contrário — Hinnerk ouvia, distintamente, uma ou outra criança a murmurar: *vem aí o homem*.

Esta frase tornara-se uma espécie de apresentação ao mesmo tempo secreta e obscena: *vem aí o homem*.

Hinnerk, em certas ocasiões, depois de se cruzar com as crianças, sorria, ouvindo naquela frase uma espécie de apresentação infantil da humanidade: *vem aí o homem*, eis o homem, prestem bem atenção a ele: o Homem. Um pouco como se aquela frase surgisse na sequência de um espectáculo teatral em que se apresentava ao público elementos dos diferentes reinos: eis uma planta, e eis que vem aí um animal, um cão, e agora, cuidado, vem aí um homem, o homem; e então entrava Hinnerk para o palco, agradecendo os aplausos das crianças em júbilo. Eis o homem, já chegou, sou eu.

Mas era evidente que Hinnerk sentia a hostilidade das crianças. A frase *vem aí o homem* dizia ao mesmo tempo: *tu não és um homem*, e dizia também: *não quero ser como aquele homem*.

Hinnerk ria-se, sozinho, daquelas pequenas crueldades infantis. Era ainda um homem forte, estivera na guerra, combatera, tinha matado vários inimigos, escapara a emboscadas, comera mal, enfrentara o frio numa noite em que um companheiro o socorrera, finalmente, com um simples casaco. E Hinnerk tinha ainda, ali mesmo, debaixo da camisa, uma arma. A crueldade daquelas crianças era, pois, perfeitamente ridícula, pensava. A qualquer momento ele poderia pegar na pistola e

disparar sobre uma delas; seria um gesto fácil, uma *brincadeira infantil*. Por que são tão estúpidas estas crianças, pensava Hinnerk. Como podem arriscar tanto, apesar do medo?

Porque também ele tinha medo, mas não se expunha assim, defendia-se: escondia-se, não troçava, preparava-se apenas, treinava a pontaria; se fosse necessário agir, estaria pronto. Quando me ameaçarem não farei troça, *preparo-me para não responder verbalmente a uma ameaça*. Hinnerk não tinha qualquer ilusão de defesa legal através do Direito e da Constituição, não era uma pessoa *respeitável*, e estivera na guerra; não conseguia já colocar as palavras numa balança importante para a existência, *não têm peso*, murmurava, uma única bala pesa mais na existência individual que um discurso com dez mil palavras. Sentia, por isso, pena, isso mesmo: pena daquelas crianças. Havia nelas uma falta de lucidez, *um não estar no mundo*, uma distração profunda em relação às coisas, que apenas lhe causava compaixão. *Não fazem ideia que, de um momento para o outro, posso decidir disparar sobre elas, e a sua existência termina*.

Sentia-as como um inimigo desastrado que, de costas para ele, apontasse a sua arma numa direcção inútil. Para quê disparar sobre um inimigo desastrado?

Mas embora a crueldade daquelas crianças em relação a ele, aos seus olhos, às suas olheiras — eles troçavam delas, Hinnerk percebia-o claramente —, embora a base de tudo aquilo fosse uma enorme ingenuidade, uma enorme *falta de atenção*, ele começava a irritar-se profundamente e apenas há três dias atrás controlara-se, no último momento, para não agarrar na criança 'imbecil' que novamente dissera 'aquilo' — *vem aí o homem!* num tom audível por todos. Tinha tido vontade de agarrar na camisa da criança e, à frente da cara, com as obscenas olheiras bem perto dos seus olhos infantis — para que o miúdo não as esquecesse, gritar-lhe: eu não sou um homem, eu sou outra coisa, outra coisa!

2

Hanna estava, pois, preocupada com Hinnerk que ainda ontem lhe dissera que o seu medo aumentava; não havia razão, mas sentia-se ameaçado, qualquer acontecimento estaria para breve. Andavam à sua

procura, dizia, nada tinha feito, não cometera nenhum crime, a guerra terminara há muito e ele estava do lado vencedor. Nos últimos anos não ameaçara ninguém, e tinha uma arma, em tempos pacíficos ele tinha uma arma, treinava a pontaria diariamente, estava preparado para qualquer mudança. Mas tinha medo, continuava com medo, o medo aumentava.

Passava um pouco das três e meia da manhã quando Hanna tocou à porta — Hinnerk nunca lhe passara a chave para a mão. Tocou várias vezes, ninguém atendeu. Hinnerk tinha saído.

Hanna ficou por momentos parada, encostada à porta. E de repente sobressaltou-se, o pânico parecia procurar uma entrada no corpo.

Hanna saiu do prédio a grande velocidade e na rua, apesar da incomodidade provocada pela saia curta e apertada, começou a andar mais depressa; quase corria. Estava com medo.

Capítulo IX

Os loucos

É Gada que fala. Tem quinze anos.

Entro e saio daqui. Abrem-me como uma porta e fecham-me. Fui operado durante onze anos. Dezassete vezes. Fizeram de mim uma porta durante onze anos. Abriam-me e fechavam-me. Abriam-me e fechavam-me. Também faziam da minha cabeça uma porta.

É Gada, tem quinze anos, uma cicatriz na cabeça.

Não tenho sombra, diz Heinrich.

Faz calor. O homem debaixo da sombra de uma árvore fuma um cigarro e escarra com força para que nada de seu caia dentro da sombra. Faço um concurso com o meu escarro, diz Heinrich. Ver se o escarro é mais longo que a sombra da árvore.

Heinrich afasta-se da árvore e vai para debaixo do sol para recuperar a sua sombra. Vês, aponta. Não estou morto.

Olha para os pés e escarra em direcção ao pé direito.

Preciso de água, senhora, diz Heinrich. Mas ali perto não há uma única senhora.

Tem febre e quer partir o vidro. Não sinto a mão, diz Mylia. Se partir o vidro com a mão vou sentir a mão.

Witold diz: se não sentes a alma parte o vidro com a alma. Ri-se.

A alma não deve partir o vidro. A mão está habituada.

Não sinto a mão, diz Mylia.

Conta os teus dedos.

Cinco dedos.

Vês, tens a mão toda.

Falta a mão, diz Mylia.

Dois homens agarram-na. Mylia abre e fecha a mão direita dezenas de vezes.

Estou a varrer o hotel, diz Marksara.

O hotel está sujo, tem migalhas e tem homens. E tem beatas.

Estou a varrer o hotel. Está cheio de homens, diz Marksara. E de beatas.

Os homens fumam muito.

Não paro de varrer, diz Marksara.

Fecharam-me aqui para a mãe não me ver morrer. Johana diz que compreende.

A mãe não deve ver a filha morrer.

Johana corta os dedos de uma luva para depois a remendar com fio de lã.

É salvar dedos, diz, a rir-se.

Não tem tesoura. Rasga os dedos da luva agarrando-a com força e puxando depois com os dentes.

A minha mãe tinha dentes fortes, diz Johana. Fecharam-me aqui para ela não ver os meus dentes. A minha mãe fechou-me aqui.

Marko vê televisão o dia inteiro. Desde o momento em que se levanta até se deitar. Ninguém o consegue tirar dali.

Pode acontecer qualquer coisa, diz.

Tem um chapéu.

Diz que o chapéu lhe produz nervos na cabeça. Mas não quer tirá-lo.

Inventa nervos na cabeça, diz, sobre o chapéu.

O chapéu não é pesado, diz ele, oferecendo o chapéu. Quem puser o chapéu não cai.

Ninguém aceita o chapéu. Ele volta a colocá-lo na cabeça.

Foi o meu pai que mo deu quando fiz quinze anos. Está pequeno.

O homem baixa a cabeça e começa a chorar.

Tem o número 53 na camisola e está a comer um doce.

Sou Martha.

É muito magra.

Martha diz: sou muito magra.

Aponta para o número 53 na camisola.

Fui feliz três vezes, diz Martha.

Quando a minha mãe me deixou brincar no jardim. Depois a minha mãe trouxe-me para aqui. Pensei que era um jogo.

Vêm-se por baixo as clavículas, os ossos das pernas magras.

A mãe dizia que a minha roupa não tinha corpo.

Traz vários mapas no bolso. Mapas do mundo, da Europa, da Ásia.

Stieglitz diz: agora estamos aqui.

Cada vez que pára tira os mapas do bolso e consulta-os. Depois assinala com o marcador o sítio onde está. Estamos aqui.

Nunca diz: estou aqui. Diz sempre: estamos aqui.

Todos os dias repete o mesmo percurso. No mapa as fronteiras dos países já não se vêem devido aos riscos de marcador.

Quando vem alguém de fora, Stieglitz aproxima-se e segreda:

Se me puder dar mapas.

Quando alguém diz que não tem, Stieglitz fica violento.

Depois cala-se. Olha para a pessoa e sorri.

Engoli um prego, tenho um prego na garganta.

Wisliz mostra a garganta. Aponta para um pequeno alto.

O prego está aqui, aponta.

O prego não me deixa cantar.

Quando era criança comia caracóis. Pegava neles e comia-os. O meu pai não gostava que eu os comesse. Dizia que dava azar.

Rodsa é uma mulher que tem medo de morrer asfixiada.

Eu fui uma mulher muito rica, diz.

Rodsa tem cinquenta anos.

Quando lhe dizem a idade, ela pergunta: o que é isso?

Explicam-lhe que a sua idade é várias vezes aquela semana que passou desde a última visita do irmão.

Rodsa diz: não sei o que é cinquenta anos.

Rodsa é magra e fuma muito.

A última vez que o meu irmão me visitou, diz Rodsa, pus um vestido curto. Para ele me ver as pernas.

O meu irmão trouxe-me cigarros.

Rodsa toca três vezes no sexo para dar sorte.

Ainda vou ter três meninos, diz.

Rodsa bate outra vez com a mão direita três vezes no sexo.

Rodsa não tem filhos.

Zero por cento não existe, diz Uberbein que foi matemático.

Por frequentar uma prostituta caiu o cabelo.

Até ao Verão fico sem cabelo. Foi o que me disseram.

Mas zero por cento não existe, repete.
Uberbein põe a mão no bolso e mostra a mão cheia de sal.
Se existisse zero por cento isto não estava aqui.
Quase começa a chorar. Recompõe-se.
Foi por frequentar uma prostituta que me caiu o cabelo.
Era professor de matemática, diz Uberbein.
Até ao Verão o meu cabelo vai cair.

Tem os cabelos brancos e curtos.
Podia ser a mãe de toda a gente.
Laras tem sessenta e cinco anos.

Dizem que tenho um problema na cabeça, mas é mentira, diz Laras. A minha mãe também tinha o cabelo curto como eu — e morreu de um problema cardíaco.

Dizem que tenho um problema na cabeça, mas eu não vou morrer da cabeça. Eu. tenho um problema cardíaco, e não na cabeça.

Eu morro quando o coração parar.
A minha mãe também tinha o cabelo curto.
Laras consegue avançar o queixo para a frente.
Vêem? Podia ser a mãe de todos.
Janika é negra e gosta de fazer comida.
Gosto de fazer comida, diz Janika.

Mete tudo o que encontra para uma panela. Pedras, ervas, beatas de cigarro, pequenos papéis.

Não se pode desperdiçar, diz.

Janika tem cinquenta anos.

Passei fome, diz Janika. Não se pode desperdiçar.

Alguns homens atiram os cigarros e as beatas directamente para o tacho que Janika leva.

Passei fome. Gosto de fazer comida, diz Janika.

Paola está apaixonada.

Conheci um rapaz, diz Paola, e começa a rir e a levantar a saia.

Paola tem quarenta anos e Rudi, o rapaz, tem trinta e dois.

Conheci-o aqui, diz Paola.

Foi aqui, Paola aponta para o corredor que dá acesso aos quartos.

Paola diz: ele é maluco.

Vou fazer tranças, diz, para o meu rapaz me achar bonita.

Mas ele é maluco, ri muito.

Não devia fazer tranças para quem só sabe rir. Mas eu também não sou bonita, diz Paola.

Vana aperta sobre as calças os genitais de Markso. Ele tem um grande, diz Vana.

É o maior daqui. Já os vi todos.

Um dia estavam no chuveiro, diz Vana, e eu abri a porta e vi.

O do Markso é o maior.

Markso está encostado a uma árvore. Fuma um cigarro. A cada toque de Vana nos genitais parece por um segundo suspender o pensamento, mas continua indiferente.

Markso só sabe fumar, diz Vana.

Aqui não há higiene, diz Mylia.

Não me lavam.

Mylia levanta a saia constantemente: mostra os genitais.

Não há higiene, insiste Mylia, meteram aqui um jardim.

É uma vergonha levantar a saia para mostrar, mas eu sempre gostei de mostrar. Sempre fui limpa, diz Mylia. Aqui falta higiene.

Trouxeram-me para aqui. Foi o meu marido. O doutor Busbeck. É importante. Diz que eu vejo almas.

Mylia aponta para o jardim: falta higiene. Como é que fazem um jardim?, pergunta Mylia.

Aqui não me lavam, têm nojo de me lavar a coisa, diz Mylia.

Wisliz traz uma ligadura na cabeça.

Fui operado à cabeça, diz Wisliz.

Tiraram-me a inteligência.

Dizem que sou estúpido, que não percebo.

Eu fico cansado, não me consigo concentrar.

Preciso de dormir muito, diz Wisliz.

Ernst. Os outros troçam do modo de Ernst correr. Chamo-me Ernst. Ernst Spengler.

Gosto de estar aqui.

Capítulo X

Kaas

De barriga para baixo um rapaz tenta dormir, sem sucesso. Levanta-se com firmeza, mas pára, senta-se. Deixa-se cair de novo sobre a cama. Desabituaado do corpo depois do sono, Kaas Busbeck reencontrou aquela espessura continuamente agarrada a si: um incómodo; levantado olhava-se ao espelho.

As pernas magras nunca o deixariam ser soldado. A infelicidade comprometia-lhe os primeiros momentos do dia, em que acordava ainda cansado de um certo sono áspero. Acendeu um fósforo. Reparou: noite. O fósforo na mão, aceso, fazia prova de que em redor a noite ainda mandava. Olhou para os seus joelhos que constituíam um pequeno avanço em relação à extraordinária magreza das pernas. Porém, seria impossível perseguir alguém, ou sequer fugir. Uma fraqueza geral, diziam os médicos. Assim: fraqueza geral. Como se o corpo o obrigasse a ficar mais tempo no sítio onde estava. Preguiça ou já se encontrou, e portanto é desnecessário multiplicar movimentos?

Certas deficiências são, por vezes, modos de a natureza corresponder aos nossos pedidos mais secretos, dizia o seu pai, Theodor Busbeck.

Kaas pegou no relógio e viu de repente naquele objecto um espantoso buraco no meio do compartimento, onde o tempo se concentrara. Encostou o olho direito ao relógio como que na esperança de ver algo, além das horas que aparentemente aquele objecto indicava. Com o olho encostado ao vidro que protegia os ponteiros, Kaas imaginava-se um fazedar de catástrofes, através da mera imagem que naquele momento lhe ocorreu: a introdução estranha, inesperada, de uma única das suas longas pestanas naquele outro universo aparentemente separado e mecânico: os ponteiros indicadores das horas, dos minutos e dos segundos. Uma pestana minúscula que fosse capaz de baralhar o tempo e o funcionamento normal dos dias.

Afastou o olho: os ponteiros mantinham-se intactos, protegidos por um vidro estúpido. Kaas levantou-se da cama e abriu a porta do quarto. Uma luz na sala, mas ninguém. O quarto do pai permanecia fechado.

Ninguém era semelhante a Kaas e essa dureza da separação atingira-o desde cedo. Não eram apenas as suas pernas absurdamente magras em relação ao resto do corpo, e o seu modo particular de dar passos nos quais a distribuição do peso parecia desequilibrada, também os seus interesses pessoais marcavam um intervalo não transponível em relação aos rapazes e raparigas da sua idade.

Cheirou algo, dirigiu-se à cozinha. Nada de especial, apenas dois pratos sujos. A dicção descontrolada de Kaas era talvez o maior objecto de troca, ainda mais do que as suas pernas. Poderia não andar, poderia ficar parado, ou mesmo sentado, com as pernas não visíveis, mas era mais difícil permanecer longos períodos em silêncio no meio de um grupo: seria ridicularizado. O estar sentado expressava um certo consentimento em relação à força que se distribuía pelo colectivo, mas o silêncio prolongado poderia ser visto como uma provocação; uma espécie de disponibilidade para a revolução, pequena é certo, circunscrita a uma sala e a meia dúzia de outros companheiros, mas revolução: hipótese de negar o sentido da História, mesmo que mínima e insignificante. Por essa razão Kaas tinha de falar, de quando em quando. E falando exprimia-se com aquela dicção descontrolada, onde certas palavras terminavam involuntariamente antes do tempo e outras começavam depois, numa turbulência que parecia colocar a frase num bote frágil. O seu pai, Theodor, dizia-lhe: segura a frase como se fosse um remo, segura a frase, não a deixes abanar. Mas Kaas não conseguia.

Para Kaas a saúde vigorosa era algo que só conseguia manifestar em fotografias. Estava certo, por exemplo, de que um familiar distante, um Busbeck que vivesse no outro lado do mundo e que só recebesse notícias do pai por carta, não teria a noção de que ele não era um rapaz normal. Theodor escolhia as fotografias a enviar e escusando-se a fazer qualquer referência escrita às deficiências do seu filho, alimentava, sem nunca o exprimir, uma certa mentira que a imagem permitia. Numa fotografia as pernas esqueléticas e desproporcionadas de Kaas eram facilmente escondidas e a incapacidade de dicção normal era, como parece evidente, intransponível para um documento visual, que só dá importância aos olhos do receptor. Por razões várias, mas talvez também por essa, Kaas adquirira uma inesperada segunda actividade, em acompanhamento dos estudos que, de uma maneira ou outra, ia conseguindo fazer, sem brilhantismos, com enorme esforço, talvez mesmo com o auxílio excessivo do bom nome do pai, mas ele lá prosseguia, sem sequer perder um ano. Acompanhava então a escola normal com a actividade da fotografia, onde ano após ano se parecia especializar. Essa actividade como que condensava dois momentos de conforto na existência de Kaas: o trabalho manual, onde os seus dedos hábeis colocavam qualquer colega em respeito, e a possibilidade de longos silêncios, ou talvez, mais adequadamente, a possibilidade fácil de dispensar o discurso. As imagens, a captação de imagens mais propriamente, tornara-se um modo de exhibir algo escondendo-se; de estar com os outros do tronco para cima, se assim nos podemos exprimir, isto é: o olhar do colectivo poderia incidir no seu corpo de maneira não trocista e sem compaixão, pois, quando fotografava, Kaas era um ser humano que competia com todos os outros, ao mesmo nível: tornava-se alguém com quem se pode discutir.

De resto, a imagem que mais o marcara na escola resultara de um pequeno conflito; breves insultos entre ele e um colega que foram crescendo de intensidade até ao momento em que nenhum dos dois poderia dizer mais uma palavra que fosse sem se tornar aos olhos dos

outros covarde; estavam assim os dois naquele instante único onde o contacto físico violento é inevitável e quase imprescindível, quando subitamente, o seu opositor, como que lembrando-se naquele momento de algo que se esquecera com os insultos trocados, parou, e afastando-se num movimento que noutras condições seria indiscutivelmente considerado como covarde, afastando-se, então, disse, para Kaas: eu não posso lutar contigo.

E o certo é que Kaas tinha tanta força nos braços como os seus colegas. Eram as pernas que não acompanhavam, minimamente, as necessidades exigidas por uma luta entre rapazes.

Qualquer toque nas pernas o derrubaria definitivamente, num segundo o combate acabava. Kaas não poderia dar um murro, ou recebê-lo, porque não tinha pernas. Eu não posso lutar contigo, eis a frase mais ofensiva que Kaas alguma vez ouvira.

Algo de estranho estava presente naquela sua insónia. Um outro relógio, o da cozinha, mostrava, exuberantemente, as horas: três e cinquenta. Porém, a estranheza não vinha de si, do facto de estar acordado, pois tal repetia-se por diversas vezes. O que o começava a deixar perplexo era o silêncio impressionante instalado em toda a casa. Algo estava mais calado do que o normal.

Correu um pouco o cortinado e olhou para a rua completamente deserta e sem um único som. Até aí, tudo como era habitual, a casa localizava-se a uns bons quarteirões do centro, onde certamente a essa hora a agitação ainda não atingira sequer o seu máximo. Porém, o silêncio excessivo não vinha da rua, mas sim da própria casa, do interior da casa.

Saiu da cozinha e aproximou-se do quarto do seu pai, Theodor Busbeck. Encostou o ouvido à porta: nada, nenhum ruído. Atreveu-se a abri-la lentamente. O quarto estava vazio. Theodor tinha saído.

Kaas ficou por instantes parado, como que a reunir forças para aceitar assustar-se. Mas não ficou nesse estado — de quem recebe uma informação forte — durante muito tempo. Dirigiu-se ao seu quarto e começou a vestir-se. Ia procurar o pai pela cidade.

Kaas estava zangado. Como médico e como pai, Theodor não tinha o direito de o deixar sozinho a meio da noite. Uma cobardia, murmurava.

Capítulo XI

Hinnerk

Perturbações testemunhadas por Hinnerk em companheiros de guerra não o comoviam: olhou para um ex-colega que manifestava um horroroso tique na face e reconheceu-o: apertou-lhe a mão: Hinnerk, Hinnerk Obst, disse. Falaram lentamente e seleccionaram frases de modo a que a memória não tornasse a energia principal da conversa. Despediram-se logo a seguir.

Em qualquer diálogo, Hinnerk assumia a função de quem corta caminho, do apressado. *Não tinha vontade de brincar*, dizia.

Os passos de Hinnerk eram de facto seguros e não brincavam. Havia como que enterrado os grandes discursos, ou tiradas, num fosso. As palavras *aborreciam-no*. Não apenas os adjectivos, os próprios substantivos que designavam coisas do mundo concreto, e mesmo os verbos. Desistira das palavras. Fui combatente, comentava, quando alguém observava que ele não era um falador.

Hinnerk colocou a sua arma em cima da mesa, ao lado daquela mancha. Uma arma não repete a elevação provocada por uma mancha de tinta, é outro tipo de material que está envolvido.

Sentiu uma breve pressão no pescoço e com a mão esquerda tentou encontrar a fonte daquele desconforto. Terá conseguido: a pressão passou.

Subitamente baixou a cabeça e encostou o nariz à arma. A arma tinha cheiro, um cheiro particular. Não é igual aos alimentos quentes — murmurou Hinnerk mantendo um certo sorriso — mas não é desagradável por completo.

Levantou a cabeça e logo a baixou de novo. Cheirou mais uma vez a arma. Primeiro encostando o nariz ao cano, depois ao gatilho, ao punho. Cada parte da arma tinha um cheiro diferente. Se ele se esforçasse, se desviasse toda a atenção dos sentidos para o acto de cheirar a arma, conseguia claramente receber informações diferentes de cada parte. Informações olfactivas, descrinadas, como num mesmo prato o cheiro distinto de três alimentos diferentes. Hinnerk sorriu.

Existira nele, desde novo, uma certa obsessão por armas que certamente se pensaria ter tido o seu momento alto na guerra. Mas não.

Não se lembrava *de olhar* para as armas durante a guerra. Como se a acção através delas barrasse a possibilidade de as contemplar. E só agora, muitos anos depois, Hinnerk olhava de novo, por vezes, para a arma, *como um espectador*.

Mais uma vez cheirou o cano e depois o punho. De facto, parando o tempo necessário com o nariz encostado ao metal, sentindo a temperatura, algo desagradável, vinda dessa matéria, aí, em concentração absoluta, em total silêncio, e anulando qualquer pensamento, Hinnerk conseguia sentir o cheiro das próprias mãos naquela parte da arma. O punho da arma cheira a homem, neste caso particular: ao homem de nome Hinnerk Obst. E tudo o que cheira a homem é humano, pensou por um instante, mas de imediato se concentrou de novo no nariz. Havia naquele aparente pequeno percurso do rosto, entre o colocar do nariz junto ao punho da pistola e depois junto ao cano, uma mudança significativa: junto ao cano não surgiam outros vestígios olfactivos, não existia informação da presença humana. Essa parte da arma não cheirava a homem, cheirava a outra coisa: a metal; um cheiro profundamente intimidatório, um cheiro de que seria impossível dizer: eis algo que abre o apetite! Mas acerca do punho da arma esta frase era possível: porque os restos de cheiro humano, neste caso particular: do cheiro das mãos de Hinnerk, era um cheiro orgânico, comestível. Era, aliás, na enorme diferença de excitações provocadas entre o cheiro neutro e intimidatório do cano da arma e o cheiro convidativo — isso mesmo: convidativo — do punho da pistola, era nessa diferença que Hinnerk percebia algo que o assustava. Não era fácil descrever a sensação repelente que coincidia com a excitação provocada pelo cheiro das suas mãos num objecto como a arma, mas em Hinnerk havia claramente a percepção de que, com aquele *conhecimento*, tocava num horror escondido: a possibilidade de um humano comer outro; a possibilidade de tratar o corpo do outro como um alimento concreto: aquilo que permite sobreviver.

Porque era evidente a distância entre aqueles dois elementos que aparentemente pertenciam ao mesmo objecto: sentia repulsa pelo cano da arma e sentia-se excitado com o cheiro do punho. E nesta excitação havia uma mistura entre um apetite doméstico e pacífico, a vontade sexual, e uma certa insatisfação permanente e mais profunda. Insatisfação que parecia nascer da ideia de que nenhum alimento até ali

o completara. A sua fome repetia-se, estupidamente, dia após dia, e com essa falta de criatividade orgânica Hinnerk sentia-se desiludido e, de certo modo, enganado. Como um som que permanece após mil ruídos que surgem e a certa altura parecem ser fundamentais, mas que acabam por desaparecer — também o seu apetite vulgar, diário, se tornara uma obsessão incômoda. Ainda para mais muitos anos depois da violência da guerra: não se resignava ao facto de o instinto de sobrevivência estar virado para a procura do alimento. A necessidade de matar — que ele vivera — parecia-lhe mais nobre, para a espécie humana, que a necessidade de comer.

Em tempo de guerra, a necessidade primária de alimentação como que passara para segundo plano. Como se existissem outras tarefas mais urgentes, neste caso: não ser morto. Não ser morto era mais importante, mais urgente, do que comer. *Posso comer mais tarde, não posso evitar ser morto mais tarde.* E esta urgência em relação às armas tornava tolerável o apetite do estômago; algo agora quase impossível de aceitar.

Hinnerk comia com dificuldade, com um certo desprezo por este *fazer* que não elevava minimamente. Comer não era uma acção como as outras, era um fazer humano medíocre, um fazer quase tão medíocre como o acto de esperar. Comer era uma outra forma de esperar, e Hinnerk havia sido treinado para não esperar, para agir, para se dirigir às coisas e tomá-las como suas. Fora um soldado da frente de combate, um soldado que avança no corredor que o perigo abre. E para ele o perigo era o sítio privilegiado para se fazerem coisas, para ocorrerem acontecimentos. Como se o perigo acelerasse o homem, o tornasse superactivo, um fazedor, finalmente: um grande fazedor, um grande construtor. Só no grande perigo se constroem edifícios fortes; os edifícios levantados em segurança como que lhe pareciam falsos, lentos, isentos do medo que acelera o surgimento da verdade de qualquer matéria, quer essa matéria seja humana quer se tratem de simples tijolos.

Mas o que o excitava, agora, no momento em que curvado cheirava o punho da arma, era o seu próprio cheiro, o cheiro das suas mãos. Para as sensações que conseguia perceber, algo, para ele, ganhara força desde há alguns anos: Hinnerk seria capaz de comer carne humana.

O que o excitava então naquele momento, uma vez mais, curvado sobre a sua arma pousada na mesa, era esse alargamento do mundo, esse enriquecimento do desejo, como por vezes pensava. Sentia-o como uma capacidade a mais, uma outra força para além da normalidade, uma capacidade para ultrapassar certos limites.

Mas a capacidade que sentia em si não deixava de o assustar.

Hinnerk tinha um único retrato na sua casa e levava-o com ele naquela noite. Quinze minutos antes de a prostituta Hanna tocar à campainha, Hinnerk fechara a porta com força, e com a sua arma colocada, como sempre, entre as calças e a barriga, avançava já sob os candeeiros da cidade.

Os pés, lentos, demoravam a decidir-se; os passos a princípio evidentes, afastando-o da própria casa, eram agora hesitantes: perto das quatro da manhã, para onde ir?

A imagem da igreja terá surgido na cabeça de Hinnerk por uma daquelas fixações aleatórias de que é impossível alguma vez existir explicação completa. Numa das noites anteriores com Hanna, esta falara da igreja principal da cidade porque um rapaz, que auxiliava o padre em algumas tarefas, era seu frequentador; e um dos menos tímidos, como Hanna dissera. Um belo rapaz, segundo a sua opinião. E ela entrara mesmo em pormenores íntimos, como algumas vezes fazia em diálogo com Hinnerk.

Haviam sido precisamente esses pormenores a suscitar-lhe curiosidade. Nunca fizera sexo com um homem, mas havia em Hinnerk, em determinados momentos, uma perturbação evidente face ao corpo masculino. No caso daquele rapaz o que motivara a sua atenção excepcional era o facto de ele afirmar, cada vez que estava com Hanna, o seu desejo de seguir a carreira eclesiástica. Incompatibilidade que o atraía.

Provavelmente sugestionado por esta conversa, Hinnerk, naquela noite, começou a dirigir-se aos quarteirões que cercavam uma igreja da cidade. Não estaria à espera de encontrar por ali o tal rapaz de que Hanna falara, mas havia nele uma expressão evidente: a de alguém que procura. Sentia-se com fome, com um apetite não normal. Um apetite humano, pensava ele para si próprio, enquanto caminhava. E o contacto da sua arma com a pele, por cima do ventre, tranquilizava-o: Hinnerk naquela noite procurava algo e não tinha medo.

Capítulo XII

Gomperz, Theodor

As paredes do Hospício Georg Rosenberg estavam repletas de calendários. O mais antigo tinha dez anos e ninguém o arrancara da parede. Não perturbava.

Proibidos os fósforos: a iluminação dependia, em exclusivo, do desejo dos enfermeiros. Uma cabine concentrava as fichas de electricidade e, a partir de certa altura do dia, só um ou outro interruptor era manipulável directamente pelos doentes.

Era uma casa feita para eliminar os mistérios, como dizia o médico-gestor Gomperz. Procurara-se simplificar tanto os procedimentos como as coisas. Todos os objectos eram funcionais e de utilização fácil e imediata, eram raros os que não tinham utilização diária. Inútil e desnecessário era aquilo que um doente conseguia esquecer, um dia que fosse. Havia, pois, como que um arredondamento da existência, o que era excessivo transformava-se em alvo médico: tentava eliminar-se essa coisa, pôr de fora, colocá-la *para além* desse arredondamento. Como se cada existência, exactamente como um compartimento, tivesse um caixote do lixo, um sítio específico, com formas adequadas, para onde se deveriam atirar os hábitos, acções e, se possível, os pensamentos que *não interessavam*. Neste caso que não interessavam a quem vigiava: os médicos. O que era atirado para o caixote de lixo de cada indivíduo não era, pois, seleccionado pelo próprio, mas sim pela terapêutica. E a dificuldade desta não estava no acto de atirar para o lixo, de uma única vez, algo que, pertencendo à personalidade de alguém, o prejudicava, o difícil era que a caixa de resíduos perigosos — assim eram considerados — de uma determinada existência fosse esquecida. De facto, não eram muitos os que esqueciam aquilo que lhes era roubado e que os técnicos designavam como: *curado de*. Estar curado não era apenas deixar de ter determinados comportamentos, era ainda esquecer o trajecto que de novo os poderia recuperar.

Havia no Georg Rosenberg uma preocupação moral que estava longe de parar nas acções de cada indivíduo considerado louco. Perceber aquilo em que eles pensavam era também um objectivo;

existia uma atenção excepcional em redor daquilo que nunca se vê: o interior da cabeça.

Uma das mais perturbantes perguntas do doutor Gomperz, a qualquer doente, era precisamente esta: *em que é que estás a pensar, meu caro?*

Em que é que estás a pensar? A resposta verdadeira a esta questão só poderia ser conhecida pelo próprio, não havia partilha possível. Todos podiam mentir e portanto todos podiam estar seguros. No entanto, o assustador nesta pergunta era o oposto: nenhum dos doentes poderia provar que dizia a verdade. Como provar que se está a pensar num determinado assunto? O doutor Gomperz só poderia acreditar, aceitar como verdadeiro, sem prova.

Assim, em última análise, a cura completa, que depois de ter passado pelos actos do doente terminava nos pensamentos, era determinada por um evidente puro arbítrio. Gomperz teria de acreditar que o doente dizia a verdade sobre os seus pensamentos, e que portanto não pensava em nada de perigoso ou fora do normal; fixava-se sim em assuntos úteis e concretos.

No doutor Gomperz havia ainda uma espécie de moralismo mínimo infiltrado nos seus julgamentos sobre o estado do doente. Gomperz por vezes atrevia-se mesmo a colocar a um paciente a seguinte questão: *sabes em que é que deves pensar?* Tal como o professor de uma disciplina, como a matemática ou a gramática, fazia uma pergunta concreta sobre um determinado conteúdo, Gomperz fazia esta pergunta como se o outro estivesse num exame e só existisse uma resposta certa. Até para as pessoas saudáveis era perturbante.

Mesmo para Theodor Busbeck — habituado aos labirintos mentais em que doente e médico por vezes entravam — aquela pergunta era inaceitável, ou pelo menos ameaçadora.

Em que deve pensar um homem? Para onde deve o homem dirigir o seu pensamento?

Para onde deve o homem dirigir o seu pensamento para não ser considerado louco?, eis o problema colocado pelo doutor Gomperz e sobre o qual agora Theodor Busbeck tenta reflectir.

Estava ali, não apenas um problema terapêutico, dirigido a loucos, mas um problema moral, básico, que dizia respeito a todos os homens.

Um homem moral em que assuntos deve pensar? E em que assuntos não deve pensar?

Claro que a Igreja já tentara responder a esta pergunta e muito antes dos médicos que vigiam os loucos, já os padres dirigiam a sua vigilância e o seu juízo aos pensamentos, e não apenas às acções humanas.

Não bastava responder moralmente à pergunta: que actos devo fazer? Faltava responder com a mesma consistência à questão: que pensamentos devo ter?

O doutor Gomperz possuía, assim, da loucura — embora não se atrevesse a expressá-lo — uma imagem associada à imoralidade: louco é o que age imoralmente e louco ainda é o que agindo moralmente pensa de modo imoral. A loucura seria, assim, uma pura falta de ética, momentânea, porventura, e portanto curável, ou definitiva, eterna, e portanto: incurável. No criminoso e no idiota mental que nada percebe via Gomperz os dois tipos de loucura e, por consequência, de imoralidade: a loucura instalada nos actos do criminoso e a loucura instalada no pensamento do homem que não percebe minimamente o mundo onde deverá agir. O agir deste louco que não percebe era, então, também, um agir criminoso, mesmo que não fizesse mal a ninguém, pois era um agir efeito de um não entendimento, de uma ignorância; e sendo neutro ou tendo mesmo efeitos positivos, seria sempre um acto imoral porque não consciente. A inconsciência é imoral — dizia Gomperz —, é criminosa.

Theodor Busbeck e Gomperz haviam tido já algumas discussões sobre o assunto. Embora mais reputado a nível de investigação científica, Theodor nunca atingira um lugar de tanta importância na

gestão prática da loucura como o ocupado por Gomperz no Hospício Georg Rosenberg.

Havia, pois, nas discussões entre os dois homens, entre os dois médicos, uma acusação cruzada, jamais expressa, mas sempre presente no subtexto do diálogo e dos argumentos. Theodor pensava de Gomperz: não sabes tanto como eu, e Gomperz pensava de Theodor: jamais fizeste tanto como eu.

Pese embora as discussões teóricas, Theodor respeitava as decisões médicas de Gomperz sobre Mylia, a sua mulher. Pode mesmo dizer-se que os dois homens manifestavam mútua cordialidade, não apenas profissional. Theodor falara já, uma ou duas vezes, da investigação paralela que levava a cabo, onde procurava perceber o desenvolvimento do horror ao longo da História e a possibilidade de chegar a um gráfico capaz de prever o local de aparecimento de uma tragédia no próximo século. A intuição de Theodor de que se poderia cruzar esse gráfico histórico com o gráfico de um indivíduo fascinava Gomperz. Ele tratara de um número bem maior de casos de doenças mentais — e mais violentos — mas a audácia da teoria de Theodor Busbeck era invejável. Mais do que uma vez Gomperz tivera vontade de abandonar as suas funções para se oferecer como colaborador daquela investigação. Era, no entanto, fácil perceber que aquele era um projecto individual que Theodor não partilharia. Com o tempo, formara-se então uma certa admiração entre os dois homens que, apesar de tudo, não apagava por completo a hostilidade nascida da sensação comum e desagradável de que *ele não precisa de mim*. Não precisavam um do outro, pareciam pois preparados, se necessário, para o ódio.

Capítulo XIII

Theodor, Gomperz, Krauss

Entrara há minutos no gabinete do doutor Gomperz. Era evidente um desconforto que atrasava a primeira frase relevante. Theodor Busbeck fora chamado por um secretário de Gomperz *para estar ali presente naquele dia àquela hora*. Não era portanto qualquer conversa parti cular. O assunto era a sua mulher Mylia, ali internada.

Gomperz finalmente começou:

— Doutor Theodor Busbeck. Vou direito ao assunto. Pode crer que não me agrada este papel.

Theodor estava sentado à frente de Gomperz, que atrás da secretária atirava as pequenas rodas da sua cadeira de um lado para o outro.

— Que se passa com Mylia? — perguntou Theodor.

— Doutor Busbeck. Dir-lhe-ei com o rigor que o meu pudor permite. Sei que estou perante um médico, mas não foi nessa condição que lhe pedi para vir cá.

— ...

— Foi isto: a sua esposa Mylia e um outro paciente. Fizeram-no. À frente de outros doentes. Há dois dias.

Peço desculpa de o dizer, mas não me resta alternativa. Muitos viram. Vários pacientes; e dois enfermeiros que actuaram logo. Mas já estavam há minutos. Foi o ruído dos outros internos que alertou os enfermeiros. Peço desculpa por o relatar assim.

Tinha mesmo de lhe dizer — continuou Gomperz —, chegaria aos seus ouvidos. Sabe como estes doentes falam. Inventariam ainda outras coisas que não aconteceram. E os enfermeiros também viram. Nem todos os enfermeiros aprenderam a calar-se. Estive ontem o dia a pensar como lhe poderia dizer, mas começavam já a surgir outras histórias não verdadeiras associando o nome da sua esposa. Julguei urgente falar consigo para não chegar até si nenhuma mentira. Foi isto apenas que aconteceu, mais nada é verdadeiro.

— Quem foi?

— Sabe que não devo fornecer esse tipo de informações. São todos meus doentes por igual. Por lei não lhe posso dar informações a

não ser sobre a sua esposa, Mylia.

— Diga-me o nome.

— ...

— O nome só.

— Ernst Spengler. Esquizofrénico.

— Já estava cá há dois anos quando a sua esposa entrou.

— Ernst Spengler — murmurou Theodor.

— Espero que guarde esta informação. Não estou a cumprir os procedimentos certos. Quis apenas terminar com a sua curiosidade.

— Que tem ele?

— Ernst? Esquizofrénico. Que quer saber mais? Não lhe posso dizer mais. E não vejo que utilidade lhe traria.

Gomperz mexeu com a ponta dos dedos em alguns papéis da secretária:

— Não dê demasiada importância ao sucedido, por favor. Sabe melhor que eu...

— Tem de os separar — disse, com rudeza, Theodor, interrompendo-o. — Nunca mais se devem ver. Não devem ter qualquer contacto. Em nenhuma situação.

Gomperz respirou fundo e começou a falar o mais lentamente que podia:

— Sabe bem que isso é impossível, doutor Theodor

Busbeck. Pelos regulamentos é evidente que terão de ser castigados, mas não podemos impedir todos os contactos entre os dois. Não estão presos. Não são criminosos. Há uma sala comum, há procedimentos que juntam doentes em determinadas horas. Não é possível fazer o que me pede.

— Muito bem — disse Theodor. — Estamos no Georg Rosenberg, aqui não se paga propriamente como numa pensão. Estava convencido de que resolviam problemas.

Gomperz levantou-se — depois de uns instantes —, dirigiu-se a um armário de madeira, abriu uma gaveta e tirou de lá duas folhas.

— Há um único procedimento possível — disse Gomperz — para alcançarmos as condições que o doutor Busbeck deseja, mas talvez não seja...

— Diga.

— Cada instituição tem as suas regras, como sabe. Por vezes são bem diferentes de uma casa para outra. Aqui também temos as nossas regras, como é evidente, e atrevo-me a pensar que as nossas são as mais justas, não poderia dirigir esta instituição se não acreditasse nisso. As mais justas para os doentes e para os seus familiares.

Gomperz prosseguiu:

— Sobre Ernst, como calcula, o colega nada pode decidir. É um indivíduo autónomo cuja vida não lhe diz respeito, pese embora com este lamentável acidente ele se tenha cruzado com a sua existência. Sobre a sua esposa, porém, tem alguns direitos, eu diria: tem algumas possibilidades enquanto marido de uma senhora que se encontra nesta instituição pelas razões que conhecemos. De facto temos um procedimento, que entre nós designamos como *de afastamento social temporário*.

Podemos isolar um dos nossos doentes durante um determinado período. Temos três quartos previstos para esse fim, dois estão desocupados. Esses quartos têm as melhores condições possíveis. Se quiser pode vê-los. São instalações dignas.

Aplicamos estes procedimentos — prosseguiu Gomperz — aos doentes que se tornam perigosos. Não é bem este caso, mas poderíamos sempre...

— É este o caso, parece-me — disse Theodor Busbeck.

— Não é este o caso — repetiu Gomperz aumentando o tom de voz — mas poderíamos encontrar uma solução de consenso.

De repente impôs-se o silêncio na sala. Gomperz com os olhos baixos lia as condições inscritas no documento que legalmente instaurava os procedimentos de isolamento de um doente.

— Caro Busbeck — disse, finalmente —, talvez este caso que se passou com a sua esposa pudesse, sim, ser considerado como passível de... Mas só o podemos fazer com a sua autorização. Precisaria de assinar o requerimento. Não é algo que gostemos de fazer aos nossos pacientes. É praticamente determinar que fiquem sozinhos até ao limite de um ano. A nível terapêutico julgo que até poderá ter efeitos positivos na sua esposa, mas não é...

— Quero assinar — disse Theodor Busbeck.

3

Gomperz estendera já o documento a Theodor Busbeck que o lia.

— Leia e pense bem — disse Gomperz —, leve o documento para casa e veja se é isso mesmo que quer fazer.

— Não preciso de o levar para casa — disse Theodor —, assino-o agora.

— Doutor Theodor Busbeck, por favor.

— Assino-o agora — repetiu Theodor.

— Doutor Busbeck, o documento tem a validade de um ano. Aconteça o que acontecer: só poderá ser revogado por si. Um ano é muito tempo. Pense bem.

Theodor acenou com a cabeça e tirou uma caneta do seu casaco.

— Assine com esta, por favor — Gomperz ofereceu a sua caneta preta.

— Aqui está — disse Theodor estendendo ao director o documento assinado.

— Faremos como deseja.

Theodor Busbeck preparava-se para sair, quando Gomperz murmurou:

— Doutor Busbeck...

— Sim?

— Não pedirá o divórcio, pois não? Este documento tem a validade de um ano. Não o podemos alterar. Não seria correcto pedir o divórcio depois disto.

— Não seria correcto — disse Theodor. — Boa tarde, doutor Gomperz.

Theodor Busbeck entrou no consultório do advogado Krauss, seu amigo, e, depois de uma troca de palavras amenas, disse:

— Quero que comece hoje a tratar do meu divórcio. O advogado Krauss fez uma pequena pausa para que o seu rosto adquirisse a sobriedade necessária. Sem dizer uma palavra dirigiu-se à sua cadeira, readquirindo o espaço onde poderia assumir as funções técnicas que subitamente o seu amigo Theodor Busbeck lhe exigia. Neste breve trajecto o rosto do advogado Krauss procurou, tanto quanto possível, fazer transparecer um sentimento de desolação, desolação particular, individualizada, não caindo num excesso emotivo que seria descabido face ao modo como Theodor introduzira a questão. No entanto, pareceu indispensável, evitando qualquer palavra, mostrar o seu lamento.

Procurando o tom de voz ajustado, o advogado Krauss, depois de puxar para si uma folha e uma caneta, perguntou:

— Que causa alego, Theodor? Problemas... mentais? Theodor respondeu, de uma vez, e sem qualquer emoção aparente:

— Adultério.

Mas depois de um breve silêncio corrigiu: — Problemas mentais.

— Assim será — disse o advogado Krauss.

Dois meses mais tarde Theodor foi novamente chamado ao Hospício Georg Rosenberg para falar com Gomperz.

— Sente-se, doutor Busbeck.

Gomperz começou a falar:

— Colega, aqui estamos mais uma vez. Sei que o divórcio avança, e longe de mim recriminá-lo; já não éesse o meu papel. Chamei-o para lhe dar uma informação que, digamos, mesmo tendo em conta o seu processo de divórcio... uma informação que de certa maneira me coloca a mim próprio, como dizer?, comprometido... Gomperz fez uma pequena pausa:

— Estamos prontos a assumir a responsabilidade. Uma coisa destas não pode acontecer nesta instituição. O que lhe tenho a dizer é isto: a sua esposa, Mylia, está grávida.

Capítulo XIV

Gomperz, Theodor

— Repito, doutor Busbeck, estamos preparados para assumir a responsabilidade. Falei com a direcção e é evidente que, se o doutor Busbeck o quiser, o indemnizaremos por esta falha demasiado desagradável. Julgo que não será necessário complicarmos por outra via; a direcção saberá assumir.

É evidente que há o outro problema: a gravidez já é comentada em todo o hospital. É impossível fazer os acontecimentos voltarem para trás. É também evidente que tanto Mylia como o homem de que lhe falei, Ernst Spengler, não têm condições, nos anos mais próximos, para tratar de uma criança; eles é que estão a ser tratados e tão cedo não vejo como possível um ou outro saírem daqui. Mylia, a sua esposa, ex-esposa, está contente com o acontecimento, o que é positivo e, dada a situação, mudámos, como previsto nos regulamentos, as condições de alojamento: Mylia mudou de quarto e deixou de estar isolada. Dada a gravidez não precisámos da sua autorização para estas mudanças, mas estou certo de que as compreenderá. Independentemente da indemnização que considerar correcta, queríamos colocar à sua consideração o destino da criança que aí vem. À data dos factos Mylia era sua esposa; legalmente, se o desejar, pode assumir a paternidade, mas como é evidente, depois destes acontecimentos, ninguém lhe poderá exigir nada. Tenho ainda de lhe dizer que, infelizmente, a criança tem alguma probabilidade de nascer com problemas físicos.

Qualquer que seja a sua decisão para nós será uma decisão correcta e definitiva que defenderemos até ao fim. Como colega permita-me dizer-lhe, neste momento difícil, que qualquer decisão sua será eticamente inatacável.

Gomperz parou de falar e respirou fundo. Sentado na cadeira, atrás da sua secretária estava pela segunda vez, em poucos meses, a ter uma conversa difícil com o doutor Theodor Busbeck, um dos mais promissores investigadores de saúde mental do país. Theodor Busbeck permanecera todo o tempo em silêncio, inclinado ligeiramente para a frente como para receber um castigo verbal; aquela era uma espécie de recriminação dos próprios factos em relação ao seu percurso. Gomperz conseguia perceber em Theodor essa tentativa de resistência de uma mente brilhante à realidade e aos acontecimentos que se sucedem sem controlo. Era evidente que os raciocínios normais de Theodor haviam sido brutalmente interrompidos pela existência. Sem a hipótese de rasuras a vida tornara-se, em pouco tempo, outra, estranha, sem a sua vontade e sem o seu consentimento. Alguém tornara a sua própria vida intensa, usurpando a manipulação individual de que se orgulhava até aí. Influências do meio ambiente, pensou Gomperz com uma certa ironia, controlando a vontade que tinha de sorrir naquele momento: até as cabeças mais brilhantes são influenciadas pelo meio ambiente.

Gomperz não pôde deixar de sentir compaixão pelo seu colega. Naquele momento havia uma certa vaidade (que tensamente tentava ocultar) pelo facto simples de estar na posição forte frente a Theodor. Porque mesmo na responsabilidade, enquanto médico-gestor daquele hospício, pela falha de vigilância, falha que originara todo aquele problema, não existia nele um envolvimento emocional. Gomperz falhara num índice profissional, importante, sem dúvida, mas que não envolvia toda a sua existência de uma forma profunda; aquela era uma falha que poderia ser rasurada. Uma falha que poderia ser rasurada com dinheiro.

E o paradoxo era que, ao contrário, Theodor, não tendo qualquer responsabilidade na situação ocorrida, tinha no entanto nas mãos, para resolver, uma falha bem mais grave, uma falha profunda: uma interrupção externa que o obrigava a participar mais no mundo. Aquele momento de decisão era realmente um convite do mundo para Theodor

participar. Como se fosse um castigo. Alguém que gradualmente se afastara das circunstâncias da existência e desde há anos mergulhara numa investigação importante sobre a loucura individual e universal, alguém que, de tempos a tempos, publicava um artigo científico que obtinha de imediato inúmeras respostas e consequências, alguém com aquele calibre intelectual percebia, finalmente, que a mesa da realidade não estava apenas à espera, pronta para ele. Os outros também comem, terá murmurado Theodor, baixinho.

Gomperz não percebeu estas palavras, e preferiu aguardar. Cumprira a sua missão e agora devia calar-se e esperar. De certa maneira saboreava o momento: o mundo prático — que ele se sentia representar — estava naquele instante a punir os raciocínios e uma certa vida orgulhosa que julga poder existir, do princípio ao fim, sem precisar dos outros. Agora os outros estão a precisar de si, caro Theodor, pensava Gomperz: *acabaram de atirar-se para a frente do seu caminho*. Não pode continuar como até aqui, tem de decidir. E não é uma teoria que decide, nem um gráfico.

Gomperz controlava-se para suspender a respiração e para não manifestar qualquer estado emocional; na verdade, esforçava-se de modo tremendo nesta tentativa de invisibilidade das emoções, já que naquele instante um certo instinto perverso — que reconhecia pertencer-lhe de que não se orgulhava, uma certa perversidade surgia, então, no limite de se tornar explícita. Gomperz lembrava-se de alguns gráficos que Theodor Busbeck lhe mostrara em discussões acerca da tese sobre a distribuição de 'surpresas más' no mundo, ao longo do tempo, e sentia agora vontade de os colocar sobre a mesa e dizer, fixando os olhos no ilustre investigador: Tem aqui os seus gráficos, veja agora se eles o ajudam!

Havia assim em Gomperz a percepção de que aquele momento era a prova evidente de que a teoria de Busbeck não funcionava. Se ele não percebera o que estava a acontecer ao seu lado, ou pelo menos com a pessoa emocionalmente mais próxima de si, como queria ele provar algo no resto do mundo e sobre séculos passados?

Meu caro Theodor, não decide?!, exclamava Gomperz para si próprio, e, não o notando, manifestava já, exteriormente, um sorriso malicioso, um sorriso mau. *Não decide, cara inteligência? Para que serve, então, essa cabeça brilhante? Theodor Busbeck, se você visse*

agora a sua cara! Uma cara imbecil, meu amigo, como é possível, dirá, mas é isso mesmo que vejo daqui: a sua cara está branca, embalsamada. Como a de um ignorante, frente às coisas. Meu caro Theodor Busbeck, se agora entrasse aqui uma ratazana ela subiria aos seus ombros e desceria pacatamente, roçando o rabo longo pelo seu nariz, e você não daria por nada; não se defenderia porque está a pensar! Mas as ratazanas não esperam que você acabe de pensar para agirem; elas prosseguem, amigo Theodor, elas aí estão, debaixo de si e de mim. Elas não param, de um lado para o outro, com os focinhos a cheirarem os restos que vamos deixando, a meterem-se por buracos pequenos, com as patas rápidas a percorrer, com o mesmo à-vontade, as trincheiras militares e as bibliotecas, tornando uma mesma coisa a nossa cultura e a nossa violência. Amigo Theodor Busbek, se você visse agora a sua cara! Cara de ratazana, caro Busbeck! Um investigador ratazana, que quer distinguir tudo com as suas teorias, que quer mostrar que uma biblioteca e uma trincheira militar não são feitas do mesmo material, mas que não consegue; que falha. Caro Busbeck, você precisa de reabastecimento: não limpou suficientemente a sua vida. Eis que os percalços surgem, precisa de reabastecimento urgente, de auxílio; o seu pescoço torna-se saliente de mais, as veias começam a mandar em si, vejo-as agora, a aproximarem-se da superfície. Meu caro Theodor, não morra no momento em que a vida precisa tanto de si, no momento em que a vida o chama.

— Um copo de água, doutor Busbeck?

Busbeck em silêncio abanou a cabeça.

Não cometa mais erros, Busbeck, você precisa de reabastecimento, a sua cabeça não lhe chega.

— Vou buscar um copo de água — disse Gomperz, delicadamente —, está a ficar branco.

Mas Theodor Busbeck levantou-se, de súbito:

— Obrigado, doutor Gomperz. Agradeço a sua atenção. Já decidi. Fico com a criança. Por favor, ponha nos papéis que a criança é minha. Espero que tratem da minha ex-esposa com todo o cuidado até ao nascimento da criança. Quando esta nascer, alguém, da minha parte, a virá buscar. E quanto à indemnização como é evidente não prescindo dela: julgo que três milhões é um bom valor, e bastará para evitar que um único artigo meu termine com a excelente reputação do Hospício

Georg Rosenberg que Vossa Excelência dirige. Muito obrigado pela sua atenção, doutor Gomperz. Certamente voltaremos a encontrar-nos em ocasiões mais simples.

Theodor Busbeck saiu do gabinete após um rápido e vigoroso aperto de mão, e Gomperz deixou-se cair na sua cadeira. Três milhões!, tinha dito Theodor Busbeck. Gomperz afundado na sua cadeira estava branco.

Capítulo XV

Europa 02

Theodor deixara como habitualmente o seu filho de sete anos, Kaas Busbeck, no colégio, e, sentado numa mesa da biblioteca, preparava-se para começar a consultar os documentos relativos a um determinado período da História, quando a sua atenção se desviou para uma obra de ficção que o bibliotecário colocara sobre a sua mesa, com a frase: *estes livros talvez lhe interessem, doutor*. O livro chamava-se *Europa 02*.

Busbeck folheou-o: parecia um catálogo. Começou a lê-lo numa página ao acaso e assim continuou: folheando, saltando páginas, voltando atrás.

Europa 02

(I)

Excluídos

Quem comete um erro é excluído; é fechado dentro de uma caixa. Quem está fora vê apenas a caixa. Mas quem está fechado, excluído, consegue ver cá para fora. Vê tudo, vê-nos a todos.

Em cada compartimento há dezenas de caixas. Milhares de caixas por todo o lado. A maior parte delas vazia. Outras têm lá dentro pessoas excluídas. Ninguém sabe quais as caixas que têm pessoas.

As caixas são tantas que ninguém lhes dá importância. Pode estar lá uma pessoa, até a que amas, mas nem olhas. Já não produzem efeito. Passas por elas centenas de vezes.

Europa 02

(II)

Registo

Quando o som surge tens cinco minutos para regressar ao teu compartimento. Aos metros quadrados que são tua propriedade.

Não podes sair dali, e ninguém pode entrar.

Só depois de fazerem o registo é que podes sair do teu espaço privado. Para algumas pessoas o Estado de Registo pode demorar dez minutos e para outras dez dias.

Podes ficar dias sem sair do teu espaço. À espera. Quando passa muito tempo e já ouves os outros nos corredores comuns, ganhas ansiedade. Pensas que te esqueceram.

Registam o teu corpo, as medidas exteriores. Levam amostras de tudo o que ele produz e também registam as tuas coisas, contabilizam os objectos do teu espaço. Tiram fotografias de diferentes pontos.

Confirmam números. Confirmam se há algo no compartimento que não te pertença. Ou se falta algo.

Europa 02

(III)

Lei

Podes cumprir as regras com exactidão mas, num determinado momento, eles apresentam um pequeno documento-lei, e então percebes: vais ser morto.

O que fazem é aleatório, mas nunca ilegal. Primeiro mostram a lei, o documento que determina a acção.

Ninguém resiste. As pessoas aceitam a lei. Se não, seria pior.

Europa 02

(IV)

Exame Médico

Os exames médicos são feitos em sítios públicos.

Estás sentado. De repente, tocam-te no ombro, e dizem: Exame Médico. De imediato levantas-te, encostas-te à parede, e despes-te por completo.

A cada Exame Médico marcam uma cruz nas costas da mão. Há pessoas que já fizeram dezenas. E todas as pessoas sabem que as doenças surgem com os exames médicos.

Como são marcados nas costas das mãos alguns procuram rodar os braços para manterem as palmas viradas para cima. Mas com esse gesto denunciam-se. Provocam maior repulsa. Os outros afastam-se.

Europa 02

(V)

Instrumentos

Nunca te tocam. O contágio vem da extremidade dos aparelhos. Com os olhos nada distingues, mas os instrumentos parecem ter a extremidade coberta de um pó granuloso. Até sentires os aparelhos não tens medo. Depois sim.

Europa 02

(VI)

Exame Médico

Por vezes só assustam. Abrem uma fenda na pele e depois fecham-na. Arrumam os aparelhos. Dizem: nenhuma doença; e sorriem. Afastam-se, e tu comesças a vestir-te.

Outras vezes é diferente. Fazem pequenos cortes. Tocam-te com os aparelhos. Tiram pequenas coisas do teu corpo, não interessa o quê; não magoam.

Europa 02

(VII)

Deslocamentos

Subitamente perdes o contacto com uma pessoa que cumprimentavas todos os dias. Deixas de saber onde está. Poderá estar Excluído numa caixa ou ter sido morto. Ou então, Deslocado para um compartimento afastado.

Europa 02

(VIII)

Doenças

Perseguem as doenças estranhas. Perseguem os doentes estranhos. Quem tem uma doença estranha deixa de ser doente, entra na categoria do criminoso.

Ter uma doença normal significa que se obedeceu e se foi exacto nas funções. Uma doença estranha revela uma falha: faltou-se à higiene ou à verdade.

Europa 02

(IX)

Tortura

Na primeira vez ou quando é sobre alguém que conhecemos, agarram o nosso punho com força e guiam-nos a mão. Nós temos de o fazer. Ninguém recusa. Agarram-nos o punho e dirigem-nos a mão com força apenas para não trememos. Para não falharmos. Para torturarmos com exactidão.

Em qualquer sítio e a qualquer momento, podes ouvir: Tortura. E chamam-te.

Podem designar-te para torturar ou para ser torturado. Não é necessário cometeres uma falha. Podem escolher-te aleatoriamente para sofreres.

Quando te dizem: Tortura, não sabes se te chamam para torturar ou para ser torturado.

Depois de dizerem essa palavra, tens de os seguir. Não há uma terceira alternativa: ansiarás por torturar.

As torturas são executadas no teu compartimento daquele que escolheram como carrasco. Por isso, quando vês que se dirigem para o teu compartimento não consegues evitar a alegria: cerras os punhos, dás um urro de satisfação.

Só quando entrares no teu compartimento é que verás quem vai ser torturado por ti. Pode ser um desconhecido, mas pode também ser um amigo ou alguém que ames. Nessa altura sentirás nojo, não tanto pelo acto de tortura, a que és obrigado, mas pela alegria sentida, momentos atrás, quando percebeste que não irias ser a vítima; uma alegria instintiva que não respondeu a nenhuma ordem e que, por isso mesmo, te enojará durante algum tempo.

Capítulo XVI

Theodor

Theodor Busbeck fechou o livro *Europa 02*, irritado. Afastou-o para o fundo da mesa e puxou para si os documentos que previra consultar naquela manhã.

O sobrevivente de um campo de concentração disse: «Os homens normais não sabem que tudo é possível.» Theodor sublinhou a frase.

Noutra página leu:

“Dmjudeu libertado de Buchenwald descobriu, entre os SS que lhe entregavam os seus documentos à saída do campo, um ex-companheiro de escola, ao qual não dirigiu a palavra, mas que olhou bem nos olhos. Por sua própria iniciativa, aquele que ele olhava desse modo disse-lhe: "Tens de compreender, tenho cinco anos de desemprego atrás de mim; comigo, eles podem fazer tudo o que quiserem.”

Theodor transcreveu aquela passagem para o seu caderno. A ligação entre o desemprego e o horror.

O passo seguinte da sua investigação passaria pela recolha do número de desempregados ao longo dos vários períodos históricos.

No entanto, o que considerar como desemprego cinco séculos atrás? Era evidente que a definição de massacre era menos ambígua que a de desemprego. As mortes poderiam ser ocultadas; desde o início da História que milhares de valas comuns estariam ainda por descobrir, mas eram factos que não tinham segunda interpretação: um cadáver era um cadáver. O estatuto de desempregado, pelo contrário, era discutível: quantos anos sem trabalhar, ou meses, seriam suficientes? E se um homem trabalhasse uma hora por semana? O número de questões aqui era interminável. Ele deveria contudo procurar a ligação entre o desemprego e o horror exercido sobre um conjunto de homens fracos; e perceber até que ponto os desempregados estariam no lado das vítimas ou no lado dos próprios carrascos. Theodor pressentia, sem para já ter acesso a números concretos, que o horror teria homens e mulheres, sem trabalho, nos dois lados. Era brutal pensá-lo, mas exercer o horror era uma actividade, bem como ser vítima do horror. Duas actividades, duas acções. Parecia então esboçar-se no raciocínio de Theodor uma

evidência fácil de mais: o horror suspende o emprego; a actividade útil, qualquer que ela seja, é desviada de imediato para o instinto de sobrevivência ou para o outro, que também era visível no Homem: o instinto de carrasco. Ninguém coze pão enquanto é torturado e só por divertimento abjecto alguém cozerá pão enquanto tortura. Isto era tão óbvio que formulá-lo parecia estupidez. O importante era então perceber se *antes* de o horror surgir os responsáveis por ele e as suas vítimas estavam, não tanto empregados no sentido habitual, mas em actividade; se se *dirigiam para outra coisa*. Poderá um homem que se encontra entusiasmado com uma determinada actividade comum transformar-se no dia seguinte num carrasco? Era esta a pergunta, e Theodor Busbeck quase a formulava assim: alguém que se encontra entusiasmado com a sua colecção de selos ou com a descoberta de um novo elemento da astronomia poderá, no dia seguinte, estar no papel daquele que origina o horror?

Theodor Busbeck pegou num dos livros que tinha à sua frente e leu:

“[...] seis milhões de seres humanos foram arrastados para a morte sem terem a possibilidade de se defender e, mais ainda, na maior parte dos casos, sem suspeitarem do que lhes estava a acontecer. O método utilizado foi a intensificação do terror. Houve, de começo, a negligência calculada, as privações e a humilhação [...]. Veio a seguir a fome, à qual se acrescentava o trabalho forçado: as pessoas morriam aos milhares, mas a um ritmo diferente, segundo a resistência de cada um. Depois, foi a vez das fábricas da morte e todos passaram a morrer juntos: jovens e velhos, fracos e fortes, doentes ou saudáveis; morriam não na qualidade de indivíduos, quer dizer, de homens e de mulheres, de crianças ou de adultos, de rapazes ou de raparigas, bons ou maus, bonitos ou feios, mas reduzidos ao mínimo denominador comum da vida orgânica, mergulhados no abismo mais sombrio e mais profundo da igualdade primeira: morriam como gado, como coisas que não tivessem corpo nem alma, ou sequer um rosto que a morte marcasse com o seu selo”.

“É nesta igualdade monstruosa, sem fraternidade nem humanidade — uma igualdade que poderia ter sido partilhada pelos cães e pelos gatos — que se vê, como se nela se reflectisse, a imagem do Inferno.”

“Depois da entrada nas fábricas da morte, tudo se tornava acidental e escapava por completo ao controlo tanto dos que infligiam o sofrimento como dos que o suportavam. E foram muitos os casos em que aqueles que um dia infligiam o sofrimento se transformavam em vítimas no dia seguinte.”

Theodor suspirou fundo e preparava-se para prosseguir a leitura quando ouviu alguém chamá-lo, em voz baixa. Um homem dirigiu-se a si, dobrando-se para falar:

— Doutor Theodor Busbeck? — Sim?

— É o seu pai. Está a morrer.

Capítulo XVII

Kaas, Hinnerk

Kaas Busbeck tinha agora doze anos e nunca estivera na rua de noite, sozinho, àquela hora. Baixava sobre ele um medo que não dizia boa noite como no final das histórias infantis: o que escutava, pelo contrário, era: mánoite, terrível noite.

Os ombros encolhidos protestavam fisicamente contra o frio: saíra depressa de casa, o casaco não era suficiente. Estava na rua, era uma criança, mas tinha um trabalho: o seu pai, Theodor Busbeck, médico, saíra a meio da noite, deixando-o sozinho: o seu trabalho era aparar o medo e encontrar o pai.

O rapazito Kaas pensava já no modo como o recriminaria em público: falaria alto, exigiria respeito: não era uma conduta correcta, aquela, deixar o filho sozinho. Tinha apenas doze anos e as pernas muito magras. Até legalmente aquele acto era inaceitável, pensava ele.

Kaas esquecera-se por momentos das pernas e caminhava a uma velocidade decidida. Descuidado, com a mistura de medo e expectativa, o seu caminhar acentuava deficiências, um riso redondo certamente o rodearia, se por ali se vissem mais pessoas.

A perfeição das ruas abafava outros jogos, os passeios em linha recta eram caminhos naturais reforçados por uma ideia de mundo puramente humano: nos passeios, mesmo de noite, quase sem circulação automóvel, havia uma sensação de segurança: como se por cima de construções artificiais não pudessem ocorrer acontecimentos animalescos.

Havia em Kaas uma imprudência que era efeito da superprotecção que sempre recebera de toda a família Busbeck, e principalmente do pai — Theodor. Os doze anos de Kaas estavam à beira de serem pouco ou nada; ali, de noite, quando todos os vestígios de previsibilidade conhecida se apagavam devido à luminosidade reduzida. Kaas nem sequer percebia que de noite era mais seguro andar pelo meio da rua, pois tendo maior espaço em redor, poderia ver, com mais antecedência, qualquer perigo a aproximar-se. Kaas era um rapaz ingénuo que, às quatro da manhã, em plena cidade, sozinho, continuava a recear mais um carro e a sua velocidade do que qualquer outro perigo humano.

Kaas avançava. De noite não havia muitas perguntas a fazer, os movimentos tomavam conta do corpo e só no interior da cabeça se esforçava por encontrar palavras para recriminar o acto do pai. O pai esquecera-se dele.

A perna direita arrastava-se cada vez mais pelo chão, um cansaço natural no corpo deficiente de Kaas começava já a surgir, com uma rapidez assustadora. Desde há alguns anos que aquele rapaz se desinteressara do corpo; sabia bem que este era a sua parte fraca, juntamente com a sua forma de falar enrolada. Apesar dos incentivos do pai, e das aulas de ginástica correctiva onde este o inscrevera, Kaas desistira rapidamente de qualquer proeza física. Nem sequer aquelas habilidades especializadas em que os miúdos competiam, como pôr um dedo da mão todo para trás, ou algo semelhante, o haviam atraído. Cedo aprendera o instinto de defender o corpo dos olhos dos outros, de o ocultar; e, como consequência, ele próprio, de certa maneira, o esquecia. Vivia, tanto quanto possível, como se não tivesse corpo. Estava já, pois, a abrandar, ainda longe das ruas centrais da cidade, quando com ele se cruzou um homem. Esse homem era Hinnerk Obsto.

Hinnerk saía de casa — excitado com o relato de Hanna acerca de um rapaz que misturava desejos religiosos e de sexo — e continuava consciente do seu apetite humano, desse assustador apetite que naquela noite parecia excessivamente explícito, quase o incomodando, como um objecto de formas irregulares que não parasse de lhe bater no peito. De resto, há já alguns momentos que Hinnerk observava aquele outro rapaz a caminhar. No primeiro olhar pensara numa queda e aí estaria a justificação para os movimentos arrastados, mas rapidamente percebeu que aquele miúdo tinha uma deficiência. Observou aquelas pernas magríssimas.

— Boa noite, rapaz — disse Hinnerk Obst.

Kaas parou, era o primeiro homem que naquela noite se aproximava dele; talvez o ajudasse. Com a voz enrolada tentou dizer uma palavra: Blufscruk.

Interrompeu a palavra e com a mão pediu desculpa ao homem. Concentrou-se, disse:

— Busbeaaak.

E apontou para o peito, como se só dominasse uma língua estrangeira; disse:

— Meu pai, Busbeaaak.

Kaas dizia o nome de família alongando o tempo dos ás, e deturpando-o assim ligeiramente. Não era um gaguejar normal, não tinha as mesmas origens, mas em certas palavras os efeitos eram bastante semelhantes.

— Estás à procura do teu pai, é isso?

Kaas respondeu com um Ssim arrastado.

— Não é bom andares sozinho por aqui, de noite disse Hinnerk, enquanto colocava carinhosamente a sua mão no pescoço do rapaz. — Vamos... — disse, e puxou-o — por este lado encontraremos o teu pai.

Capítulo XVIII

Theodor, Kaas

Ainda na biblioteca, Theodor Busbeck levantou-se de um salto.

— É o seu pai, está a morrer.

Já em pé, arrumou os livros e os documentos que consultava; colocou as suas coisas rapidamente na mala.

— Vamos — disse.

O pai de Theodor, Thomas Busbeck, estava há meses numa cama de hospital. A notícia não era assim totalmente imprevista e havia em Theodor uma certa irritação por ter sido interrompido nas suas investigações, irritação que rapidamente procurara transferir para uma sensação mais ajustada ao momento.

— Ainda fala? — perguntou Theodor àquele que já se identificara como funcionário do hospital.

— Sim — respondeu o homem. — Pediu para chamarem o doutor.

No ano anterior morrera a mãe, agora parecia ser o momento do pai. A História particular de Theodor Busbeck estava a desaparecer, mas nele havia uma sensação de alívio: com a História privada eliminada de vez, ele poderia concentrar-se na História pública, na História dos homens e dos acontecimentos mais relevantes. Na história da cabeça humana e das suas perturbações. Havia, pois, em Theodor, a sensação de limpeza na própria vida, como uma empregada que tivesse acabado de tirar do lugar um móvel antigo que impedia, há décadas, o movimento rápido dentro de casa.

— Não resistirá mais do que umas horas — disse o homem a Theodor Busbeck.

— Sim — respondeu Theodor. — Uma tragédia.

2

Quando caminhava para o hospital, Theodor Busbeck sentiu uma perturbação no meio da sensação de limpeza que a notícia sobre o pai lhe trouxera. A perturbação ficou clara: esquecera-se do filho Kaas.

Theodor parou:

— O meu filho Kaas está no colégio. Tem sete anos. Tenho de o ir buscar, a seguir vamos ao hospital.

— O seu pai pode não resistir.

— Primeiro vou buscar o meu filho — disse, de novo, e bruscamente, Theodor. — A seguir vamos ao hospital.

Capítulo XIX

Theodor, Kaas, Thomas

1

Theodor e o filho Kaas entraram lentamente no quarto de Thomas Busbeck, um homem que, trinta anos antes, fora considerado a grande personalidade do país, e que agora estava morto.

Há trinta anos, quando Thomas Busbeck telefonava a alguém, nunca o mandavam esperar. A cidade inteira estava à sua disposição, como se todos pusessem um lugar a mais na mesa para o caso de Thomas os querer honrar com a sua presença.

Thomas Busbeck havia sido um dos mais influentes políticos do país. O seu padrão de funcionamento, centrado na firmeza, ganhara a cada ano relevo no meio dos farrapos em que se haviam transformado certas convicções e no meio da separação entre tantos homens que meses antes pareciam formar uma aliança indestrutível. Sempre sozinho, sem nunca se aproximar de alguém para ganhar força — isto é: nunca aceitando que um outro pudesse ser seu igual —, Thomas reagira às derrotas políticas com um regresso ainda mais forte, engrossando as mesmas palavras com uma popularidade estranha que as derrotas com o tempo costumam dar. E à medida que os anos foram passando Thomas Busbeck perdia por margem cada vez menor, chegando então o dia em que concorreu às eleições para gerir a cidade, e ganhou. Cinco anos mais tarde era considerado, pela mais importante revista do país, a personalidade do ano.

O papel das mulheres e dos homens era evidente na família Busbeck: os homens conseguem uma coisa e as mulheres mantêm-na. Eram como que duas partes do mesmo exército: os homens iam à frente e ganhavam notoriedade e às mulheres estava entregue a função, extremamente difícil e delicada, de manter o alto nível das conquistas, ou seja: a cargo delas estava a manutenção da *higiene da notoriedade*, expressão que ganhara na família Busbeck uma consistência orgulhosa. Nenhuma mulher da família se envergonharia de dizer em voz alta: eu mantenho limpa a notoriedade do meu marido. Pelo contrário, tal frase — a ser verdadeira — expressaria, muito simplesmente, o sucesso de uma existência.

No ano anterior à morte do velho Thomas Busbeck a sua esposa, mãe de Theodor, falecera. Também esta passara os últimos tempos de cama, embora em casa. Nesse período em que a avó, deitada no quarto, *permanentemente descansava*, o rapazito Kaas assistiu a algo que nunca chegou a entender por completo.

Foi assim: de modo inadvertido e com o seu andar desengonçado, Kaas, com apenas seis anos, abriu a porta do quarto da empregada de família, como muitas vezes fazia, e viu o avô, Thomas Busbeck, sentado, na cama da empregada. Esta, com a cabeça enfiada entre as pernas do avô, fazia um movimento que de imediato assustou Kaas.

— Para trás, rapazinho estúpido! — gritou o velho Busbeck.

Kaas virou-se e fugiu.

Horas mais tarde, Theodor, depois de uma curta conversa com o avô, chamou-o.

Kaas, assustado com a cara do pai, tentou dizer uma palavra, que não se percebeu. Theodor pediu para o filho se aproximar, e quando este deu um passo, esbofeteou-o, de uma vez, com força.

E depois disse:

— O menino tem de aprender a falar correctamente.

— Vês? — perguntou Theodor levantando com os braços o filho para este poder olhar para o avô. — Vês? É o avô. Morreu.

Kaas, pela primeira vez, viu nesse dia o avô Thomas de cima. *Como se estivesse num helicóptero*, repetiu mais tarde. O avô estava calado e parado, os olhos fechados, e os braços à frente e ao longo do tronco; a mão direita pousada sobre a mão esquerda.

Com a sua dicção disforme, Kaas, ainda levantado no ar pelos braços do pai, apontou para o avô, e perguntou, estranhando a posição:

— O avô 'tá com medo?

Capítulo XX

Thomas, Theodor, Kaas

Quando Theodor participou ao pai a notícia de que iria casar com uma sua doente: Mylia, Thomas, depois de um longo período de silêncio, disse:

— É uma mulher que vai sujar a tua notoriedade. Foi, pois, com um certo prazer em verificar que tinha razão, que Thomas Busbeck assistiu mais tarde a todos os acontecimentos.

Primeiro a notícia de que a sua nora iria ser internada no Hospício Georg Rosenberg. Após vários tumultos na vida do casal, esta foi uma notícia escutada sem surpresa.

— É a única solução — dissera na altura o velho Thomas.

Meses depois as notícias, praticamente ao mesmo tempo, do divórcio e da criança que Mylia esperava na barriga.

Sem nunca entrar em pormenores, Theodor deixou no pai a esperança de que aquele filho fosse realmente legítimo. À mãe tinham sido retirados todos os direitos, incluindo, como é evidente, aquele que se refere à educação do filho; e assim, mal a criança nasceu, foi entregue à família Busbeck.

Foram no entanto necessários poucos anos para o velho Busbeck verificar que algo não estava bem com aquele de quem tivera esperanças que continuasse o nome da família. Theodor era o seu único filho e aquela criança era a última hipótese de a notoriedade dos Busbeck não terminar por ali.

— Uma família não deve acabar em alguém que estuda os loucos — dizia Thomas ao filho Theodor. — Mesmo que seja brilhante. Que pelo menos a família termine em alguém que estude o comportamento de imperadores e reis — dizia ainda, com ironia.

No trajecto de Theodor, no desvio do objecto da sua investigação — do louco individual para a *loucura do mal* ao longo da história —, era evidente uma influência dos anseios da família.

Quando, pela primeira vez, Theodor descreveu as suas investigações e algumas das suas hipóteses acerca da evolução da violência ao longo dos séculos, Thomas rejubilou:

— Isso mesmo. Isso é assunto para um Busbeck!

Porém, a nível familiar, e à medida que Kaas foi crescendo, uma enorme desilusão se apoderou do velho Thomas, desilusão que se misturava com o aparente afecto em relação à criança.

Quando Kaas tinha quatro anos, estavam Thomas e o filho Theodor na sala, há quase duas horas envolvidos num jogo de xadrez que sempre levantava um forte instinto competitivo nos dois homens, quando Thomas se levantou, subitamente, abandonando a meio o jogo. Dirigiu-se ao armário das bebidas e serviu-se.

— Theodor — disse o velho Busbeck —, és o meu único filho, e as nossas caras, se não houvesse dezenas de outras formas de uma família se perpetuar, os nossos rostos, dizia, não deixam qualquer equívoco: és o que eu era há trinta anos. E eu orgulho-me do que era há trinta anos.

Theodor, entretanto, estava já levantado, quase por respeito. O seu pai carregava aquele momento de uma certa intensidade imperial: o peito inchado, o tronco mais direito que o normal numa manifestação evidente de poder, o modo como pegava no copo, ao mesmo tempo displicente e vigoroso — como quem diz que aquele objecto não é digno de ser tocado por aquelas mãos: tudo evidenciava uma excitação invulgar. Thomas Busbeck estava irritado.

— Theodor — disse de uma vez Thomas —, o filho não é teu. Toda a gente o percebe. Tentei avisar-te a tempo, há muitos anos. Essa mulher Mylia, eu disse-te, ia sujar o teu percurso. E é o que está a fazer. Toda a cidade sabe da história. Quando tu passas com Kaas as pessoas gozam com ele, com as deficiências dele; e gozam contigo.

Thomas Busbeck fez uma longa pausa.

— Gosto do rapaz, mas não é meu neto.

É o momento de te livrares de uma coisa errada. Há muitos sítios onde o podes pôr, e onde tratariam dele; melhor do que tu consegues fazer.

Thomas Busbeck bebeu o que restava no copo.

— Estás a começar. Já falam muito no teu nome. A tua tese de a saúde pressupor a procura de Deus é comentada nos círculos médicos, e apesar das críticas que fazem os teus colegas, eles estão de facto apavorados. Já perceberam que não és apenas um rival: vais ser melhor do que eles. Acho que é a altura de limpares *todos* os teus pontos fracos. Quando tudo for evidente, nenhum dos teus colegas hesitará, um

momento que seja, em começar a segredar as fraquezas da tua existência e a inventar outras coisas que não ocorreram. Não conheço melhor os homens, mas já me cruzei com mais; e em qualquer estudo, *tu* sabes melhor que eu, a quantidade da amostra não é irrelevante. Já vi centenas à minha frente, ao meu lado e, principalmente, nas minhas costas, atraíndo. Todos os teus colegas médicos que investigam começam a odiar-te. É evidente que não és ingénuo e já o percebeste. És um Busbeck, eduquei-te para viveres com os homens, não para viveres com os pássaros. Ninguém *te* vai fazer o ninho, a única pessoa que fez e *te* continuaria a fazer o ninho é a tua mãe, e ela agora está no quarto e não se levanta mais. Eu também tenho poucos anos à frente e não faço ninhos nem para o filho. Deves preparar as coisas que *te* rodeiam para que a cabeça se mantenha sempre em funcionamento, sem interferências. Essa mulher com quem cometeste o erro de casar sujou um pouco a tua vida, mas não a sujou completamente. Afastaste-te dela, muito bem. Terminou o erro nesse ponto. Mas esta criança continua a sujar-te, e essa é uma ligação que ainda agora está a começar. Não penses que algum dos teus colegas *te* admira a compaixão de educares uma criança deficiente que não é tua. O que dizem, depois de *tu* passares, é que uma mulher louca *te* enganou com outro louco. É isto que dizem. Os Busbeck nasceram para troçar dos outros, não para serem motivo de troça.

Kaas não era apenas alguém que sofre. Havia nele, como em todos os seres vivos, um instinto de resistência que por vezes o levava mesmo a atacar. Theodor, fingindo dormir na pequena sala ao lado, uma vez observara isto: o seu filho Kaas, com quatro anos, sozinho na sala com a avó — que perdera já quase por completo a visão — e, entre os dois, circulava o cão da casa. A mãe, velhíssima, quase sem se mover, com a bengala na mão, sentada, implicava com o animal que passava junto às suas pernas. Com a bengala tenta acertar-lhe, falha, vira-se depois para o lado onde não está o cão, chama-o de maneira delicada para o enganar, quer bater-lhe com a bengala. Kaas, de quatro anos, ri-se da velha que já nem percebe em que lado está o cão, e, de repente, sem qualquer razão aparente, dá um pequeno murro, com a mão fechada, nas costas da avó. Theodor viu tudo e controlou o impulso de intervir. Continuou com o olho meio aberto, a observar. A sua mãe deu um pequeno grito quando recebeu o murro de Kaas, este riu-se e murmurou algo.

Theodor percebeu o que o seu filho dizia, com ar de troça e com o jeito enrolado: Foi o cão, o cão!

A avó, ainda sentada, tentava agora, com toda a força que tinha, bater com a bengala em alguém, fazendo-a subir e descer em todas as direcções. Talvez percebesse que o neto e o cão não estavam próximos, mas mesmo assim insistia naqueles movimentos espantosamente vigorosos, tendo em conta o seu estado de saúde. Batia com a bengala no chão e nas cadeiras! De seguida Theodor viu de novo o seu filho Kaas aproximar-se da avó, com aqueles passos arrastados por umas pernas absolutamente assustadoras de tão finas, e viu então o filho, com quatro anos, aproximar-se, lentamente, das costas da avó — que, virada para a frente, se esforçava por perceber o que estava a acontecer —, e com nitidez Theodor viu a cara daquela criança adquirir uma satisfação impressionante, viu-o puxar o braço direito o mais atrás possível e dar, nas costas da velha Busbeck, com toda a força que tinha, um violento segundo murro.

Esboçava Theodor um raciocínio cauteloso acerca da probabilidade de o desemprego ter efeito tanto no instinto de violência como no instinto oposto — o da bondade ou compaixão que se infiltra *misteriosamente* em determinadas pessoas, fazendo-as abandonar os seus projectos particulares para se dirigirem a causas gerais, altruístas; estava, pois, Theodor, nestes pensamentos, com a mão direita encostada ao seu filho Kaas, de sete anos, arrancado subitamente do colégio para ver o avô que morria, formulava Theodor a hipótese de que o bem e o mal têm origem na inactividade e no tédio, e que, portanto, a actividade concreta, especializada, dirigida individualmente, provocava, pelo contrário, uma atitude moralmente neutra em relação ao mundo; a actividade — o trabalho propriamente dito — poderia ser, então, a forma de evitar os grandes horrores, os grandes massacres da História, aceitando-se, porém, ao mesmo tempo, que também assim desapareceriam as condições para o surgir de grandes acções e de homens santos. Sendo no entanto, para Theodor, de uma absoluta evidência a reduzida importância dos actos bons, quando considerados num tempo longo, ao contrário dos actos de maldade pura, que se haviam transformado no verdadeiro motor da História. E este termo motor associava os factos a uma determinada velocidade, não existindo aqui qualquer consideração moral. Não há motores morais ou imorais — pensava Theodor —, há motores que funcionam e fazem avançar, e há outros que não funcionam. A santidade, historicamente, não funcionava, e tal era, para ele, naquele momento, uma descoberta importante. O progresso depende apenas da velocidade do mal e das respostas que este provoca, murmurava para si próprio. E encontrava-se tão satisfeito com o patamar a que chegara o seu raciocínio que, no momento em que alguém se aproximou, informando que o seu pai — Thomas Busbeck — acabara de falecer, Theodor, num tom de voz inequívoco e firme, respondeu:

— Excelente! Excelente!

Capítulo XXI

Hinnerk, Kaas, Ernst, Mylia

O rapaz de doze anos, deficiente, que procurava o pai àquelas horas da noite estava cada vez mais assustado, e o facto de aquele homem de olheiras grandes o agarrar provocava nele um temor irreconhecível, que o impedia de reagir.

Hinnerk, segurando no pescoço de Kaas, puxava-o para uma rua lateral, onde a iluminação era quase inexistente.

— O teu pai... Busbaak, é isso?

Kaas tremia, aquele homem estranho não era bom; e os dois começavam a afastar-se do sítio onde os candeeiros mantinham uma certa luz tranquilizadora. Kaas sópensava no pai, Theodor Busbeck: ele não tinha o direito de o deixar sozinho em casa. Ele sabia que Kaas poderia precisar dele a meio da noite, o pai traíra-o. Ia chamá-lo à razão. Não foi uma atitude inteligente, pensava Kaas da atitude do pai.

Hinnerk estava desde há momentos calado, mas não. parava de puxar o rapaz, o mais delicadamente possível, para a parte de trás de um prédio, de onde vinha uma escuridão completa. Kaas fez um pequeno movimento tentando afrouxar a mão do homem sobre o seu pescoço, mas este, subitamente, agarrou-o ainda com mais força, e atirou-o ao chão.

Kaas tentou gritar.

Ernst, entretanto, junto à cabine telefónica, levantava do chão Mylia que aos poucos recuperava os sentidos.

Com o dedo indicador, Ernst acaricia-lhe a testa junto ao olho direito. O espanto nocturno tem maior intensidade; a luz, por pequena que fosse, tiraria relevo aos acontecimentos.

Uma interrogação essencial na mulher de nome Mylia: como é que uma voz se transformara num corpo que, naquele momento, a tocava?

De repente, uma mulher esquece os acasos que a existência guarda num esconderijo e pressupõe que tudo na sua vida individual tem uma participação directa do divino. Ernst descobriu-a porque veio *por um caminho não material*. “A alma do homem frequentemente o avisa melhor do que sete sentinelas colocadas em lugar alto.”

A fé de Mylia recebe naquele momento uma sólida ajuda dos factos: reconheci espontaneamente a tua mão calma, disse ela a Ernst, ou pensou-o.

Lentamente Mylia põe os olhos minuciosos naquele rosto. Um rosto que anda de um lado para o outro, *como um louco*, pensou. Ninguém se aborrece quando no último instante é salvo ou quando reencontra uma pessoa do seu passado: o aborrecimento é perigoso, sabia Mylia, mais perigoso que qualquer batalha. Acabam-se as perguntas, começa o aborrecimento, escutara uma vez Mylia do seu antigo marido, Theodor.

— Por onde tens andado? — perguntou ela a Ernst. Que pergunta ao mesmo tempo cautelosa e violenta: *por onde tens andado?* Que ruas frequentas, que casas? Pergunta moral, e não geográfica. *Não se trata de um passeio.*

Mas o rosto nervoso de Ernst mostrava até que ponto aqueles anos não o haviam modificado. Tranquilizada, Mylia recordou a frase: “Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que seque a minha mão direita.” Os dois abraçaram-se.

Capítulo XXII

Gomperz, Mylia, Lanz, Godicke, Wisliz, Gada, Thinka, Witold

Quando o doutor Gomperz chamou Mylia ao seu escritório segurava um caderno preto onde, por hábito, escrevia os dados essenciais da evolução dos seus 'hóspedes'.

Nascera há duas semanas uma criança; na cozinha as cozinheiras festejavam com os seus largos corpos batendo desastrados contra as mesas, bebendo vinhos em copos pequenos que não bastavam para conter aquela alegria exagerada. Havia a desculpa de um bebé, de um bebé 'feito na casa', o primeiro. O exagero dos festejos era, apesar de tudo, escondido, não oficial; as mulheres davam o exemplo de uma resistência à infelicidade e, sendo funcionárias, portanto: portadoras de uma cabeça 'decente', como se dizia por ali, tinham direito às pequenas alegrias; o curso regular da existência do Hospício Georg Rosenberg fora 'maltratado', e tal facto era, para os funcionários com pouca responsabilidade, uma grande alegria.

As cozinheiras gastavam o seu ímpeto na forma dos alimentos, no modo mais ou menos ordenado como estes eram apresentados nos pratos delicadamente postos à frente do louco, que por vezes dizia: *cozinheira boa, comida boa*. Educados para respeitar os alimentos como se respeitava uma pessoa mais velha, de cabelos brancos e andar vagaroso.

Os alimentos não estavam isolados de uma certa ordem e disciplina que começava no primeiro metro quadrado do hospício e terminava, não apenas nas janelas, mas no que se podia ver das janelas. Até nos olhares através de janelas protegidas havia um sentimento, lançado pelos directores, de calma indispensável, como que dizendo: não olhes de mais, *olha moderadamente*. Como se existisse realmente um limite ao olhar, um gasto no organismo por se estar demasiado tempo a fixar coisas que existiam no lado de fora da janela. Uma certa contenção, pedia-se por vezes, contenção nessa actividade exercida frente às janelas: o exterior do hospital era, ao mesmo tempo, um espaço infantil — pouco adequado à seriedade exigida aos loucos — e adulto de mais, perigoso, portanto. O *exterior está molhado!*, repetia vezes sem conta um dos loucos.

Quando chovia mesmo, as telhas seguravam a água por instantes até que, de repente, uma 'reunião líquida' caía lá de cima, com uma violência comedida, mas que.

se tornava um excelente divertimento para um homem há tempo de mais sentado a ver pela janela a chuva cair. As telhas de um lado do edifício pareciam formar um esboço de desordem, de mudança de ritmo, ao qual a natureza, sob a forma de chuva, respondia do lado de fora; as concentrações de água, efeito de uma espécie de circuito interno do telhado, prometiam uma revolta naquela estabilidade mortal instalada nos dias do Georg Rosenberg. Naquelas quedas concentradas de água existia uma *saúde do salto*, saúde instalada nas mudanças súbitas ocorridas de um segundo para outro. A saúde era o inverso do tédio, dos medicamentos que no hospital se confundiam com a alimentação, transformados que estavam numa espécie de segundos alimentos; ou mesmo, em vários casos, a medicação, ela mesma, era o primeiro alimento do louco, ganhando importância ao simples arroz, à carne quase sempre mal passada, dura, ou *de sabor indecente*, como por ali repetiam. Mas não eram sóos sabores indecentes, por vezes a temperatura das salas perdia o autocontrolo que parecia exhibir, quer estivesse solou demasiado frio. E nesses momentos de temperaturas elevadas, de temperaturas, ainda, *indecentes*, alguns doentes, depois de conversarem entre si, juntavam-se para reclamar junto a uma enfermeira. Perguntavam: querem matar-nos com calor?

Mas ninguém os queria matar com calor.

Mylia; o filho nasceu há duas semanas e ela ainda não o viu.

O doutor Gomperz disse-lhe:

— Comunico-lhe que o divórcio está consumado. O seu ex-marido Theodor Busbeck pediu-me para lhe dizer que aguarda as suas melhoras e deseja-as, mas que não a quer ver mais.

A vigilância tornava-se uma outra forma de não se estar so zinho, certos doentes impediam a solidão sentindo-se observados; uma espécie de calor que investia traiçoeiramente sobre as costas, vindo do olhar de alguns elementos, mas a que se adaptavam em pouco tempo. Alguns doentes, é certo, insultavam os olhares demasiado longos de certos enfermeiros, e as reuniões intensas de loucos pareciam, no fundo, servir apenas para encontrar inimigos dentro do estabelecimento. Gada, ainda novo, era um dos que não se cansava de dizer: *temos mais um inimigo*; como se ali, naquele edifício, estivessem envolvidos vários exércitos.

Certos homens faziam mesmo o que chamavam de 'rascunhos de guerra': sobre papéis brancos desenhavam movimentações de soldados e espiões e ainda muitas máquinas estranhas, misturando afazeres quase domésticos e que conheciam bem — como a necessidade de lavar a roupa — com outros mecanismos mais universais inventados com o objectivo de 'espalhar o horror na natureza'.

Mylia, entretanto, submetia os seus olhos ao modo de o doutor Gomperz dirigir a conversa; era Gomperz que começava e terminava, era ele que decidia o aumento geral do tom de voz ou, pelo contrário, a sua diminuição.

— Veja este quadro — disse o doutor Gomperz a Mylia —, foi oferecido à instituição por um pintor que aqui esteve, sete anos depois de ter saído. Sabe o que isto significa? As pessoas gostam de estar cá.

Qualquer coisa na superfície do quadro o fazia embotado, como se à frente das cores uma placa de vidro ligeiramente embaciada impedisse o olhar directo.

— O quadro está sujo — disse Mylia, aceitando o assunto determinado pelo doutor Gomperz.

Gomperz interrompeu-a:
— Por favor, não diga disparates.

Quando o correio chegava, os homens interrompiam os seus percursos mais ou menos descontrolados, e rapidamente tentavam chegar aos envelopes, provocando depois os que nada haviam recebido, numa crueldade que lá dentro era aceite como normal. Havia, no fundo, uma moralidade própria, uma moral sobressaltada, nunca estável, uma moral inquieta, momentânea, que se transfigurava de um dia para o outro, de uma hora para a seguinte, de uma circunstância para a oposta; esta moral do instante, esta ética directa, imediata, tornara-se uma das aprendizagens dos homens e das mulheres que frequentavam o Georg Rosenberg: a navalha corta, dizia Lanz, um homem obcecado pelo trabalho, e a enfermeira Stonia respondia-lhe: claro que a navalha corta.

Aprendizagens seguras eram as que jamais poderiam ser perdidas como se perde um objecto que cai do bolso ao chão, e é esquecido. Ninguém esquecia aquela ética primária, onde a felicidade era exibida ostensivamente, para que os infelizes percebessem a diferença. Uma carta era o instrumento ideal para interromper a ordem e a limpeza geral do Georg Rosenberg; como um aceno de mão do exterior cada carta tornava-se num recuo do louco em direcção à sua vida passada; mesmo que na carta se falasse do futuro o que estava em jogo era um processo de memória: *lembra-te que já estiveste cá fora*; ou talvez melhor: não te esqueças. Era este o sentido de qualquer carta: não te esqueças!

No jardim do Georg Rosenberg havia um carrinho de mão cinzento, novo, que parecia deslocado da preguiça dos homens e da disposição das flores pelos canteiros. Lanz, o louco que queria trabalhar, pedira insistentemente um carrinho de mão; e essa pequena máquina ali estava, agora, semanas depois do pedido. Por vezes algo semelhante a isto: um presente; súbito, inesperado. O director Gomperz defendia a ideia de que a boa surpresa, de quando em quando, desencorajava a expressão de uma energia da raiva que se acumulava em todos — nuns mais do que noutros — por ali estarem. O aniversário dos doentes era utilizado como arma de pacificação, o sentido normal dos dias era interrompido e um objecto perfeitamente inesperado como

um carrinho de mão poderia surgir, de repente, no jardim do Georg Rosenberg. É o teu presente, Lanz.

Uma mancha de sangue era o pretexto para Godicke gritar naquela manhã, pelo jardim. O doutor Gomperz encostou levemente o rosto à janela do seu escritório, e virando-se depois para Mylia disse: é o Godicke.

Uma decisão importante fora deslocada para a frente da existência de Mylia; como um camião que transporta durante vários dias um carregamento de terra para, finalmente, o deixar no meio da estrada, interrompendo a circulação. Ela não poderia avançar.

Mylia apreciava um esconderijo no jardim onde por vezes se encontrara com Ernst para dois ou três beijos. Três árvores mais juntas, de folhagem abundante, que tapavam o homem e a mulher como se aquela natureza particular estivesse mais apta a tapar seres humanos que qualquer outra coisa. Eram as árvores dos namorados, como os doentes chamavam àquela parede natural onde alguns casais se atreviam a trocar rápidos gestos amorosos.

Mas voltemos à decisão importante que 'caiu' sobre a vida de Mylia. Não foi uma frase, mas um facto concreto, um acontecimento, um acto que se fez sobre, ou por cima, da sua existência; que se fez de um dia para o outro; não houve tempo para planos demorados nem para discussão de alternativas: um prego ferrugento instalado no quarto de Mylia sujava a parede e perturbava-a; mas não foi naquele espaço, claro, que o acontecimento se fez sobre o corpo de Mylia, foi no sítio apropriado — cada sítio coleccionava os seus acontecimentos, especializava-se em determinados fazeres. Os espaços tornavam-se rapidamente mais profissionais que muitos humanos: Mylia entrou num sítio onde nunca entrara: um edifício anexo ao Hospício Georg Rosenberg — e voltou com um pano espesso à volta do ventre. Um médico faloü em algo semelhante a um novo esconderijo no corpo dela.

Foi um acto médico simples num ano onde as invenções tecnológicas se sucediam: não mais poderia ter filhos; haviam arrancado uma possibilidade ao seu corpo. Como se o seu ventre tivesse desistido do mundo, mas não: haviam-decidido por ela. Mylia

não sabia o que lhe iam fazer, e depois não entendeu o porquê daquela sonolência, da dor, e ainda da faixa em redor do sexo. Muitos anos mais tarde, já fora dali, num outro mundo, alguém finalmente lhe disse o que anos antes lhe haviam feito: alguma vez autorizou isto? E Mylia, nessa altura, saudável e forte, disse: não.

O cada vez mais rico e famoso, dentro do meio médico, Theodor Busbeck, pagara adiantados a Mylia, sua ex-esposa, cinco anos na pensão de luxo para loucos Georg Rosenberg.

Dentro da instituição havia, no entanto, uma hostilidade, não compreendida totalmente por ela, e que começava no doutor Gomperz, mas passava por toda a hierarquia, sendo até mais exuberante em determinados enfermeiros que, vendo o modo de o 'chefe' se manifestar, se sentiam protegidos, e exerciam assim certas rudezas mesquinhas, que os aliviavam de um rigor disciplinar que o regulamento interno impunha.

— Você nem sabe quanto dinheiro nos fez perder! desabafara uma vez o doutor Gomperz a Mylia. Esta não compreendeu.

Este quadro não está sujo, você está suja — disse Gomperz.

Mylia gostava de erguer o rosto com orgulho e desde sempre trouxera ao pescoço uma cruz, que, de repente, se tornava um sítio de refúgio; como se tocar na cruz fosse entrar num espaço, abrir a porta de um compartimento e fechar-se lá dentro. Quando a sentia nos dedos isolava-se, de imediato, mesmo que rodeada de homens e mulheres barulhentos que a puxavam: *para não a deixarem 'ir'*. Mas ela 'ia'. 'Desaparecia' repentinamente da sala, mesmo que continuasse a exigir um espaço físico concreto para se sentar. Alguns abandonavam-na então como se faz a uma coisa, a um móvel, algo de quem jamais se pensará ouvir uma resposta.

Wisliz, o homem que insistia em afirmar que engolira um prego, falava muito lentamente, como muitas pessoas dali; pareciam ter inventado uma nova língua, com as mesmas palavras e gramática, mas mais arrastada, como se com outra origem fisiológica, mais profunda, mais próxima do início da linguagem. As palavras não tinham tempo para se desenrolarem completamente: a última sílaba ainda não estava cá fora, explícita, já a palavra seguinte a empurrava, passando por cima, amolgando-a mesmo; fundindo-se assim o início de uma palavra com o final da palavra anterior.

Wisliz falava e bebia chá — como só as mulheres dali faziam — para diluir o ferro desse parafuso engolido que o obcecava.

Wisliz pegou numa maçã e pareceu exercer uma autoridade nova: a autoridade de um ser vivo que tem a mão hábil e pode fazer malabarismos com um fruto. Quanto ao fruto, este, recebe a autoridade manual de Wisliz com uma prudência estúpida, com uma posição de espera definitiva; arranca-lhe um bocado do tronco vermelho e mastiga.

Queres maçã?, pergunta Wisliz. Mylia não responde.

Todos foram já desencorajados de interromper Mylia quando ela está 'a ver a alma'; por vezes ela sai 'daquele sítio' com um insulto ou com a tentativa de um murro. Por vezes, os outros sentem-se até culpados por interceptar uma conversa privada. Mylia sorri ao lado de Wisliz, e este sorri também, mesmo sabendo que ela não vê. A maçã vai ficar inteira para ele e isso basta-lhe: está contente.

Uma experiência era o contacto com a água, o meio apropriado para acalmar certas tentações agressivas. Os homens fumam no jardim e três mulheres em redor de um recipiente largo, cheio de água, mergulham as mãos e falam de posições sexuais e do pénis de alguns homens. Thinka, uma mulher negra, orgulha-se das frases longas e complicadas que não pára de produzir, mas de repente começa a troçar de Mylia, do facto de lhe terem tirado o filho.

Grita: Ernst é o pai! Ernst é o pai!

De noite, Thinka gosta de assustar as pessoas, e porque é negra acredita que nem a luz das lâmpadas no escuro a consegue tornar visível; ri-se muito alto, fala de um hospital militar onde o tecido dos lençóis é mais grosso que uma parede; para evitar as bombas, diz ela.

Thinka é uma mulher culta, tornou-se rapidamente uma das líderes: é forte, os braços largos. As mãos demoram-se — juntamente com os braços gordos — sobre o corpo de homens e mulheres.

Gosta de tocar e de deixar os membros pousados sobre o corpo dos outros; agarra-se como uma mochila preta e alta às costas de Mylia, dá-lhe beijos na cabeça, no cabelo, outras vezes troça da sua inaptidão, não servias para mãe, diz Thinka sem qualquer aviso, sem qualquer preparação maldosa do rosto que antecipasse aquele insulto vulgar. Não se trata de uma maldade pensada, é instintivo, é uma defesa verbal, de mulher para mulher, como uma arma que mantém Mylia dominada. Thinka diz aquela frase e outras sobre o mesmo tema: levaram-to porque não servias para mamã!

Mylia tenta partir o vidro, mas magoa-se. Witold, um louco — há mais de dez anos no Georg Rosenberg diz:

Se não sentes a alma parte o vidro com ela.

Mylia cospe na direcção dele, não lhe acerta, o cuspo fica debaixo da boca. Witold ri, ela limpa-se com o punho da camisa.

Conta os teus dedos, quantos dedos?

Cinco, responde Mylia.

Vês?, diz Witold, tens a mão toda.

Falta a mão, insiste Mylia.

Ela tenta de novo dar um murro no vidro. Dois homens agarram-na.

Mylia não consegue agora mexer os braços; os homens não deixam; abre e fecha a mão direita dezenas de vezes.

Capítulo XXIII

Ernst, Mylia, Hinnerk, Hanna, Theodor

Uma vez fugiram do Georg Rosenberg. Os dois: Ernst e Mylia. Correram pelo passeio como se começasse o mundo. A vida estava irreconhecível e na rua os homens e as mulheres eram mensageiros: que carta têm para nós?, tinham eles vontade de perguntar. Estranho era apenas o modo de vestirem e a forma como Ernst caminhava. Porém a deficiência física não foi suficiente para assustar pessoas que com pressa se dirigiam para o trabalho. De manhã, em qualquer ponto da cidade, a estranheza e os seus efeitos diluíam-se; com pressa, atrasadas, as pessoas passariam, sem qualquer sobressalto, ao lado de um dragão: bom dia, talvez dissessem, distraídas, ao monstro.

Mylia e Ernst, contentes com o anonimato no meio da confusão e com a sensação de que nada interrompiam com a sua fuga. Não eram assim tão loucos, nem tão doentes: não perturbavam a cidade.

Sentados no café sorriam um para o outro. Estavam no mundo, e ninguém reparava neles: eis a alegria.

Mylia debruçou-se sobre a mesa de café e deu um beijo na boca de Ernst. Um casal de namorados, somos um casal, pensou Mylia, e ficou contente. Um casal dava um simples beijo no café. Somos namorados, disse Ernst em voz alta ao empregado. Este sorriu.

Ernst escolhia lentamente o pedaço de bolo que engolia a seguir. Mylia segredava-lhe algo ao ouvido. Um ou outro risinho: estavam felizes. A porta aberta do café deixava entrar um frio desagradável, mas que divertia aquele casal de namorados. Há quanto tempo não havia uma interferência da temperatura? A sensação de que estavam de volta à natureza era naquele momento essencial, como se em vez daquele café ruidoso e cheio de fumo, em pleno centro da cidade, rodeados por sons de automóveis, estivessem afinal no campo, numa qualquer planície isolada.

Mylia espirrou, Ernst ofereceu-se para trocarem de lugar, para ficar ele mais próximo da porta. Ela recusou:

Está perfeito, disse; mas espirrou de novo.

Depois de acabarem o bolo, Mylia murmurou:

— A criança faz dois anos hoje.

Ernst percebeu finalmente por que razão Mylia escolhera aquele dia para a fuga.

25 de Maio?, perguntou Ernst.

25 de Maio, respondeu Mylia.

Dez anos depois; ou mais precisamente: dez anos e quatro dias depois, 29 de Maio. Quatro e meia da manhã: o homem de nome Hinnerk acaba de sair de uma pequena ruela onde agora está estendido o corpo de um rapaz. Kaas Busbeck.

Hinnerk precisa urgentemente de encontrar Hanna, a insatisfação com que saíra de casa não se saciara com aquele encontro rápido. Aquela noite parecia-lhe decisiva, indispensável para o conhecimento mínimo do mundo. Sentia-se investigador da própria existência: Hinnerk ignorava parte das suas forças, não sabia ainda do que era capaz, porém naquela noite era impossível responder às coisas de outra forma que não afirmativamente, se guindo em frente. Deixara já um corpo atrás de si, mas não sentia caminhar na rua depois de um crime, sentia que caminhava na rua depois de um encontro.

Respirava ainda com algum esforço, já que a rápida luta com o rapaz lhe deixara uma fadiga quase invisível, mas central. Desconfiava da sua força, o que não deixava de ser estranho tal a facilidade com que fizera tudo.

Hinnerk dirigia-se para o centro da cidade, para a Rua Klirk Purch, onde Hanna estaria certamente à procura de clientes, ou eles à procura dela. De certa maneira a sua existência encalhara como o resíduo de um barco na vida de Hanna. Aquele cruzamento oferecera-lhe uma estabilidade mínima, um contacto, um sítio ao qual se poderia encostar sem receio de cair. Hanna era a sua ligação com o mundo e com a cidade, a sua ligação com os seres vivos. A vantagem em ter uma pessoa com quem falar era incalculável. Sabia bem que conhecer Hanna lhe permitira guardar metade da sua violência.

Como um tesouro utilizável no momento certo, Hinnerk sempre percebera existir nele uma energia violenta preparada para agir. Era já, nessa altura, evidente, que aquela noite destaparia metade da sua energia, *metade do seu apetite* ficaria finalmente visível. Havia nele a tentação de dizer: *ainda não me conhecem*, como alguém que se prepara para se exhibir frente a um público numeroso. E mesmo depois

do que fizera havia nele uma modéstia criminosa: *era apenas um miúdo*.

Nunca deixando de sentir a arma à frente das calças, arma que nem sequer precisara de utilizar com o rapaz (de quem ele nunca viria a saber o nome), Hinnerk, já na Rua Klirk Purch, avistou o vulto de Hanna ao lado de um homem. Era Theodor Busbeck.

Hinnerk dirigiu-se a eles com ar amigável.

Capítulo XXIV

Ernst, Mylia, Kaas, Theodor

Naquele dia 25 de Maio, segundo aniversário de Kaas Busbeck, filho de Mylia e Ernst Spengler, mas formalmente registado como tendo por pai o doutor Theodor Busbeck com quem vivia, naquele dia 25 de Maio, então, o casal que fugira nessa manhã do Georg Rosenberg, apesar de várias tentativas, não conseguiu ver a criança.

A casa de Theodor Busbeck era guardada por um funcionário que controlava os movimentos de entrada e saída e, apesar de certos indícios mostrarem a existência de uma criança naquela casa — o mais evidente: um pequeno brinquedo no jardim das traseiras que Mylia conseguira ver depois de se empoleirar em cima de um muro em nenhum momento a criança, ela mesma, fora vista.

Ernst não conteve um gesto agitado, bruto: aproximou-se do homem que, à frente do portão, encolhera os ombros face ao pedido para falar com o doutor Theodor Busbeck, e empurrou-o, desajeitadamente.

Os movimentos violentos de Ernst eram atravessados por aquilo a que se pode chamar *incompetência na forma*, os tratamentos no Georg Rosenberg amansavam os músculos; máquinas feitas para fazer força eram desviadas do objectivo, tornando-se, ao longo de meses, máquinas de contemplação; músculos que observam, que olham da janela, músculos que esperam. Havia assim uma brutalidade incompetente no corpo de Ernst: aquilo que deseja agarrar foi durante muito tempo agarrado, aquilo que agora quer empurrar foi empurrado muitas vezes.

Ao contrário, aquele homem à frente do portão respondeu às dezenas de pequenos movimentos inúteis com uma única força: empurrou Ernst de tal maneira que as pernas deste não resistiram: caiu ao chão. Com os seus movimentos desajeitados levantou-se de novo; Mylia tentou segurá-lo, ele insistiu, dirigiu-se outra vez para o homem que agora o recebe com um murro violento. Ernst cai e tem sangue no rosto.

De repente, começa a chorar.

A primeira vez que Mylia viu o filho, Kaas tinha já quatro anos, e Theodor Busbeck, o seu ex-marido, estava presente.

Estendida no chão uma criança rebola direita ao seu pai, com risos; Theodor diz:

— Kaas Busbeck, levante-se. Esta é a sua mãe. Mas o rapaz mantém-se no chão, a rebolar.

Mylia fizera progressos nesse seu estado de saúde contemplativo; havia, é certo, qualquer energia que nela fora cortada ou porventura armazenada em algum local do corpo ao qual ela, por enquanto, não tinha acesso. Assustava-se com a necessidade de agir: uma porta fechada, em certos dias, era um adversário à sua altura humana; reconhecia que o mundo disparatado era mais resistente que ela, qualquer bocado desse mundo parecia mais bípede, isto é: menos fácil de atirar ao chão.

Havia em Mylia a sensação de que as coisas eram grandes. Uma simples garrafa ganhava proporções gigantescas, e existia ainda uma desvantagem em relação aos pequenos objectos pois o próprio peso era um obstáculo para a acção: como fazer algo se o corpo pesa?

Um dia Ernst guardou revistas com fotografias 'indignas' e Mylia abriu por acaso o papel de embrulho julgando com os dedos aproximar-se de uma outra coisa. No Hospício Georg Rosenberg circulavam revistas pornográficas entre os homens, mas raramente estas chegavam a ser vistas por alguma das mulheres ali presentes. A excepção era Vana, a louca que se divertia apertando os genitais dos homens, e que utilizava a linguagem mais obscena do hospital.

Mylia, no entanto, ficou surpreendida quando, no quarto de Ernst, o seu namorado, encontrou embrulhadas, como uma prenda, duas revistas pornográficas. E durante largos minutos não tirou os olhos daquelas imagens onde pénis de diferentes tamanhos penetravam vaginas, ânus e bocas de mulheres que com olhares debochados em direcção à câmara fotográfica lhe revelavam um outro mundo. Outras mulheres.

Os enfermeiros sabiam da circulação dessas revistas no Georg Rosenberg, e não existindo qualquer indicação explícita da Direcção a esse respeito havia, no entanto, um consentimento mudo, e só quando alguém as expunha demasiado é que as revistas eram confiscadas.

— Kaas Busbeck, levante-se. Esta é a sua mãe — insistiu Theodor Busbeck no dia da primeira visita de Mylia ao filho.

Porém, apesar das insistências de Theodor, Kaas, nessa primeira visita de Mylia, praticamente não lhe deu atenção: aquela mulher que via pela primeira vez tinha um olhar pasmado, que vai e vem ao mesmo ritmo. Uma criança que soubesse exprimir-se de uma forma mais clara diria: eis um olhar ignorante, um olhar que não percebe e não tenta. Porque Mylia apenas saíra há uma semana do Georg Rosenberg, era a segunda tentativa na vida exterior, o seu olhar era ainda uma coisa como que transportada à mão, um olhar sem força, sem velocidade.

Dir-se-á que esta noção é pouco clara, mas de facto havia, naquele momento, uma diferença ostensiva entre a forma de olhar do médico Theodor Busbeck, o seu pai, olhar que aparecia e desaparecia com rapidez e que marcava o espaço com uma fita métrica inteligente — e o olhar daquela que diziam ser sua mãe: um olhar sem velocidade. Theodor fora ensinado pelo pai, Thomas Busbeck, que a inteligência era um índice do movimento do olhar. Se fizermos o cálculo, dizia Thomas, da velocidade dos olhos dirigindo-se às coisas para as perceber, velocidade média durante um ano, teremos o valor da inteligência dessa pessoa, e tal bastará para adquirirmos uma ideia bastante precisa acerca da produção intelectual desse indivíduo. O mais breve encontro entre dois seres que não se conheçam bastará — se existir uma observação atenta do olhar do outro — para se captar a aptidão intelectual de cada um, mesmo que um e outro não troquem palavra. O que cada um diz não é suficiente: pode ser apenas boa memória — costumava afirmar o velho Thomas Busbeck —, se queres escolher um colaborador fecha os ouvidos e está atento aos olhos dele, à forma como eles se mexem: no fundo, ao modo como eles se atiram às coisas, como vêem um objecto e o rodeiam, como entram nele e depois saem ou ficam. O trajecto dos olhos no mundo dá o trajecto da inteligência.

— Kaas — chamou Mylia, mas ele não ligou.

— Kaas Busbeck! — repetiu Theodor com voz firme. — Esta é a sua mãe.

E o rapazinho apenas respondeu:

— Não.

Capítulo XXV

Hanna, Hinnerk, Theodor, Mylia, Gothjens

Hanna já se começava a preocupar: ficou aliviada ao ver Hinnerk. Numa situação nada habitual e que costumava incomodar a clientela das prostitutas, os dois homens — Hinnerk e Theodor, o cliente e o 'dono' da mulher — cruzaram olhares: estavam frente a frente.

Tendo aprendido do seu pai Thomas que os vícios de um homem notável devem ser de imediato exibidos para que jamais sirvam de chantagem ou amesquinhamento, Theodor há vários anos que decidira falar abertamente da sua 'visita a mulheres', avançando sem qualquer vergonha física pelas ruas da prostituição, não se preocupando sequer em preservar o seu nome verdadeiro, escondendo-o ou inventando um falso; foi assim com naturalidade que Theodor estendeu a mão a Hinnerk, e se apresentou:

— Theodor Busbeck.

Hinnerk pressentiu algo de familiar naquele som e, com alguma estranheza ainda não resolvida, estendeu a mão àquele homem que se preparava, de forma indirecta, para lhe dar dinheiro.

Para Hanna aquele contacto era já excessivo, delicadamente interpôs-se entre os dois homens: depois falamos, disse a Hinnerk, preciso de atender este senhor, e sorriu, maliciosamente. Theodor despediu-se daquele homem de olheiras absolutamente 'originais' e seguiu Hanna, cujas ancas, abanando cada vez mais, o excitavam com uma intensidade invulgar.

Tendo recommçado a andar em sentido contrário, Hinnerk deu poucos passos até perceber a estranheza que sentira ao ouvir o nome daquele homem: Busbeck. Agora percebia. Pensou no rapaz deficiente, e não parando de andar murmurou a meia voz: Busbaaak.

Entretanto, os seus passos, como que sozinhos, dirigiam-se para o lado da igreja.

— Mesmo que queira o seu corpo não poderá esquecer a passagem por Georg Rosenberg.

Mylia estava deitada na cama: tinha pela primeira vez dores fortíssimas no baixo-ventre, e explicava que nos anos de internamento fora operada para não ter mais filhos.

— Sem o seu consentimento? — perguntou, pela segunda vez, o médico.

— Sem o meu consentimento — disse Mylia.

O ginecologista era um ancião, o doutor Gothjens: sentou-se; levantou-se de novo, lentamente, uma voz rígida mas atenciosa:

— Nenhum médico pode fazer isso sem o consentimento da mulher.

— Ninguém me perguntou nada — disse Mylia. — Talvez tenha assinado um documento, mas se o fiz não estava em condições de o fazer. Não me lembro.

O doutor Gothjens fizera já o seu diagnóstico: a operação para 'fechar os filhos', como Mylia dizia, tinha corrido mal. Atingira o objectivo — Mylia era agora estéril — mas deixara outras mazelas. Tinha de ser novamente operada. Há algo cá dentro — dizia Gothjens, referindo-se ao ventre de Mylia — que se desenvolve de uma maneira errada. Esperemos que a operação o consiga travar.

Mylia regressou, passado uma semana, para aquela que seria a sua primeira operação. Depois dessa seguiram-se outras três, ao longo de vários anos. Até que a certa altura o médico, após a análise do desenvolvimento da doença, lhe comunicou que nada havia a fazer: no máximo ela viveria dois anos. Mais do que isto seria um milagre. Nas suas palavras, seria *um acontecimento espiritual e não terapêutico*.

Mylia de imediato recordou as teorias de Theodor Busbeck, o ex-marido. Reconheceu-as na boca desse médico: o espírito, a procura de Deus. A terceira parte da saúde. Quando a matéria falha.

Nessa mesma tarde murmurou para si própria, pela primeira vez, aquela heresia que lhe parecia, ao mesmo tempo, uma profecia negra e

o único destino que valeria a pena combater:

Se eu me esquecer de ti, Georg Rosenberg, que seque a minha mão direita.

Capítulo XXVI

Ernst

Com um casaco demasiado apertado ou talvez de um tamanho abaixo do exigido pelo seu corpo, Ernst Spengler escuta as conversas na rua e tenta dirigir as diversas palavras para um único sentido, unindo a frase que um homem engravatado diz para o seu colega de ofício, com a frase seguinte, num outro lado, da adolescente para as suas duas amigas. Tentando andar sempre, de maneira a que nenhuma conversa particular o agarre em definitivo, Ernst tenta ligar ou coser as frases da cidade de forma a que esta apresente um discurso homogéneo, uma frase compacta como um exército, um conjunto de frases que obedeça a uma única ordem; *como se estivéssemos em tempo de guerra*, pensou.

Ao longe viu o que pareciam ser jogos de terra entre adultos, mas rapidamente se aproximou e viu homens de rosto carregado a transportarem vasos de terra para uma camioneta; depois, do mesmo prédio, viu sair um homem vestido de preto, um funcionário, claramente, que estava ali com todas as suas técnicas e não com todos os seus sentimentos. A situação agora parecia clara: morrera alguém. Chegam com um caixão dois homens, o caixão está vazio, o morto ou a morta moram num destes andares e o caixão carregado por dois homens procura o endereço certo. Solícito, o funcionário tecnicamente triste abre ainda mais a porta do prédio de modo a que o caixão e os dois homens passem com mais facilidade; um velho, residente no edifício, afasta um enorme caixote do lixo colectivo para o lado, de modo a que o caixão deixe ainda espaço para os cotovelos dos homens.

Ernst Spengler saiu já há alguns anos do Hospício Georg Rosenberg e naquele dia, algures na parte mais importante da cidade, estará o seu filho, que ninguém reconhece como tal, Kaas, que comemora aniversário a 25 de Maio, data que Ernst não esquece, data da primeira fuga com Mylia.

Uma vez encontrou, numa rua movimentada da cidade, um antigo 'colega' do Georg Rosenberg e esse encontro pareceu-lhe uma obscenidade do acaso, uma maldade dos caminhos. Ele mantinha-se um homem vulgar, sem qualquer qualidade excepcional; havia nele, Ernst Spengler, apenas a marca do menos, do que lhe faltava em relação aos

outros humanos, e nada do outro lado para compensar ou atenuar: nenhuma habilidade artística; nenhuma ocasião excepcional lhe surgira — depois da saída do hospital — para poder ser herói momentâneo; a existência mantivera-se a uma altitude estável, e para quem havia permanecido vários anos no Georg Rosenberg tal não bastava. Inconscientemente todos exigiam algo mais: uma carga positiva forte, uma invenção inesperada, uma mulher que se encontra; ou filhos, pelo menos, que assinalem nos dias actuais uma energia importante que justifique a espera, que faça suportável o facto *de nada acontecer agora*. Mas não havia filhos.

E como nada na vida de Ernst Spengler surgira com um carácter que pudesse servir de compensação, havia sempre, nos encontros com homens ou mulheres que conhecessem o seu passado, uma inquietação violenta. Qualquer desses encontros não seria mais do que a manifestação do fracasso, sentido pelo próprio. *Sofreste tanto e agora tens apenas uma vida normal*, era este o pensamento gerado aquando do cruzamento numa rua da cidade — um sítio 'civil' — entre dois 'colegas' do Georg Rosenberg. Digamos que a existência era para Ernst Spengler tolerável, francamente tolerável, quando os contactos humanos se restringiam a pessoas novas, a pessoas desta sua segunda vida, pessoas que não sabiam onde ele tinha estado e o que sofrera, pois a estas ele não precisaria de exhibir um *mais* existencial, bastava-lhe estar com saúde, intacto, e vivo.

Ernst caminhava horas pela cidade sem parar, inventando histórias na sua imaginação, construindo relações humanas e amizades que não existiam. Esforçara-se por aprender de novo a contactar com as pessoas normais, e não apenas isso: também com os dias normais: os dias que esperam pelo humano para que este decida o que fazer deles. É que durante anos fora treinado no instinto contrário: o instinto de aceitação, de disciplina total, de ordem: o dia surgia-lhe à frente já preparado, medicado, dir-se-ia — não no sentido farmacêutico, mas num sentido quase de engenharia: o dia seguinte estava já resolvido, construído, as perturbações e os exageros haviam sido afastados, a rotina diária era uma simplificação impressionante da existência. Os dias eram isso mesmo: medicados.

E, apesar do esforço, esse passado no Georg Rosenberg deixara os seus restos sobre os anos seguintes, os anos de aparente liberdade, os

anos em que a doença de Ernst já não se manifestava. A sua cabeça encontrava-se dentro dos limites de segurança — tanto para si como para os outros — mas havia ainda coisas por esclarecer: a conta do seu mundo interior não estava terminada: a cabeça não era matéria que permitisse uma fácil construção de diques; as barragens não barravam, tudo continuava em circulação, em passagem, os pensamentos ligavam-se uns aos outros de uma maneira não previsível, por vezes mesmo de uma maneira perigosa; na cabeça os pensamentos estavam claramente numa mistura não controlável: em Ernst ainda não surgira o raciocínio analítico dirigido aos pensamentos, a separação era difícil, impossível mesmo.

Por vezes, quando cortava uma fatia de bolo com uma faca, Ernst Spengler tinha mesmo o pensamento absurdo e satisfeito: consegui separar uma coisa de outra.

Fora do Georg Rosenberg o reencontro de Ernst com Mylia seria algo muito próximo do catastrófico. O namoro terminara com naturalidade logo que um deles saíra do hospital; há muitos anos, portanto. É que não havia hipótese de reconhecimento entre aqueles dois mundos: dentro e fora do Georg Rosenberg existiam como que duas línguas, e uma não comunicava com outra: nem uma única palavra tinha o mesmo sentido dentro e fora do Georg Rosenberg. Estavam pois agora noutra língua, noutro país: frases e hábitos novos, pessoas que nunca se tinham visto antes, uma segunda existência; alguém os metera no bolso durante um certo tempo, e os escondera da população, e esse bolso chamava-se Georg Rosenberg.

— Gomperz, o director, meteu-nos no bolso — disse Ernst uma vez. — Como um ciumento: não nos quis partilhar com mais ninguém da cidade, isolou-nos como se tivéssemos uma doença perigosa e contagiosa, uma doença física que saltasse de um corpo para outro, a através de um animal pequeno e concreto, e que pudesse matar, como a peste, um milhão de pessoas de uma vez. Mas eles tinham estado simplesmente loucos.

Não tive uma doença contagiosa — pensava Ernst —, a minha cabeça funcionava mal, apenas isso.

A cada semana que passava, afastado dos métodos e hábitos do Georg Rosenberg, aumentava em Ernst a insatisfação com a forma como fora tratado. O que sempre lhe parecera a única solução — esses métodos e a disciplina que até certa altura, lá dentro, havia elogiado estando ele agora numa rua livre da cidade, caminhando no meio dos homens e das mulheres normais, pareciam-lhe completamente desadequados e mesmo brutais. O director Gomperz que Ernst, como aliás todos os 'hóspedes' da instituição, viam com um enorme respeito, sempre mantidos por aquele a uma distância emocional significativa, transformara-se gradualmente na figura de perseguidor, figura que desde a infância mais o aterrorizava. Nas histórias infantis o pirata e o malvado nunca conseguiam instalar tanto terror como *aquele homem*

que persegue, mesmo que aparentemente este fosse pouco perigoso. Porque havia sempre a sensação de que o homem que persegue, persegue individualmente; marcou-nos algures com uma marca imperceptível e não nos larga; e quase tão terrível como não nos deixar de perseguir é o facto de não nos conseguir agarrar. Ernst lembrava-se bem do alívio que sentia quando, ao ouvir histórias infantis em que alguém perseguia o menino, pensava na hipótese de o menino, em vez de continuar a fugir, se virar, e dirigir-se ao perseguidor dizendo: aqui estou eu, não precisa de me perseguir mais, agarre-me. Mesmo nunca entendendo, em toda a extensão, o modo como Gomperz o perseguira a ele, Ernst Spengler, depois do nascimento da criança de Mylia, perseguição executada dentro da instituição e sempre de acordo com as leis, a disciplina e o regulamento, mas sim, perseguição pura, individual, perseguição em que o perseguido tem algures no corpo essa marca terrível: a de alguém que foge; muito menos percebendo a vigilância, ainda mais violenta, sobre Mylia nos anos posteriores a todos os acontecimentos: filho, divórcio, etc.; tendo, pelo contrário, integrado todos os actos hostis que lhe eram dirigidos, a ele ou a Mylia, como pertencendo ao natural método terapêutico do reputado 'hospital de cabeças' Georg Rosenberg — ganhando assim estes actos uma carga quase de compaixão ('eles ajudam-me') — Ernst, finalmente, anos depois de sair, afastado já de todas as pessoas — incluindo Mylia — que haviam interferido fortemente na sua existência, percebia agora os actos do director Gomperz, e de vários funcionários, de uma outra maneira. Não o haviam ajudado (ele nada recebera), nem sequer o recuperaram (nada lhe haviam devolvido; não recebera esse *algo* que antes tinha), eles todos, desde o director ao funcionário mais discreto, tinham, simplesmente, com ele, tal como com todos os outros, ganho o seu salário. E sobre Gomperz agora Ernst não tinha dúvidas: filho-da-puta.

Ernst fora perseguido duramente depois do 'incidente' com Mylia; e o seu perseguidor, aquele que infiltrara o medo diário e o terror ininterrupto na sua existência, era o director do Georg Rosenberg, o doutor Gomperz. Finalmente isso estava claro para Ernst Spengler.

Nesse dia, 28 de Maio, três dias depois de dizer para si próprio, ao olhar para o calendário: o meu filho faz doze anos e tem um nome que não me pertence, Kaas Busbeck — três dias depois, não tolerando mais a inquietação crescente acompanhada de uma normalidade que em nada compensava a carga negativa há muito instalada em si, Ernst Spengler decidiu agir como na infância: para terminar com o terror de perseguido (que continuava a sentir) a criança deveria parar de fugir, dar meia volta, e dirigir-se de frente para o seu perseguidor. Só depois conseguiria pensar em procurar o filho, falar com ele, explicar-lhe: Kaas.

Nessa manhã, 28 de Maio, depois do pequeno-almoço tomado lentamente, no seu pequeno compartimento do sótão onde, por gentileza familiar, dormia há vários anos, Ernst Spengler começou a descer as escadas do prédio e, já na rua, dirigiu-se, não demasiado rápido, mas sem desvios: para o Georg Rosenberg. Precisava de falar com aquele homem que o continuava a perseguir até no seu sono: o doutor Gomperz Rulrich.

Capítulo XXVII

Theodor

28 de Maio, manhã: Kaas Busbeck com os seus doze anos recentes dirige-se como habitualmente à sua escola, uma escola especial, extremamente cara, que o tem ajudado a melhorar a dicção e os movimentos da perna.

Numa outra rua da mesma cidade, Ernst Spengler, pai verdadeiro, mas não oficial de Kaas, dirige-se para o Hospício Georg Rosenberg, onde não entra há vários anos, não tendo sequer frequentado uma única vez as suas proximidades.

O rapazito Kaas Busbeck entra na escola e como habitualmente é bem recebido. É uma criança deficiente e, de imediato, a compaixão humana que todo o forte manifesta em relação àquele que pode, de um momento para o outro, subjugar, surge, a par de um respeito considerável. Aquele rapazinho é filho do famoso investigador Theodor Busbeck, homem que repetindo o trajecto do pai acabara de ser considerado 'cidadão do ano'. Busbeck publicara, finalmente, a investigação que preencheria a sua cabeça ao longo de décadas: cinco grossos volumes de mais de oitocentas páginas cada um, publicados simultaneamente, por vontade e exigência expressas pelo investigador. Há vários meses que as revistas, mesmo as não especializadas, tinham por centro os comentários e análises aos resultados obtidos na investigação de Theodor Busbeck. Os quatro primeiros volumes eram constituídos por uma impressionante acumulação de números e de informações factuais sobre as vítimas de massacres ao longo da história (cuja definição surgia logo no primeiro volume: 'não me debrucei sobre as guerras' — escrevera Busbeck — 'não me interessou o confronto de duas forças, por mais desiguais que fossem, interessou-me apenas a Força quando se confronta com a fraqueza'; definindo Busbeck a Força como 'matéria com energia para pôr em perigo uma outra matéria' e a fraqueza como 'matéria com energia vazia', ou seja: 'sem possibilidades de colocar em situação de perigo uma matéria próxima').

O doutor Busbeck explicava ainda, logo no primeiro volume, que estes dois conceitos eram relativos à matéria vizinha: uma matéria forte era forte em relação à matéria situada imediatamente ao lado. Um povo

fraco, isto é 'sem possibilidades de colocar em situação de perigo um determinado exército invasor' não deveria ser considerado, como salientava Busbeck, 'um povo bondoso' pois os factos não se deviam a uma questão de bondade de um lado — as vítimas — e de maldade do outro: os carrascos ou os que executavam o terror. Tratava-se simplesmente de uma questão de *possibilidade* e não de vontade ou desejo. Um povo fraco relativamente a outro, poderia rapidamente — isto é, a nível histórico, em menos de um século — passar a: povo forte, por entretanto se ter fortalecido ou, simplesmente, por se ter aproximado de um povo ainda mais fraco. Theodor Busbeck tornava assim evidente que a sua investigação mostrara que não existiam povos marcados nas costas com o vínculo exclusivo de sofredores, nem povos com exclusiva tendência para instalarem o terror. 'Claro', salientava Busbeck no seu estudo, 'claro que num determinado momento histórico, num certo ano, se for feito o balanço, pode detectar-se um desequilíbrio no deve-haver do sofrimento de uma determinada população'. (Busbeck utilizava mesmo os termos 'povo emissor de sofrimento' e 'povo receptor de sofrimento'.) Este desequilíbrio, que qualquer análise detectaria, significava apenas, para Busbeck, 'que a História ainda não havia terminado', e mais especificamente: 'que a história do terror ainda estava no início'. 'O terror ainda não terminou', repetia Busbeck, 'nos próximos séculos muitas populações serão massacradas', vêm aí 'vários milhões de mortos', escreveu.

Uma das teses fundamentais da investigação de Busbeck e que mais comentários e efervescência instalara nos meios intelectuais era, então, a ideia de que a História só terminaria quando os gráficos: 'povo Nemissor de sofrimento' e o mesmo 'povo Nreceptor de sofrimento' estivessem equilibrados 'com exactidão e ao pormenor: número de indivíduos de um *lado* e de *outro*.' A História específica de um povo chegaria ao seu ponto máximo e portanto limite — o que significava que: ou aquele povo terminaria ali, ou o mundo, como um todo, desapareceria — quando se atingisse este equilíbrio: o zero como resultado do balanço entre violência recebida e exercida.

Esta tese tinha uma consequência prática directa que apenas surgia no último volume — o mais polémico e a consequência prática, terrível — uma espécie de profecia negra da História — era esta: Theodor Busbeck, depois de apresentar todos os números e informações exaustivas sobre o tema, atrevera-se a prever os acontecimentos dos próximos séculos, tendo por base o deve-haver de cada povo ao nível de sofrimento. Theodor Busbeck terminava um dos principais capítulos do seu último volume ('brutalmente' como alguns analistas classificaram ou 'com uma explicitação desnecessária' como outros disseram) apresentando uma tabela onde enunciava os povos que nos próximos séculos 'certamente seriam alvo de massacres' e os povos que nos próximos séculos 'seriam responsáveis por massacrar populações indefesas'.

E se existiam países que praticamente eram neutros nesta 'História do terror', isto é: que não tinham executado ou sido objecto de qualquer massacre ao longo de vários séculos, outros, pelo contrário, estavam sempre no centro desta história violenta e eram estes povos que surgiam explicitamente naquela que tinha potencial para se tornar numa das mais citadas e polémicas tabelas da ciência; em concreto, da sociologia. Qual o povo cujos elementos aceitariam tranquilamente uma profecia que lhes era especificamente dirigida, sem qualquer ambiguidade — o nome estava escrito, letra por letra, na tabela —, qual

o povo, pois, que aceitaria, sem protesto, ser colocado entre aqueles que nos próximos séculos iriam sofrer um massacre ou executá-lo? Como aceitar um ou outro destino?

Como era previsível, o estudo de Theodor Busbeck foi recebido com particular hostilidade por cientistas que pertenciam a determinados povos, especificamente enunciados naquela terrível tabela final. Uma curiosidade, aliás, sobre a qual ele muito reflectiu nos anos seguintes, é que as reacções violentas vieram tanto de elementos pertencentes aos povos que Theodor Busbeck profetizava como 'emissores do terror' como de indivíduos dos povos considerados por ele como futuros 'receptores do terror'. (E era mesmo isto aquela tabela: uma profecia numérica, quantitativa, exacta. Busbeck chegara ao ponto de dizer: 'este povo sofrerá um massacre onde serão exterminados cerca de seiscentas mil pessoas' e 'aquele' outro 'irá eliminar cerca de um milhão e meio de seres humanos'.) Pelas reacções geradas — muito menos intensas em investigadores de povos, digamos, 'neutros'

Theodor sentiu que era tão insultuoso ser considerado 'futuro carrasco' como 'futura vítima' e, nesse sentido, Busbeck percebia um medo — pânico mesmo — quase idêntico entre os que recebiam tornar-se, nessa ou nas gerações seguintes, vítimas ou criadores do horror. Como se existisse nesses dois estados do ser humano (vítima e carrasco) uma vergonha idêntica (de origem fisiológica obscura) ou pelo menos proporcional e exactamente simétrica — outra forma de ser idêntica.

Esta constatação servia para Theodor Busbeck reforçar ainda mais o pressentimento científico, se assim se pode designar, de que tanto a História colectiva como a História individual de um ser humano caminhavam para o equilíbrio entre o sofrer e o fazer sofrer. O mundo era o conflito entre uma carga positiva e uma carga negativa e esse mundo terminaria quando, quer a nível geral, universal, gigantesco, quer a nível individual e microscópico, se atingisse o zero, a anulação das duas cargas fortes e opostas. Esse seria o momento do fim do mundo e do fim de cada coisa.

Aplicado individualmente, este raciocínio permitia que 'um ser humano conseguisse perceber qual o dia da sua morte', pois esse dia, qualquer que ele seja, demore muito ou pouco, será o dia em que

individualmente o corpo atinge o zero, anuladas as cargas positivas e negativas recebidas e enviadas para o mundo'.

Porém, apesar de quase recomendar esta espécie de profecia doméstica, Theodor Busbeck, sobre si próprio, escusava-se a fazer qualquer balanço entre sofrimentos infligidos e recebidos. Não por não acreditar seriamente na sua teoria e na transposição do seu estudo geral e histórico para uma aplicação individual; ele não fazia cálculos sobre o seu percurso enquanto emissor-receptor de violência — recusava-se mesmo a fazer um simples diário — apenas porque queria ser 'surpreendido'. Havia, de facto, em Theodor Busbeck, uma convicção enorme na sua teoria; crença que tocava o místico, o não racionalizável; teoria sentida como explicação universal, 'sem excepções'.

Um investigador da mesma área, com maior à-vontade pessoal, dissera-lhe até algo, em resposta às suas teses, que outros haviam escrito de um modo mais científico:

— Busbeck, você não é só um cientista, é também um crente. E por isso é que as suas teses ganham tal importância: você utiliza a energia suplementar da fé e acrescenta-a aos métodos científicos que domina. Nós, meros cientistas, pouco dados a Deus, apenas lhe podemos responder com a melhor das ciências. Assim, neste combate não poderá existir outro resultado: você ganhará sempre.

Menos simpaticamente, num artigo de opinião publicado num dos principais jornais do país, um conhecido cientista, bastante reputado, embora numa área mais biológica, e que nascera num país referenciado na tabela, escrevera, a rematar um artigo que demolia ponto por ponto as teses avançadas por Busbeck:

'Excelentíssimo doutor Theodor Busbeck, deixe que me dirija a si desta forma, apesar de não nos conhecermos pessoalmente. Doutor Busbeck, Vossa Excelência com este estudo e com as precipitadas conclusões que tirou de uma vasta — meritória, nesse sentido — acumulação de números, mostrou que não é verdadeiramente um cientista, mas sim, e desculpe dizê-lo publicamente, um louco.'

'Nesse sentido', dizia a última frase do artigo que toda a cidade lera, frase maldosa, terrível, 'nesse sentido não continuarei a argumentar consigo cientificamente, tendo apenas o cuidado de o aconselhar a internar-se — seguindo o seu próprio conselho, já que é

um especialista —, a internar-se, dizia, por exemplo, no reputado Hospício Georg Rosenberg, bem conhecido, aliás, de alguns ex-familiares seus. Desse modo, e só assim, no meio de pessoas altamente competentes, Vossa Excelência poderá recuperar o bom senso e a boa racionalidade. Com eles, estou certo, recuperará também a consideração científica dos seus pares, perdida por completo com os disparates religiosos que agora publicou.'

O artigo que terminava desta forma maldosa, mas que no resto era consistente e vinha de um cientista importante, marcou uma viragem significativa na recepção do estudo de Theodor Busbeck. Esse artigo inaugurou um conjunto de ataques às conclusões, pressupostos e métodos utilizados. O impacto inicial dos cinco volumes, que constituíam a investigação da vida inteira de Busbeck, desvaneceu-se com alguma rapidez, e em poucos anos aquela passou a ser referida como uma curiosidade de 'uma certa mente exótica' que retirou 'conclusões obscenas e insultuosas' sobre o futuro de alguns povos. 'O cidadão do ano' foi esquecido e ignorado intencionalmente nos anos seguintes. E nas décadas posteriores não surgiu qualquer interesse novo por aquela obra. A primeira edição não chegou a ser totalmente vendida, pese embora o impacto inicial, e as gerações seguintes poderiam encontrar um ou outro dos cinco volumes, perdido numa livraria de livros antigos e baratos; livros que juntavam temas tecnológicos ultrapassados a receitas gastronómicas já fora dos hábitos das pessoas e que, portanto, eram aquilo que o próprio livreiro designava como 'livros de outras gerações', livros que 'já não tinham o interesse que tiveram na altura'. Nas gerações seguintes, os cinco volumes da primeira edição — a única — do estudo de Busbeck nunca deram entrada numa daquelas livrarias, também de livros antigos, mas onde, a cada ano que passa, o volume vale mais, pela sua antiguidade. Duas gerações depois de Busbeck, um volume da sua investigação poderia ser comprado pelo preço de dois cafés.

Capítulo XXVIII

Kaas, Ernst, Gomperz

28 de Maio, manhã: Kaas Busbeck com os seus doze anos recentes dirige-se à sua escola, uma escola especial, extremamente cara, que o tem ajudado a melhorar a dicção e os movimentos da perna.

Numa outra rua da mesma cidade, Ernst Spengler, pai verdadeiro, mas não oficial de Kaas, dirige-se para o Hospício Georg Rosenberg, onde não entra há vários anos, não tendo sequer frequentado uma única vez as suas proximidades.

O rapazito Kaas Busbeck entra na escola e Ernst — o pai que nunca conheceu —, num outro ponto da cidade, prepara-se para entrar no escritório de Gomperz, o ainda director daquela que foi a sua casa.

Ernst esperou na recepção bastante tempo. O director já sabia da sua presença, já o reconhecera, como disse a secretária, mas 'estava a resolver um assunto. Atendia-o a seguir'. Ernst sentado num compartimento onde noutras vezes esperara também várias horas, olhava para todo o lado tentando recuperar imagens que há muito se infiltravam na sua cabeça e às quais resistia, pois traziam-lhe 'sensações negativas'. O facto de estar ali agora como visita e não como hóspede mudava, porém, a sua visão de cada pormenor.

Certos objectos mantinham-se exactamente no mesmo sítio, como se o tempo tivesse parado, ali, naquele espaço. A sensação, quando olhava para um cinzeiro que 'conhecera' há mais de dez anos, exactamente em cima daquele mesmo pequeno móvel era a de que estava a assistir a um acto de magia; como se o Georg Rosenberg e, em particular, o seu director, possuísem capacidades raras para travar a circulação normal do tempo. Recordava-se, aliás, de que a sensação mais comum sentida durante os anos em que ali estivera internado era essa: a de travagem. Naquele espaço tinham-no travado o tempo suficiente para ele regressar depois 'ao mundo' de uma maneira mais aceitável, isto é: a uma velocidade mais decente. Tratara-se, e Ernst percebia-o, agora, claramente, enquanto esperava pela audiência e os seus olhos se fixavam naquele cinzeiro colocado exactamente na mesma posição de há dez anos, tratara-se ali de uma questão de velocidade de acção. Agora estava mais velho; e no mundo, sim, mas

não no mesmo mundo. Quando era forte afastaram-no dos homens, agora que começava a ficar fraco atiravam-no para a vida real. Eis o que sentia. O mundo era agora mais forte porque ele perdera força.

Ernst nunca mais se cruzara com Mylia, e uma das razões 'positivas' que o haviam trazido ali, àquele sítio 'mau', era precisamente pedir ao *excelentíssimo* director Gomperz uma morada. Queria voltar a entrar em contacto com Mylia, perceber se ela via o filho Kaas com regularidade, perceber, enfim, se era possível, a ele, Ernst Spengler — um homem que pela lei nada tinha que o ligasse ao rapazito Kaas Busbeck —, encontrar-se com o filho, nem que apenas por umas horas. Em Ernst esta impaciência crescera nos últimos meses: ver o filho!

O seu filho Kaas seria saudável? Eis uma das questões que não o largava. Em outras coisas Ernst evitava até pensar.

Por outro lado nunca teria coragem de se aproximar do filho através do 'investigador' Theodor Busbeck, o ex-marido de Mylia. Este era um homem que sempre lhe suscitara pânico e uma sensação de inferioridade que impedia qualquer aproximação. Pensara bem sobre o assunto: queria localizar Mylia e esta certamente lhe permitiria chegar ao filho; vê-lo, falar com ele.

Este desejo de Ernst era, porém, atravessado por uma indisposição evidente: seria mais um regresso violento, talvez ainda mais violento do que voltar a ver aquele homem que não parara de o perseguir no sono: Gomperz. Ver Mylia era voltar a ver todos os dias passados no Georg Rosenberg; todos: um a um.

A porta abriu-se, finalmente: o director Gomperz.

Capítulo XXIX

Ernst, Gomperz, Mylia, Hinnerk

— Caro Ernst Spengler, há tanto tempo! Veja que não me esqueci do seu nome. Brilhante, você está com um aspecto ótimo.

Ernst Spengler enojou-se de imediato com a visão daquele homem; e ainda mais com o contacto daquela mão flácida, mas perturbante; *esta mão insulta*, pensou. Cumprimentaram-se com rapidez.

— Entre, caro Ernst Spengler, não é todos os dias que se recebe a visita de um antigo 'estudante'; entre e sente-se. Vamos falar um pouco. Tenho dez minutos inteirinhos para si. Peço-lhe desculpa por ter estado à espera, mas estamos, como sempre, com grande quantidade de trabalho: os clientes não param. Posso dizer-lhe que continuamos com poucas vagas para o número de pessoas que querem entrar. É o melhor índice para perceber se fazemos ou não um bom trabalho. Lembra-se dos anos em que esteve aqui? A taxa era também boa, mas ainda está melhor.

Ernst Spengler, que saudades de voltar a dizer alto o seu nome! Caro Ernst, você esteve na melhor clínica da cidade, e muitos anos depois, quantos?, sabe-me dizer?, já vou baralhando as datas, mas seguramente muitos anos passados posso dizer-lhe, com orgulho, que continuamos a ser os melhores.

Gomperz parou de falar.

Havia um certo nervosismo que Ernst percebeu. Não era apenas ele que estava assustado: naquele director e naquele discurso ininterrupto, logo no início, não existia somente uma ruidosa demonstração de autoridade e de 'manutenção de bom discernimento'; aquelas frases sucessivas haviam sido expelidas, era mesmo assim — expelidas — apenas para mostrar a Ernst que continuava na mesma: ele, o director, ali estava em pleno uso das suas faculdades físicas e mentais. Talvez aquele 'antigo hóspede' notasse uma aparência envelhecida, mas era enganadora; nem no exterior, ele, o director Gomperz, perdera faculdades. Continuava dominador, era essa, pelo menos, a única informação que naqueles primeiros minutos Gomperz tentara passar.

— Mas então, Ernst, diga-me o que tem feito, o que o traz aqui? Conte-me a sua vida. Interessamo-nos pelas pessoas que por aqui passam até estas morrerem. Somos como velhos professores primários. Todos os sucessos dos meninos são a prova de que trabalhámos bem. Somos meros professores primários de coração mole, Ernst Spengler, e acredite nisto que lhe digo: é com grande emoção que o revejo; e em tão boas condições. Diga-me então o que tem feito, em que trabalha?

Spengler permaneceu por instantes calado e, depois de uma curta resposta circunstancial, disse, numa mudança evidente do tom de voz:

— Precisava de o ver outra vez. Há muitos anos que não me sai da cabeça...

Gomperz interrompeu-o, pressentia o surgimento de uma certa agressividade; disse:

— É muito normal. Os tempos que aqui passou não foram fáceis, a sua cabeça não estava a funcionar em pleno, tivemos que actuar com alguma firmeza sobre si. Nada se faz sem uma certa ordem. Espero que não tenha levado nada para um campo, como dizer, não terapêutico, repare que...

— Antes de tudo — interrompeu Ernst -c— estou aqui porque quero a morada de Mylia.

— ...

— Sei que ficam com o registo.

Ernst e Gomperz calaram-se ao mesmo tempo. Gomperz, como era seu hábito quando se preparava para dizer algo de significativo, remexia com os dedos nos papéis pousados em cima da secretária:

— Desculpe, Ernst Spengler, mas não podemos fazer isso. É contra o nosso regulamento.

Ernst permaneceu calado, com o olhar fixo em Gomperz. Este continuou.

— Não podemos dar a morada de um antigo doente a outro. Só no caso de serem familiares directos, o que julgo não se verificar. De qualquer maneira não temos a morada de Mylia. Recordo-me bem dela, claro, mas perdemos totalmente o contacto. Não sabemos o que faz nem onde mora.

De novo o silêncio.

— Experimentou noutros sítios? Com o nome conseguirá facilmente a morada.

— Não consegui.

— Sinto muito — murmurou Gomperz ao mesmo tempo que se levantava da cadeira, numa manifestação inequívoca de que a audiência terminara. — De qualquer modo — continuou Gomperz — deixe aqui o seu contacto. Pode ser que se consiga, entretanto, por qualquer método, a morada de Mylia, e nesse caso certamente — e Gomperz sorriu com ar amistoso — se fecharia os olhos a certos excessos do regulamento.

Ernst, num movimento instintivo de obediência, de que logo se arrependeu, escreveu a sua morada e o número de telefone no papel que o director do Georg Rosenberg lhe estendera.

— O director sabe como era importante eu voltar a encontrar Mylia.

— Claro, Ernst Spengler. Não se preocupe. Não sou um coração de ferro, têm uma imagem errada de mim. Farei tudo para vos pôrem em contacto; esteja certo disso.

Ernst estava já do lado de fora do compartimento; virou-se:

— Sabe por que vim vê-lo?

Gomperz sorriu, o rosto, delicado, anunciava o seu estado de 'ouvinte'.

— Lembra-se — continuou Ernst — do que nos dizia muitas vezes: que a saúde mental de uma pessoa não estava no que ela fazia, mas sim naquilo em que ela pensava? Lembra-se de perguntar a cada um de nós: em que tens pensado? Lembra-se dessa pergunta, que nos metia medo? Se agora me fizesse de novo essa pergunta, agora que me sinto equilibrado, sabe o que lhe respondia? Que nos últimos dias tenho pensado em matá-lo. E precisava de o ver para acabar de vez com esta vontade. E de facto já não a tenho, passou-me por completo; acabou aqui. Director Gomperz, estive a observá-lo com algum cuidado, o seu rosto, os seus movimentos, não sei se já reparou: você é velho.

Um velho, entende? Se não o reconhecesse e me cruzasse consigo na rua seria tentado, apesar da minha fraqueza, a ajudá-lo a caminhar. Vou deixar de pensar em si, director. O perseguidor, afinal, é um velho. Percebe? O menino está contente, consegue entender isto?

Mylia morava no primeiro andar do número 77 da Rua Moltke. Sentada numa cadeira desconfortável pensava nas palavras fundamentais da sua vida. Dor, pensou, dor era uma palavra essencial.

Havia sido operada uma vez, depois outra, quatro vezes operada. E agora aquilo. Aquele ruído no centro do corpo, no miolo. Estar doente era uma forma de exercitar a resistência à dor ou a apetência para se aproximar de um deus qualquer. Mylia murmurou: a igreja está fechada de noite.

Quatro da manhã do dia 29 de Maio, e Mylia não consegue dormir. A dor constante vinda do estômago, ou talvez mais de baixo, de onde vem exactamente a dor larga, que não pertence a um ponto? Talvez da parte de baixo do estômago, do ventre. O certo é que eram quatro da manhã e ainda não descansara um minuto. Fechar os olhos quando se tem medo de morrer?

De tarde recebera aquele telefonema: o doutor Gomperz — há anos que não escutava aquela voz, o nojo que sentiu ao ouvir de novo o director do Georg Rosenberg.

— Vou dar-lhe a morada e o telefone de Ernst Spengler. Ele esteve aqui hoje de manhã e deseja muito falar consigo — foi isto que disse Gomperz depois dos cumprimentos 'afectuosos' e da 'alegria por a estar a ouvir novamente', e ainda a satisfação pela voz de Mylia 'revelar firmeza e saúde'.

Mylia teve vontade de dizer: queria agradecer-lhe o facto de não ter mais do que alguns meses de vida. Mas nada disse.

Por que telefonara ele, por que não pedira a um funcionário?

Todo o resto do dia foi desagradável. A voz daquele homem permaneceu nos seus ouvidos, perturbando-a como uma substância; quatro ou cinco vezes Mylia pôs o dedo indicador no interior do ouvido como que para limpar algo. Filho-da-puta!, murmurou.

A cabeça perdera subitamente as velhas manhas para evitar certos assuntos; a cabeça de Mylia descontrolara-se com aquele telefonema, a voz de Gomperz recolocara as coisas antigas em cima da mesa nova.

Tem de comer, lembrou-se Mylia da frase repetida vezes sem conta no refeitório, quando ela dizia não ter fome. A sua cabeça não parava: Georg Rosenberg, o portão do Hospício Georg Rosenberg, o livro que caiu ao chão, um estalo recebido porque 'o livro mais importante', a Bíblia, surgiu cheio de agrafos, quem fez isto?, a Bíblia com diversas folhas agrafadas entre si, folhas finíssimas com consecutivas palavras santas, como é possível tantas palavras seguidas serem consideradas santas?, que coincidência absurda, o grande livro do Georg Rosenberg com agrafos, violentíssima brincadeira material a acertar em cheio no que é mais santo, e depois a tentativa absurda — alguns loucos riram-se quando viram — de um funcionário tentando reabrir os agrafos sem estragar as folhas da Bíblia, Eclesiastes, cabrona!, São Marcos, São Lucas, Carta aos Romanos, Primeira Carta aos Coríntios, tudo agrafado, mulher maluca! E nos Coríntios: «O último inimigo a ser destruído será a morte», mas não era essa a frase, era esta: «Com que corpo voltarão?»

Mylia torce-se subitamente pois a dor veio de novo do seu miolo, quatro da manhã, impossível dormir: «Com que corpo voltarão?»

O doutor Gomperz aos domingos costumava, ele próprio, ler passagens da Bíblia aos doentes: a fé salva os pensamentos e salva o corpo. Sacrifica-te e serás recompensado, dizia. «Seremos transformados», Primeira Carta aos Coríntios, 15,51: «Vou revelar-vos um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados»; o doutor Gomperz, com a sua voz autoritária: Isto é ainda uma terapêutica, uma medicação: «e nós seremos transformados». São Mateus 4, 1: “Então o Espírito conduziu Jesus ao deserto, para ser tentado pelo Demónio. Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, e, depois disso, sentiu fome.”

“Depois disso, sentiu fome”, murmurou Mylia.

Mylia estava já na rua e tinha de entrar rapidamente numa igreja, era urgente. A morada de Ernst era para o mesmo lado, mas ela não queria encontrar Ernst Spengler. Há quantos anos não se viam? Não o queria encontrar: passei para outro mundo, não posso voltar atrás.

Olhou para o papel: morada, telefone. Ernst Spengler fora nos tempos do Georg Rosenberg aquilo a que se pode chamar um rosto bonito. Apaixonara-se devido ao rosto, uma mulher lê outras letras no rosto, um outro entendimento, murmurou Mylia; uma matéria dupla, uma segunda pele, uma pele emocional: o queixo estreito, os olhos virados para a frente como um general em batalha: *olhos que gesticulam*, observara uma vez. O beijo dado atrás das árvores no Georg Rosenberg; a excitação marcada no pescoço: Ernst Spengler é um homem bonito, disse-lhe a louca Glori, Mylia disfarçou, respondeu que não.

A noite quase deserta e Mylia cruza-se com um vagabundo.

Surpreendido o vagabundo diz que não sabe. Uma igreja?

“Levanta-te, toma o Menino e sua Mãe e volta para a terra de Israel, pois já estão mortos aqueles que procuravam matar o Menino.” São Mateus, 2, 20.

Sabe se estão fechadas a esta hora? As igrejas?

Os sapatos rasos no chão. De novo um rosto, mas não o do seu namorado; o rosto de Gomperz sim. A operação enérgica que lhe fizeram. No Georg Rosenberg ninguém morre na Primavera, não se preocupe, uma operação de rotina, disseram.

Pensou em Kaas, o filho: dias antes fizera doze anos. A mãe teve direito a vê-lo ao fim da tarde, belo rapaz; é claro que não: não era um belo rapaz: talvez o rosto sim, como o de Ernst Spengler, um belo rosto como o do pai, Ernst Spengler, mas o resto não: aquele coxear ridículo, a dicção, o meu filho deve ser protegido do ridículo, não deve andar à frente dos outros: que se sente e espere até ser adulto.

Por vezes esse pensamento vinha, nada o conseguia evitar: não sentia muito pelo filho, afastara-se emocionalmente: quem é ele para

mim?, roubaram-mo! Kaas éum nome bonito, dizia, mas não tinha orgulho nele.

— A igreja está fechada. Sabe que horas são? Quase cinco da manhã. E não deveria estar aqui. De noite esta zona é má, é uma zona perigosa.

— ... só queria entrar na igreja — disse Mylia.

Regresse às oito, disse o homem.

— Há alguma igreja que ainda esteja aberta?

A fome concreta surgiu em Mylia; e essa dor começou a confundir-se com a dor que os médicos garantiam ser o começo da morte. Só poderá viver mais tempo se ocorrer um milagre; *pela medicina morre*.

No São Mateus é dito que os Magos, depois de prestarem homenagem ao Menino, «regressaram à sua terra», mas «seguindo por outro caminho». Depois de verem o Menino não regressaram pelo mesmo caminho.

Mylia afastou-se dali para, encostada a uma árvore, urinar. Regressou depois, mas foi pelo outro lado, para as costas da igreja.

Ela percebia, claramente, que àquela hora da noite, ali, junto à igreja, estavam em competição duas dores, duas dores grandes, a dor que a ia matar, a dor má — assim ela a designou — e, do outro lado, a dor boa, a dor do apetite, a dor da vontade de comer, dor que significava estar viva, dor da existência, diria. Como se o estômago fosse, naquele momento, ainda em plena noite, a evidente manifestação da humanidade e das suas relações ambíguas com os mistérios de que nada se sabe. Estava viva, e essa circunstância doía mais, naquele momento, de um modo objectivo e material, doía mais do que o facto de ir morrer, morte anunciada por uma dor agora secundária. Como se naquele momento fosse bem mais importante comer um pão do que ser imortal.

Mylia olhou para todo o lado: onde poderei comer a esta hora?

Agora, nas costas da igreja, Mylia pegou no giz que trazia no bolso e escreveu, com letras de tamanho pequeno, quase imperceptível: fome.

Sentiu novamente uma intromissão forte do estômago, da dor. Baixou a mão, deixou cair o giz, e pouco a pouco começou a caminhar em direcção a outra rua. Estava com fome, a dor começava a tornar-se insuportável.

Cada vez a acelerar mais o passo, Mylia ia pensando, quase divertida, Estou cheia de fome, já não vou morrer! Impossível morrer

com fome.

Mylia, de facto, sentia-se segura, estranhamente: aquela dor de fome era uma garantia de imortalidade pelo menos momentânea. *Não posso morrer, assim, de repente, da outra dor, se esta dor agora está tão forte.* E sentindo-se assim, segura, tentava esquecer o estômago. Se comer esta dor passa, e depois vem a outra e, dessa, morro.

Lá ao fundo uma luz; talvez um café já aberto; ao seu lado direito uma cabine telefónica. Parou, dirigiu-se à cabine. A dor no estômago não acaba, preciso de comer alguma coisa rapidamente senão morro, murmurou Mylia. E riu-se.

Mas subitamente parou de rir, e num movimento lento tirou do bolso o papel onde guardava o número de telefone de Ernst. Pegou nas moedas, pôs uma na ranhura, marcou um número: o sinal de linha começou. Ninguém atendia. Quatro, cinco, seis.

Ernst estava sozinho no seu sótão, já com a janela aberta. Passava das cinco da manhã, 29 de Maio. O dia anterior fora excessivo. Em Ernst algo regressara intensamente, o reencontro com Gomperz havia deslocado a sua *energia negra*, não terminara com ela.

Abrira a janela há vários minutos, o ar entrava no compartimento e insinuava-se pelos móveis, pousando um pó não visível sobre as coisas; em pouco tempo o exterior e o interior da casa pareciam ter encontrado uma nova organização que os juntava, dissolvendo-se as duas partes numa única. O ar frio e algo desagradável da noite já não entrava, pois agora não existiam dois lados.

A cabeça de Ernst demasiado agitada. Os pensamentos e as imagens sucediam-se — uma entrava dentro das outras não permitindo que a anterior permanecesse do princípio ao fim, intacta. A sua forma de pensar parecia ter encolhido, não terminava um raciocínio porque logo outro ocupava o centro, na cabeça. Havia, porém, uma expectativa crescente, um convite à acção: a janela tinha espaço suficiente para um corpo, e o seu corpo queria agir, entrar pelo que parecia cada vez mais uma sedução violenta da arquitectura, da disposição do mundo em relação a um simples homem que, naquela noite — 29 de Maio — não consegue dormir.

Subitamente o telefone tocou. Ernst ficou quieto e de uma vez aquela sucessão de imagens e pensamentos caiu, como se tudo constituísse um objecto que, num instante, desapareceu. Com um pequeno passo recuou para próximo do telefone.

Os toques sucederam-se: cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, catorze, Ernst atendeu.

Do outro lado do telefone alguém diz: Ernst, és tu? Estou ao pé da igreja.

E de repente o ruído de um corpo a cair.

Era a voz de Mylia.

Ernst agarra em Mylia — que começa a recuperar os sentidos — e ainda ofegante, depois do que correu até ali, acaricia-lhe o rosto com o dedo indicador.

Mylia sorri; a voz transformara-se num corpo, Ernst encontrou-a porque veio por um caminho não material.

Mylia pensa: reconheci a tua mão calma.

— A tua mão direita não secou. Vês a minha? Também não secou.

Ernst pede a Mylia que não fale, tenta levantá-la, não consegue.

Por onde tens andado?, pensa Mylia.

Abraçam-se. Ernst tenta de novo levantá-la. Não consegue. Ouve-se uma voz:

— Precisam de ajuda?

Os dois viram a cabeça. É um homem, oferece ajuda. Esse homem chama-se Hinnerk Obst e nessa mesma noite acabou de matar um rapazinho chamado Kaas; Kaas Busbaaak, como dizia o próprio rapazinho.

— Sim — disse Ernst ao homem. — É uma amiga, desmaiou. Ajude-nos.

Capítulo XXX

Ernst, Mylia, Hinnerk, Theodor, Hanna

— Está fraca — disse Ernst.

— Eu ajudo — disse Hinnerk.

Os dois homens, um de cada lado, conseguiram erguer Mylia. Com o peso praticamente concentrado em Hinnerk, ela foi levada para um banco do jardim, alguns metros mais à frente.

— Sente-se — murmurou Hinnerk. Mylia sentou-se. — Obrigado — agradeceu Ernst —, tenho pouca força na perna.

Mylia estava cansada, fez o gesto de quem falará em breve.

— Como se chama? — perguntou Ernst.

— Hinnerk Obsto

— Obrigado pela ajuda. Agora pode deixar-nos à vontade. Somos velhos amigos. Não perca mais tempo.

Hinnerk sorriu, fez uma expressão demonstrando que não havia problema, que não tinha pressa: ficaria ali o tempo que fosse preciso.

À medida que os instantes passavam em Hinnerk aparecia, finalmente, a sensação de alívio: a sua agressividade diminuía. Aquela sensação de *estar a ajudar alguém*, por pouco significativa que fosse essa ajuda, parecia ter modificado algo no seu organismo: *um desvio da excitação*. Agradava-lhe aquela disposição para ser útil e agradavam-lhe os olhares simples daquele casal. Habitara-se a pessoas, e principalmente a crianças, olhando para ele com medo, troçando das suas olheiras, do seu *ar de assassino*, como repetiam.

Pelo contrário, aquele casal estava contente por o ver; ou pelo menos nos primeiros instantes tal havia sido evidente; agora Hinnerk começava a sentir que o homem e a mulher queriam estar sós, queriam falar. Eram amigos, não o conheciam: aquela era uma reacção normal.

Num movimento pouco claro para ele próprio, mas cujo impulso era praticamente infantil — o impulso de *querer impressionar* —, Hinnerk, estranhamente, levantou a camisa e tirou a arma das calças, dizendo, num tom nada agressivo, no tom de quem exhibe algo a crianças:

— Trago uma arma.

Ernst e Mylia recuaram de imediato o tronco, assustados.

Entretanto, depois de Hinnerk se ter afastado da Rua Klirk Purch em direcção à igreja, a prostituta Hanna e o doutor Theodor Busbeck haviam subido para um dos quartos da pensão.

A pensão não era miserável, mas estava muito longe da marca elegante das casas de prostituição de luxo que Theodor Busbeck facilmente poderia frequentar, sendo que essas tinham a vantagem de uma muito maior discrição.

No entanto, como se disse já, o investigador Theodor Busbeck não temia ser visto naquela rua de prostitutas vulgares. Era um homem divorciado, que não respondia perante nenhuma mulher. Tinha um filho, e sabia educá-lo; e o facto de frequentar prostitutas de rua não interferia nessa educação. Sou um homem, pensava Theodor, numa espécie de afirmação óbvia e biológica que para ele anulava qualquer constrangimento moral. E aquela sujidade, aquela sensação de perigo que nas ruas vulgares e nos sítios das prostitutas vulgares ele sentia, era algo que não poderia ser repetido num discreto e luxuoso bordel. Theodor Busbeck, exactamente como o seu pai, Thomas Busbeck, ganhara o vício — ele tinha a plena noção disso — de frequentar aquele tipo de locais. A percepção de que se afastava do seu meio rico, culto, de palavras delicadas, de verbos correctamente colocados na frase, para entrar num outro, onde as mulheres e os homens manifestavam a sua ignorância a cada momento, dizendo frases obscenas, sem qualquer reserva, falando numa gramática incorrecta, popular, com uma pronúncia que facilmente se verificava não ser da cidade, mas da província, do campo — tudo isso o excitava. Não era apenas a excitação sexual que inequivocamente aquelas mulheres lhe provocavam: a entrada neste outro mundo era também consequência de um instinto de 'investigador', como ele próprio explicava aos amigos; instinto esse que conduz o corpo em direcção ao que lhe é menos familiar. A qualquer investigador só deve interessar o estranho, o outro mundo, dizia Theodor. E ele acreditava que nada se descobre se não se passar por um certo perigo.

Theodor Busbeck, naquelas investidas nocturnas pelas piores ruas da cidade, nunca deixava de estar dominado por um forte sobressalto e por um medo constante. Poderia ser roubado a qualquer altura, homens de aspecto agressivo cruzavam-se frequentemente com ele; receava pois um desentendimento qualquer, um pretexto para o maltratarem, aproveitando o facto de ele não ser um homem físico, de não estar habituado ao confronto corporal directo, facto que era visível à distância. Busbeck não conseguia deixar de frequentar estas pensões, mesmo sentindo que um dia podia ser morto — não seria a primeira pessoa assassinada naquelas ruas.

Mas lá estava ele, naquela noite, mais uma vez, com a sua curiosidade: à procura de novas mulheres, de mulheres diferentes. E naquela noite a mulher era Hanna, mulher que o fascinara fisicamente e lhe marcara um encontro; mulher decidida, que dá ordens, e que, agora, ali, à sua frente, com a saia curta a excitá-lo, abre a porta do quarto da pensão e o convida a entrar.

— Entre, senhor.

Enquanto junto à igreja um pequeno grupo — dois homens, Hinnerk e Ernst, e uma mulher, Mylia — se ri já e brinca com a arma, que agora está na mão de Mylia, que lhe sente o peso, a forma do gatilho (nunca tinha visto uma arma antes, diz), enquanto isso, então, à mesma hora, nessa noite de 29 de Maio, num outro ponto da cidade, numa rua movimentada, Theodor Busbeck, ex-marido de Mylia, observa, excitado, uma prostituta chamada Hanna que se começa a despir no quarto número 14 de uma das pensões frequentadas pelas prostitutas da Rua Klirk Purch.

Hanna despiu primeiro a parte de cima da roupa e, depois de tirado o sutiã, as suas mamas de imediato descaíram, flácidas, quase até ao começo da barriga. Theodor estava a cerca de dois metros e olhava-lhe para o corpo mantendo um sorriso, ao mesmo tempo que, lentamente, ele próprio se despia, começando por desapertar os botões da camisa.

No entanto, uma sensação desagradável começava a ganhar força em Theodor Busbeck. Com aquela luz clara, ele conseguia finalmente ver com nitidez a mulher: o rosto que lhe parecera perfeito e jovem, olhando com mais atenção, e com a luz a desmascarar as pinturas, era afinal um rosto simples, sem qualquer defeito, mas com rugas, algumas delas ostensivas. Os seios, entretanto, soltos, descaíam agora rudemente sobre a barriga e os mamilos eram quase inexistentes. Aquela mulher era velha: há poucos horas a Theodor parecera-lhe ter vinte anos, agora era para ele evidente que aquela mulher talvez tivesse cinquenta. E de repente, a mulher despiu a saia e baixou as cuecas. Theodor, que não parava de a olhar, sentiu um arrepio e deu um ligeiro passo atrás, quase imperceptível. Tendo os pêlos púbicos rapados por completo, aquela mulher exibia os genitais, enrugados, no topo de pernas moles, flácidas, cuja carne quase parecia escorrer como se não fosse sólida. E mesmo ao lado daqueles genitais obscenos, explícitos, vermelhos, velhos: uma mancha preta, uma enorme mancha preta,

maior do que o tamanho da mão de Theodor, uma mancha preta na parte interior da coxa.

Hanna sentiu que o seu cliente olhava para 'aquilo', e teve necessidade de dizer: foi uma queimadura; mas Theodor Busbeck já nem ouviu. Estava aterrado.

No outro ponto da cidade, entretanto, é Mylia que tem a arma na mão. O pequeno grupo diverte-se. Mylia aponta a arma em direcção àquele homem, Hinnerk, que os ajudou. Ela já não quer estar a sós com Ernst, não quer recordar os tempos do Hospício Georg Rosenberg, não quer conversas sobre o passado, não quer que Ernst lhe pergunte pelo filho, não quer pensar no filho, quer ficar ali a brincar com a arma, naquela noite, até a igreja abrir, ao lado daquele homem que os ajudou e tem olheiras grandes.

E Mylia, a cada momento que passa, parece virar toda a sua atenção para aquele homem, ignorando Ernst. Está arrependida, não deveria ter telefonado. Georg Rosenberg terminou há muito, a mão não secou e não é o momento de falar com Ernst; e nunca será o momento. Mais do que isso, Mylia percebera-o naquele instante: desejava que Ernst esquecesse Kaas, que nunca mais o visse. Mylia tinha também vergonha de Ernst Spengler.

Virou-se na direcção daquele homem, Hinnerk: se eu agora fizer força no gatilho isto dispara?, pergunta Mylia, que se esqueceu das dores, da fome. Hinnerk responde que não. Ri-se, explica como é: Tem de levantar esta alavanca. Hinnerk levanta a alavanca, Ernst ri-se, Mylia aponta a pistola para Hinnerk, agora isto dispara?, pergunta. Hinnerk responde que sim, Mylia mantém a pistola apontada à cabeça de Hinnerk. E se eu disparar? pergunta Mylia àquele homem que estranhamente a começa a atrair e a excitar. Dispare — diz Hinnerk, divertido —, dispare!

Capítulo XXXI

Mylia

Mylia tem quarenta e oito anos e está fechada na cela de um hospital-prisão. Tem ainda alguns anos de pena para cumprir e, segundo os médicos, 'era para estar já morta' há muito tempo, pois a evolução da sua doença assim o parecia determinar.

Tal como o seu antigo marido repetira vezes sem conta, o terceiro índice da saúde não vinha dos homens nem das suas técnicas, e era esse que Mylia alcançara.

Ela estava viva porque sucedera um milagre, *um acontecimento espiritual e não terapêutico*.

A dor no ventre mantém-se — uns dias mais forte outros dias mais atenuada — mas Mylia está viva e habituou-se ao modo de se ligar àquela dor e à doença desenvolvida no Hospício Georg Rosenberg.

'Se eu me esquecer de ti, Georg Rosenberg...'

E, de facto, era impossível Mylia esquecer-se. A minha mão direita não secou, pensava por vezes, ao mesmo tempo que acariciava o próprio pescoço.

A vida na prisão, aliás, e a sua disciplina de horários, lembrava bastante os tempos do hospício. O horário certo para acordar, as actividades discriminadas ao longo do dia de modo a evitar tempos vazios que pudessem provocar 'pensamentos imprevisíveis', os momentos do almoço e do jantar, as reuniões entre as pessoas, uma certa promiscuidade verbal, os segredos que partilhava com uma ou outra prisioneira tal como fizera com uma ou outra companheira vlouca do Georg Rosenberg, enfim, havia naqueles dois períodos da sua vida uma semelhança impressionante, parecendo-lhe muitas vezes que aqueles anos eram a repetição, apenas a repetição, do que vivera no passado. Já nada a podia chocar.

No entanto, uma diferença importante: naquele segundo período, naquela espécie de cópia dos dias do Georg Rosenberg, não havia um homem: Gomperz.

O director da prisão era praticamente invisível, Mylia vira-o uma ou duas vezes: não interferia nas actividades dos presos. Foi assim

alguém por quem rapidamente sentiu amizade, e a causa foi apenas esta: a ausência. Esse homem era invisível, não aparecia. Mylia estava-lhe reconhecida.

Ela fora condenada por 'assassínio de um indivíduo adulto de nome Hinnerk Obst na noite de 29 de Maio do ano...'. Com uma bala na cabeça.

Quando alguém lhe perguntava por que razão estava presa, Mylia respondia sempre com estas palavras, exactas, como se as tivesse decorado num exercício escolar:

'assassínio com pistola de um indivíduo adulto de nome Hinnerk Obst na noite de 29 de Maio...'

Na mesma noite o seu filho, Kaas, havia sido assassinado de forma tão violenta que ninguém se atrevera a relatar-lhe pormenores. O assassino nunca fora identificado.

Capítulo XXXII

Mylia, Ernst, Hinnerk

Mylia riu-se e baixou a arma. Ernst a seu lado pede-a. Brinque com ela, disse Hinnerk.

Ernst segurou na arma: é pesada, disse.

Nada de especial, murmurou Hinnerk. Na guerra cheguei a pegar em metralhadoras que pesavam pelo menos cinquenta vezes o que pesa essa arma.

Esteve na guerra?, perguntou Mylia.

Sim, respondeu Hinnerk.

Matou gente?, perguntou Mylia, cada vez mais excitada com a situação, com aquele homem, com a dor no estômago que tinha voltado; seria fome ou a outra dor?

Claro que matei gente, disse Hinnerk.

A sério?, disse Mylia.

Claro, respondeu Hinnerk.

De repente um estrondo rebenta com a cabeça de Hinnerk.

Ernst está com a pistola na mão, a tremer: a bala saiu.

Que fizeste estúpido!, diz Mylia. Mataste o homem.

Mylia grita; Ernst subitamente vira as costas e começa a fugir o mais rápido possível, com a sua perna direita naquela volta mais larga, inútil, ridícula:

— Filho-da-puta! — grita Mylia.

Mylia cala-se, a arma está no chão, Ernst já desapareceu.

Olha para baixo e vê aquele homem com a cabeça desfeita. Estúpido, murmura, desastrado! Ernst estúpido, louco!

Mylia tenta pensar, tenta perceber o que deve fazer. Em breve chegará gente, alguém ouviu de certeza, não há casas em redor, mas alguém de certeza ouviu, pensa Mylia. Pelo menos na igreja. Aí devem ter ouvido.

Ela escuta agora ruídos vindos da igreja. Mais ruído da igreja; porém, depois, termina; ninguém sai. O que se passa?, pensa Mylia, ninguém vem?

Já passou muito tempo e ninguém veio. Ninguém ouviu? Dentro da igreja estão com medo, pensa.

Mylia está praticamente na mesma posição desde há minutos e agora dobra-se, pega na arma, agarra-a com força, e começa a caminhar em direcção à porta da igreja. Ainda é de noite, mas uma breve claridade começa, algures, a surgir. Que horas são? Não sabe.

Mylia está em frente à porta da igreja, os braços estendidos ao longo do corpo, algum sangue que lhe saltou para a roupa; na mão direita segura a arma. Imóvel há longos minutos, a dois metros da porta principal da igreja, com a arma apontada para baixo. A dor do ventre quase desapareceu porque Mylia ainda está em jejum, uma fome enorme no organismo, só consegue pensar em comida, pão, leite. O dia parece estar a amanhecer, Mylia sente-se desmaiar, mas resiste. A dor da fome parece estabilizar, quase a esquece também. De repente escutam-se ruídos vindos de dentro da igreja, detrás da porta principal; alguém está ali, finalmente, do outro lado da porta, a dois metros de si.

O som de uma chave na fechadura, alguém abre ligeiramente a porta, muito pouco: ela vê uns olhos a espreitar na sua direcção, com medo, cautelosos. Mylia sente que não suporta mais, sente-se a desmaiar, a mão direita tensa segura a arma. De dentro da igreja os olhos não a largam, mas ainda não abriam a porta. Mylia tem de falar para quem está do outro lado da porta da igreja. Ganha forças. Procura dentro do corpo a voz mais firme:

— *Matei um homem* — diz Mylia. — *Deixam-me entrar?*

Os Cadernos de Gonçalo M. Tavares

O REINO

H exercícios para treinar a verdade como, por exemplo, ter medo. Ou então ter fome. Depois restam exercícios para treinar a mentira: todos os grupos são isto, e todos os negócios. Estar apaixonado  outra forma de exercitar a verdade.

Klaus comandava pela primeira vez os negócios da família. Não tinha medo, nem fome, nem estava apaixonado. Cada dia era, pois, um exercício novo da mentira. Já tinha feito a vida real (tinha-a feito como se faz uma construção, algo material), agora começara o jogo: ganhar mais dinheiro ou menos.

Nada de essencial; mas a mentira interessante é aquela que quase parece verdade. Klaus sentia a necessidade de transformar aquele jogo em algo fundamental. E faria isso até ao fim. Como fizera antes na guerra e na prisão. Quase que não via, aliás, diferenças nas três situações: era preciso ganhar ou não perder, e ele estava são. Eis tudo.

A MÁQUINA DE JOSEPH WALSER

Não tinha sequer uma pistola, mas eliminara a grande fraqueza da existência, fizera desaparecer a primária fragilidade da espécie: não possuía qualquer inclinação para o amor ou para a amizade! E nesse momento, a caminhar em plena rua, desarmado, observando de cima os seus sapatos castanhos, velhos, sapatos irresponsáveis como troava Klover, nesse momento Walser sentia-se tão seguro — e ao mesmo tempo ameaçador — como se avapasse dentro de um tanque pela rua.

Porém, subitamente, deu um salto para o lado. Quase pisara uma massa alta. Era um homem. E estava morto.

JERUSALÉM

Hanna desceu finalmente dos seus bicos de pés e deixou de se ver ao espelho. Guardou o bisturi estético e pegou na sua pequena mala preta. Estava, juntamente com seis outras mulheres, num rés-do-chão da Rua Georg-Lenz.

— Vou sair — disse. — São três da manhã, se não chegar até às seis é porque alguém me matou. — E dando uma risada, bateu com a porta.